



Escola de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Antropologia

A Rua e o Bairro na Construção da Imagem de Lisboa

Bruno Miguel Santos Gomes

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Antropologia

Orientador(a):
Doutora Graça Índias Cordeiro, Professora Auxiliar com Agregação,
Instituto Universitário de Lisboa ISCTE/IUL

Setembro, 2011

AGRADECIMENTOS

Apesar das reduzidas dimensões, este trabalho não teria sido possível sem os muitos contributos, críticas e comentários que recebi e que me ajudaram a cimentar ideias e a trilhar caminhos.

À Professora Graça Cordeiro quero agradecer ter orientado este projecto e a disponibilidade e paciência com que sempre o acompanhou.

Quero também deixar um agradecimento aos docentes do curso de mestrado, em particular o Professor António Medeiros cujos comentários e incentivo foram determinantes no momento em que o projecto se encontrava numa fase ainda muito embrionária.

Não posso também deixar de agradecer aos colegas de curso com quem partilhei e discuti ideias, problemas, angústias e que sempre souberam contribuir e incentivar.

À família e amigos pela amizade e pela paciência que souberam manter apesar das ausências.

Por fim, à Ana, a quem tanto devo, quero agradecer o companheirismo, o constante apoio e incentivo e, sobretudo, a paciência.

A todos, muito obrigado.

RESUMO

Parece ser quase impossível falar da cidade de Lisboa sem falar também dos seus bairros históricos, típicos, populares, aqueles que povoam os imaginários, que marcam o ciclo anual festivo da vida da cidade, que são uma das suas maiores atrações turísticas e que, por isso, desempenham um papel importante na construção da imagem da cidade.

A intenção deste trabalho é, em primeiro lugar e através da análise de guias turísticos, perceber a que bairros cabe o privilégio de representar a cidade, ou seja, que bairros se podem considerar emblemas de Lisboa, o que os caracteriza e que papel desempenham eles na construção de uma determinada imagem da cidade para, posteriormente, no terreno, o Bairro da Bica, e nas políticas de gestão urbana, perceber se e em que medida essa imagem construída pelos discursos turísticos, ou em função deles, conforma as transformações que de há alguns anos a esta parte têm vindo a ocorrer naquele bairro e que têm implicações, não só ao nível do espaço urbano e dos usos sociais do espaço público, mas também no campo das representações.

Palavras-Chave: Antropologia Urbana, Etnografia Urbana, Turismo, Cidade, Bairro, Rua, Guias turísticos, Imaginários, Transformação.

Disciplina: Antropologia

ABSTRACT

It seems almost impossible to talk about Lisbon without talking about the city's historical, popular, typical neighborhoods, those neighborhoods that live in the popular imaginary, those around which revolves the city's annual festivities cycle, that are one of Lisbon's main tourist attractions and those that, because of all these, play an important role in the construction of the image of the city.

The intension of this work is, first, to understand, through the analysis of travel guides, which neighborhoods are considered as representative of the city, which neighborhoods are emblematic and why and which part do they play in the construction of a certain image of the city. Afterwards, in the field, Bairro da Bica, and in Lisbon's Urban Management Policies, it intends to understand if and in which way, the images constructed by touristic discourses act as a mold for the changes that, since the late 1990's, have been occurring in that neighborhood and that have impacts not only in what regards the urban space and the social uses of urban space but also in the field of representations.

Key Words: Urban Anthropology, Urban Ethnography, Tourism, City, Neighborhoods, Street, Travel Guides, Imaginary, Transformation.

Discipline: Anthropology

ÍNDICE

<u>INTRODUÇÃO</u>	1
<u>Objectivos</u>	4
<u>Fontes e Métodos</u>	6
<u>Período em Análise</u>	9
<u>Estrutura da Dissertação</u>	10
1. <u>NOS GUIAS TURÍSTICOS</u>	11
1.1. <u>Os guias turísticos</u>	13
1.2. <u>This is Lisbon: uma panorâmica da cidade</u>	18
1.3. <u>Lisboa por áreas</u>	21
1.4. <u>A rua e o bairro na imagem de Lisboa</u>	27
1.4.1. <u>A história</u>	29
1.4.2. <u>O relevo e as vistas</u>	33
1.4.3. <u>Fado & Food</u>	35
1.5. <u>A rua e o bairro na construção da Lisboa dos guias</u>	37
2. <u>O DISCURSO INSTITUCIONAL</u>	41
2.1. <u>As Políticas do Território</u>	41
2.1.1. <u>As Políticas Culturais</u>	45
2.1.2. <u>As Políticas do Turismo</u>	48
2.1.3. <u>O Bairro nas políticas de gestão Urbana</u>	51
3. <u>A BICA</u>	53
3.1. <u>O Bairro</u>	53
3.2. <u>O Ascensor da Bica</u>	56
3.3. <u>A Bica nos guias</u>	58
3.4. <u>A Bica nos Discursos Institucionais</u>	64
3.5. <u>No Terreno</u>	68
3.5.1. <u>Pelas Ruas da Bica</u>	69
3.5.2. <u>Os Santos Populares</u>	76
3.6. <u>Uma Panorâmica do bairro da Bica</u>	80

<u>CONCLUSÕES</u>	83
<u>FONTES</u>	93
<u>Guias Turísticos de Lisboa</u>	93
<u>Guias e Roteiros da Bica e zona envolvente</u>	94
<u>Imprensa</u>	94
<u>Fontes Institucionais</u>	95
<u>Blogs</u>	96
<u>Filmografia</u>	97
<u>BIBLIOGRAFIA</u>	99
<u>ANEXOS</u>	103
<u>Anexo A (Índice dos Guias Turísticos)</u>	103
<u>Anexo A (Continuação)</u>	104
<u>Anexo A (Continuação)</u>	105
<u>Anexo B (Quadro Lisboa por áreas)</u>	106
<u>Anexo C (Mapa de Visitas ao Bairro da Bica)</u>	107
<u>Anexo D (Quadro de Classificações das Marchas Populares – 1934-2011)</u>	108
<u>Anexo D (Continuação)</u>	109

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1.1 - Quadro resumo: Índices de 3 dos Guias Turísticos analisados.....	18
Figura 1.2 - Gráfico das áreas emblemáticas de Lisboa.....	22
Figura 1.3 - Mapa Bairro Alto / Estrela.....	23
Figura 1.4 - Mapa da Cidade segundo os guias turísticos analisados.....	24
Figura 2.1 – Factores de diferenciação turística de Lisboa.....	49
Figura 3.1 - Mapa da Bica.....	66
Figura 3.2 – Planta de Localização dos Espaços Comerciais da Bica.....	74
Figura 3.3 - Rua da Bica Duarte Belo, Arraial dos Santos Populares, Junho de 2011... ..	78
Figura 4.1 - Lista de Classificação das Marchas de Lisboa.....	85
Figura 4.2 - Lista de Classificação das Marchas de Lisboa.....	86

Abreviaturas:

ANA06	- Your Guide, Lisboa. 2006
BP10	- Lisbon pocket guide. 2010
BUC02	- Lisbon: A cultural and literary companion. 2002
DK08	- DK Eyewitness Travel Guide: Lisbon. 2008.
e-AWG	- All World Guides – Lisboa. http://www.allworldguides.com
e-FLTG	- Fodors Lisbon Travel Guide. http://www.fodors.com/world/europe/portugal/lisbon/ .
e-GC	- Guia da Cidade. s.a. http://www.guiadacidade.pt/pt/s/all/bica
e-GL	- Go Lisbon. http://www.golisbon.com
e-SW	- Strawberry World - Lisbon. http://www.strawberryworld-lisbon.com/pt .
e-TP	- TripAdvisor Lisboa. http://tripadvisor.es
e-VL	- Visit Lisboa. http://www.visitlisboa.com/
EST01	- Lisboa. Guias Mapa. 2001.
EVE05	- Lisboa. Vive e Descubre. 2005
LP05	- Europe on a SHOestring: PORTUGAL. 2005
LP09	- Lisbon Encounter 2009
PDM94	- Plano Director Municipal de Lisboa, 1994
PDM10	- Proposta de Revisão do Plano Director Municipal de Lisboa, 2010
PMOT	- Planos Municipais de Ordenamento do Território
PP	- Plano de Pormenor
PU	- Plano de Urbanização
RG04	- Rough Guide Directions Lisbon 2004
TBG98	- The Best Guide: Lisboa. 1998
WAL07	- Lisbon Wallpaper Guide, 2007

INTRODUÇÃO

Será que Lisboa é uma cidade de bairros?

Se se procurar no imaginário popular lisboeta, a resposta a esta questão é claramente sim, Lisboa é de facto uma cidade de bairros e testemunhos disso mesmo são as marchas populares que, todos os anos no mês de Junho, por ocasião das Festas dos Santos Populares, se exibem numa das mais importantes artérias de Lisboa, a Avenida da Liberdade e no Pavilhão Atlântico.

Para além deste momento festivo que ciclicamente marca a vida da cidade, momento em que os bairros e os bairrismos atingem o seu ponto de visibilidade máxima, também nos deparamos com uma Lisboa de bairros nos inúmeros poemas e canções dedicados à cidade e onde o fado, a canção de Lisboa por excelência, desempenha um papel particularmente importante. São inúmeros os fados que, saídos da pena e da voz de nomes como Alfredo Marceneiro, Ary dos Santos, Carlos do Carmo, David Mourão Ferreira e Paulo de Carvalho, entre muitos outros, cantam a cidade de Lisboa e os seus bairros populares (Branquinho Pequeno 2009).

Esse imaginário de uma cidade feita de bairros também se vê reflectido no cinema. *Dans La Ville Blanche* (Tanner 1984) ou *Lisbon Story* (Wenders 1994) são dois dos muitos filmes que encontram no acidentado do terreno, nas ruas estreitas e sinuosas, nas casas coloridas e nas imagens pitorescas o cenário para as histórias que se propõem contar, testemunhando e, simultaneamente, reforçando a importância que os bairros populares de Lisboa têm para a cidade.

Essa importância, esse protagonismo dos bairros nos modos de representar a cidade, não se limita apenas aos imaginários populares e às representações artísticas. Também nas ciências sociais, nas políticas de gestão urbana e no sistema turístico eles se assumem como elementos centrais de análise científica, de intervenção urbana e de promoção e atracção turística da cidade.

Desde há muito que as cidades se apresentam como objectos de estudo e de discussão multidisciplinares (Frúgoli Jr 2009). Se é verdade que, Robert Park e Ernest Burgess, sociólogos da escola de Chicago, já tinham a sua atenção voltada para as cidades desde meados dos anos 1920, o que resultou na publicação de *The City: Suggestions for Investigation of Human Behavior in the Urban Environment* (Park and Burgess 1984), também é verdade que, só na década de 1960, fruto do culminar dos processos de descolonização e do aumento dos fluxos migratórios em direcção às

idades e do conseqüente aumento do que se viria a chamar problemas urbanos, como a pobreza e a etnicidade, que os antropólogos começaram a voltar a sua atenção para as questões urbanas (Hannerz 1983). Segundo alguns autores, é a partir da publicação da obra colectiva *Urban Anthropology. Research Perspectives and Strategies* (Eddy 1968) que se pode começar a falar em antropologia urbana (Hannerz 1983; Cordeiro 1997). A partir desse “momento fundador”, e no decorrer da década seguinte, surgiram uma série de títulos dedicados a este novo campo de estudos entre os quais se podem destacar, *Anthropology of the City: An Introduction to Urban Anthropology* (Eames and Goode 1977) e *Exploring the City: Inquiries Toward an Urban Anthropology* (Hannerz 1983).

Em Portugal, as problemáticas urbanas só mais tarde começaram a despertar o interesse dos antropólogos e é só a partir da década de 1990 que se pode começar a falar de antropologia urbana uma vez que, até então, com excepção de algumas incursões por terrenos urbanos, como são os trabalhos de Joaquim Pais de Brito sobre o fado e o de João de Pina Cabral sobre a família burguesa portuense, havia “uma inibição total, por parte dos profissionais, relativamente à relevância das realidades urbanas” (Joan Pujadas in Cordeiro 1997, 15).

É também a partir dos anos 1990 que o bairro se começa a impor nas ciências sociais como um “lugar privilegiado de observação e análise” (Cordeiro 2003a, 23) e começam a surgir trabalhos que têm no bairro o foco de investigação, entre os quais se podem destacar os trabalhos de Joan Pujadas, Graça Cordeiro e Antónia Lima sobre sociabilidades, associativismo e reprodução familiar na Madragoa (Pujadas and Cordeiro 1990; Pujadas and Lima 1990)¹, o trabalho de Graça Cordeiro sobre memória e representações no bairro da Bica (1997), o de Luís Fernandes sobre os territórios psicotrópicos nos bairros da periferia do Porto (J. L. Fernandes 1997), o de Miguel Chaves sobre o narcotráfico no Casal Ventoso (Chaves 1999), o do sociólogo António Firmino da Costa sobre sociabilidades no bairro de Alfama (Costa 1999) e o de Cristina Santos Silva sobre as famílias de Alfama (Silva 2001), entre outros.

Também nas políticas de gestão urbana a centralidade do bairro é cada vez mais visível e há a registar um cada vez maior número de políticas e programas dedicados a estas realidades, nomeadamente a recente criação do programa BIP/ZIP (Bairros e Zonas de Intervenção Prioritária de Lisboa) criado no quadro do Programa Local de Habitação (PLH). Há ainda a registar a criação da Direcção Municipal de Reabilitação

¹ Os resultados destas investigações foram apresentados sob a forma de comunicação no V Congresso de Antropologia do Estado Espanhol que se realizou em Granada em 1990

Urbana em 1990 que mais tarde iria criar os Gabinetes Locais de Alfama e Colina do Castelo, da Mouraria, do Bairro Alto e Bica, da Madragoa e São Paulo e a Divisão de Núcleos Dispersos que inclui o Lumiar e Ameixoeira, Olivais, Pátios e Vilas, e a elaboração em 1997 dos Planos de Urbanização (PU) dos núcleos históricos dos bairros de Alfama e Colina do Castelo, Bairro Alto e Bica, Madragoa e Mouraria. É ainda de referir que, também ao nível cultural, os bairros ocupam um lugar privilegiado para as entidades gestoras da cidade uma vez que, desde 1934, as marchas e os arraiais dos Santos Populares, são promovidas pela Câmara Municipal de Lisboa (CML) o que acaba por tornar clara a ideia de que, também para os discursos institucionais, Lisboa é uma cidade feita de bairros. A partir de 1996, a CML, “reconhecendo que as Festas de Lisboa tinham as suas raízes culturais e programáticas nos bairros históricos e que o carácter efémero destas manifestações deveria deixar raízes para o futuro” (EGEAC s.a.) passou a organização do evento para a EBAHL – Equipamentos dos Bairros Históricos de Lisboa E.P e que em 2003 se passou a chamar EGEAC – Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação cultural, e mantém, até hoje a organização das Festas da Cidade (EGEAC s.a.).

Para além do seu valor histórico, arquitectónico e etnográfico os bairros de Lisboa têm também um valor turístico assinalável. A sua presença nos guias e roteiros turísticos da cidade é obrigatória e é comum observar turistas a deambular pelas ruas de Alfama ou do Bairro Alto empunhando guias ou roteiros em busca de alguma orientação.

O turismo representa hoje uma fonte de receitas de tal forma importante que há que garantir a *visitabilidade* do lugar (Costa 1999), ou seja, a capacidade do lugar em atrair visitantes e, já há muito que as entidades responsáveis pela gestão das cidades se deixaram de preocupar apenas com os problemas de segurança ou saneamento básico, com as condições de habitabilidade dos edifícios ou com os problemas de circulação de trânsito e com a falta de estacionamento, entre outras questões tipicamente urbanas. Hoje, e em particular nos processos de reabilitação e nobilitação dos centros históricos urbanos, os municípios demonstram ter um elevado grau de preocupação com a estética do lugar ou, penso que se pode mesmo dizer, demonstram ter preocupações cénicas. Há uma clara intenção em construir lugares atractivos, investe-se na harmonização dos lugares tentando criar imagens esteticamente agradáveis, reabilitando edifícios, criando ferramentas para eliminar os graffiti, limitando e muitas vezes chegando mesmo a impedir a circulação automóvel em determinados locais, impedindo o estacionamento,

obrigando à manutenção das fachadas dos edifícios em caso de reconstrução, entre outras medidas cujo objectivo é fixar, cristalizar, uma imagem do lugar; imagem essa que o apresenta ao mundo, convidando-o a visitá-lo.

Les villes, par l'intermédiaire des agences de publicité mandatées dans ce but, s'efforcent de se définir une personnalité originale, un style, "une identité simple et compréhensible immédiatement par un vaste public" (G. F. Dumont), à grand renfort des logotypes, des messages et d'images percutants, de chartes sémantiques et des graphiques...

(Cazes 1998, 17)

Os centros históricos das nossas cidades estão, na maioria dos casos, muito degradados, os edifícios são antigos e apresentam fracas condições de habitabilidade e, nos últimos anos temos assistido, nos centros urbanos, a um crescente número de processos de revitalização onde as motivações turísticas estão implícita ou explicitamente presentes. Em muitos casos, tal como Sieber argumenta, os centros urbanos, ou pelo menos parte deles, foram mesmo alvo de processos de reabilitação e de revitalização com o objectivo claro de desenvolver a indústria turística nesses locais (1997). Essa reabilitação e revitalização dos centros históricos urbanos implicam a eliminação do campo de visão de todos os elementos passíveis de contaminar a imagem que se pretende construir.

Objectivos

Este trabalho tem como ponto de partida duas questões. A primeira é a de saber se os bairros de Lisboa, dada a importância que lhes é atribuída, são emblemas da cidade, imagens de cartaz. A segunda questão, cuja resposta implica que antes se tenha respondido à primeira, é a de saber se e em que medida essas imagens de cartaz vão influenciar os processos de transformação dos lugares, ou seja, em que medida se vão constituir como modelos a seguir.

O cartaz é uma importante ferramenta de comunicação cuja eficácia reside na sua capacidade de reduzir a mensagem ao essencial tornando-a clara, directa e acessível. Este processo é feito pela selecção de elementos-chave.

Quando se trata de um cartaz turístico, os elementos seleccionados são aqueles que distinguem aquele lugar dos outros, aqueles que o identificam, deixando de fora todos os elementos acessórios ou indesejáveis.

Quando falamos de cidade ainda falamos das *imagens* que se vão edificando em torno desses lugares que identificamos como cidade e que se formam a partir de discursos e práticas distintos, quando não conflituais. Extensíveis aos diversos meios sociais tais visualizações tornam-se tão mais poderosas quanto se conseguem afirmar como verdadeiras (Baptista 2003, 37).

Desta forma, a imagem construída no cartaz acaba por contribuir muito significativamente para a construção da identidade de um lugar.

É por essa razão que perante um cartaz ou imagem que contenha uma praia de areia branca, uma palmeira e um mar azul-turquesa sabemos imediatamente que se trata de um paraíso tropical. Esquecemos toda a envolvente, todas as imagens indesejáveis, os problemas sociais e políticos, os enormes bairros de lata que sabemos existir mas que, porque não fazem parte do cartaz turístico, também não fazem parte da imagem que temos desse lugar e, logo, não fazem parte da sua identidade.

No caso de Lisboa, parte-se aqui do princípio que os bairros típicos são imagens de cartaz da cidade e, através da análise de alguns guias turísticos e de políticas de gestão urbana, pretende-se perceber o que leva a que esses lugares se convertam em emblemas da cidade. Que bairros são seleccionadas em detrimento de outros? O que os torna representativos da cidade? Que imaginários lhes estão associados? Como são imaginadas essas comunidades (Anderson 1991)?

A segunda questão prende-se com o aumento das pressões exercidas por parte dos sectores imobiliário e turístico. O peso destes sectores para as economias locais é tal que muitas vezes impõem “a recomposição dos lugares da cidade, a sua reutilização para fins diversos daqueles que (sempre) lhes conhecemos” (Baptista 2003, 35). Estes processos de transformação fazem-se sentir com maior intensidade nos centros históricos urbanos, cuja reabilitação e revitalização é muitas vezes feita com claras intenções de os tornar atractivos ao turismo e à habitação (Sieber 1997).

Nesses processos de transformação, é preciso perceber qual o papel desempenhado pelas imagens construídas nos discursos turísticos. Em que medida elas servem de guia ao processo, não só no que diz respeito às transformações ao nível do

espaço urbano e dos usos sociais do espaço público, mas também no campo das rerepresentações?

Vai-se tentar dar resposta a este segundo conjunto de questões recorrendo a um estudo de caso, a Bica. O bairro da Bica, considerado um dos bairros mais típicos de Lisboa que se situa no centro da cidade, está neste momento a passar por um profundo processo de transformação o que faz dele um lugar privilegiado de observação.

Fontes e Métodos

As fontes a utilizar são de três tipos: os guias e roteiros turísticos de Lisboa, documentos institucionais de gestão urbanística, cultural e turística da cidade e o olhar etnográfico. A estas há a juntar o discurso produzido pelas Ciências Sociais, nomeadamente pela antropologia e pela sociologia que, por ser de uma ordem distinta das outras fontes utilizadas - guias turísticos e políticas - e porque, ao contrário delas, está sujeito às regras da objectividade científica, será alvo de um tratamento diferenciado. O trabalho de Graça Cordeiro sobre a Bica (1997) e o de António Firmino da Costa sobre Alfama (1999), serão as fontes aqui utilizadas como elementos que vão dialogar constantemente com os guias, com as políticas e com a etnografia.

O primeiro, *Um Lugar na Cidade* de Graça Cordeiro (1997), porque, apesar de ter incidido sobretudo sobre a bica de baixo ou Calçada da Bica Grande, dá conta da vida do bairro nos anos 1990 o que, por comparação com o bairro de 2010, torna possível perceber as transformações que ocorreram no bairro da Bica ao longo das últimas duas décadas.

O segundo, *Sociedade de Bairro. Dinâmicas Sociais da Identidade Cultural* de António Firmino da Costa (1999) porque o autor trata o caso de Alfama a partir dos conceitos de visibilidade e visitabilidade e dos modos como o discurso turístico acaba por se incorporar nos modos de representar o bairro, na sua identidade, transformando-a. Estas são questões fundamentais para o argumento que aqui se pretende desenvolver.

Aos guias turísticos da cidade será feita uma análise dos conteúdos escritos e imagéticos de modo a permitir, antes de mais, saber quais os bairros seleccionados como emblemáticos da cidade e depois perceber quais as características que os tornam emblemáticos.

Após uma análise preliminar de diversas edições dos mesmos guias, foi possível perceber que as alterações entre uma determinada edição e a que lhe sucede não são significativas. Nota-se que as zonas da cidade consideradas de interesse turístico se mantêm inalteradas nas diversas edições e nota-se, até, o uso repetido de textos e imagens e não é incomum encontrar fotografias com vários anos num guia recente.

Em larga medida, as alterações feitas de uma edição para a seguinte pendem-se com a actualização da oferta ao nível da hotelaria e da restauração, tal como fica claro ao olhar o autocolante existente na capa do guia DK08: “NEW LOOK * MORE HOTEL & RESTAURANTS * IMPROVED MAPS” (Folkard et al. 2008, capa). Assim, e dada a similitude entre as diferentes edições de um mesmo guia, pensou-se que a melhor opção passaria por trabalhar com a maior diversidade de guias possível. Em consequência, encontraram-se onze guias e roteiros turísticos em papel: o ANA06 (ANA 2006), o BUC02 (Buck 2002), o BP10 (Schlecht 2010), o DK08 (Folkard et al. 2008), o EST01 (Vinon 2001), o EVE05 (Gallego 2005), o LP05 (Louis et al. 2005), o LP09 (Walker 2009), o RG04 (Hancock 2004), o TBG98 (César 1998) e, por fim, o WAL07 (Walpaper Magazine 2007).

No que respeita aos guias disponíveis na internet, o processo de selecção começou com uma pesquisa pelos termos: LISBON+TOURIST+GUIDE. Dado o elevado número e variedade de páginas, foi decidido excluir todos os *sites* de comentários e opiniões de visitantes, bem como todas as páginas dos editores de que já possuísse um guia em papel uma vez que os textos que podemos encontrar nas versões papel encontram-se em grande medida, embora em versões resumidas, disponíveis nas páginas de internet.

Encontraram-se o All world Guides – Lisboa (All World Guides s.a.), o FODORS Lisbon Travel Guide (Fodors s.a.), o Guia da Cidade (Guia da Cidade s.a.), o Go Lisbon (M. Fernandes and Warwick s.a.), o Strawberry World Lisbon (Strawberry World s.a.), o Trip Advisor (Trip Advisor s.a.) e o Visit Lisboa (Turismo de Portugal s.a.). Estes sete guias a que se acrescentam as onze edições em papel fazem um total de 18 guias e roteiros turísticos da cidade de Lisboa.

Para o caso específico da Bica são muito raras as publicações referentes a este bairro pelo que se recorreu exclusivamente a material publicado pela, ou com o apoio da, Câmara Municipal de Lisboa. Neste caso as fontes são o Roteiro do Bairro Alto / Bica (Carvalho) e uma brochura turística do bairro da Bica (Miranda 2003).

Às políticas de gestão urbana, ou seja, as políticas de requalificação e reabilitação urbana, as políticas culturais e as políticas do turismo da cidade será feita, à semelhança do que se fez para os guias, uma análise de conteúdos, que ao nível do texto, quer ao nível dos inúmeros mapas e figuras que apresentam. O objectivo aqui é tentar perceber de que modos aparecem os bairros e em que aspectos se centram as políticas para reabilitar, revitalizar ou construir uma determinada imagem desses lugares.

Dada a quantidade enorme de documentos produzidos e a sua densidade, bem como os constrangimentos relativos aos limites de tempo e espaço desta dissertação, tornou-se necessário deixar uma análise aprofundada deste tipo de materiais para oportunidades futuras.

Assim, o trabalho vai ter por base, no que respeita à requalificação e reabilitação urbana, o Plano Director Municipal (PDM) de Lisboa em vigor (CML 1994a) e também a proposta de revisão apresentada em 2010 (CML 2010a) e que se encontra neste momento em fase de discussão pública, o Plano de Urbanização do Núcleos Históricos do Bairro Alto e Bica (PU) (CML 1997) e o Plano de Pormenor de Reabilitação Urbana do Bairro Alto e Bica (PP) (CML 2010b). No que diz respeito às políticas culturais e turísticas da cidade optou-se por trabalhar com dois documentos que apontam para o futuro, documentos que nos permitirão perceber a importância dos bairros e qual o papel que desempenham hoje e aquele que podem vir a desempenhar no futuro cultural e turístico da cidade. Desta forma, no que diz respeito às políticas culturais optou-se pela análise das *Estratégias para a Cultura em Lisboa* (Costa et al. 2009) e relativamente às políticas do turismo o objecto de análise foi o *Plano Estratégico 2011-2014* promovido pela Associação de Turismo de Lisboa (CML 2009a; Associação de Turismo de Lisboa 2010).

Relativamente ao terreno, a escolha recaiu sobre o bairro da Bica, mais precisamente sobre a bica de cima (Cordeiro 1997), ou seja, a Rua da Bica Duarte Belo e suas Travessas. Esta escolha deve-se fundamentalmente a duas ordens de razões.

A primeira é a aparente falta de visibilidade do bairro. O bairro da Bica, é um dos bairros mais antigos de Lisboa, é um bairro que, nos imaginários lisboetas, é tido como um dos bairros populares mais típicos da cidade mas que, excepto por ocasião das Marchas e arraiais dos Santos Populares, onde obteve quase sempre lugares de destaque, chegando mesmo a ganhar a competição por diversas vezes, parece ter estado sempre envolto num manto de invisibilidade.

Conhecedor daquela área da cidade, deparo-me de repente, com as ruas deste lugar minúsculo repletas de bares, apinhadas de gente - visitantes e turistas - e cheias de vida. Foi este contraste entre a Bica que fora descrita por Graça Cordeiro nos anos 1990 (1997) e aquela que encontramos hoje que deu o mote às questões que inicialmente se levantaram.

No final da década de 1990 aparece o WIP (Work in Progress) seguido de alguns bares que, a juntar à maior atracção turística do bairro, o elevador, fazem desta rua o centro de comércio do bairro. A invisibilidade da Bica começou a desaparecer e agora, para além das pessoas do bairro nos seus percursos diários e daqueles que a usam como ligação entre o Calhariz e S. Paulo, há também a quase constante presença de visitantes e turistas que lá vão beber um copo ou ver o elevador.

A Bica tornou-se, a par com o Bairro Alto, um dos lugares de vida nocturna mais frequentados da capital, um lugar de passagem obrigatório para quem quer conhecer o lado noctívago da Capital.

Período em Análise

O “arco temporal”² foi, por assim dizer, definido com alguma naturalidade entre 1997 e 2010.

A decisão de iniciar a pesquisa no ano de 1997 baseia-se no facto de este ter sido um ano charneira, um ano que iria marcar o início de um grande processo de transformação, quer para a cidade de Lisboa, quer para o bairro da Bica.

A cidade preparava-se para receber a Expo98, Exposição Internacional de Lisboa sob o tema “Os oceanos um património para o futuro” e reclamava para si a zona oriental, zona que se viria a constituir como a nova zona nobre da cidade de Lisboa, o Parque das Nações.

Nesse mesmo ano, na Bica, abria o WIP (Work in Progress), “um cabeleireiro-bar-boutique entretanto reduzido à actividade capilar por as leis não permitirem hoje em dia tal combinação de negócios num único espaço” (Marreiros 2007). Este estabelecimento de comércio alternativo seria o primeiro de muitos que por lá iriam surgir e viria a dar início ao processo de transformação que ocorre na Bica.

² Conceito utilizado por Estela Gonçalves (Gonçalves 2008)

O período de análise só podia terminar em 2010 uma vez que foi neste ano que se deu início à investigação.

Estrutura da Dissertação

O trabalho divide-se em três partes sendo que a primeira corresponde à introdução, a segunda aos três capítulos dedicados à análise das fontes e, na terceira parte apresentam-se as conclusões.

Na primeira parte, a Introdução, dá-se uma visão global do trabalho e apresentam-se os seus objectivos, fontes e métodos, do arco temporal e da sua estrutura formal.

Na segunda parte encontramos três capítulos. O primeiro é dedicado à análise dos 11 guias turísticos em papel e dos 7 guias electrónicos e pretende-se que dê conta do lugar do bairro na imagem de Lisboa construída pelos discursos turísticos.

O segundo capítulo é dedicado à análise das políticas de gestão urbana e aqui analisam-se os instrumentos que fazem cidade, ou seja, as políticas urbanísticas, culturais e turísticas de Lisboa.

O terceiro capítulo é dedicado ao terreno, ao trabalho etnográfico e pretende dar conta das transformações do bairro, não só ao nível físico e ao nível dos usos de rua, mas também no que respeita às festividades, em particular aos arraiais dos Santos Populares.

Por fim, a terceira parte é dedicada a apresentar as conclusões do trabalho de investigação.

1. NOS GUIAS TURÍSTICOS

Nos guias e roteiros turísticos de Lisboa encontramos uma representação da cidade que, tal como os cartazes, é o resultado de um processo de edição, isto é, é o resultado de um processo de selecção de elementos-chave, de imagens. É uma cidade onde determinadas características são realçadas, outras disfarçadas e, outras ainda, completamente eliminadas. A cidade dos guias acaba por se apresentar através de “lugares comuns, de clichés e estereótipos, constituindo-se em evidências, gostos, tendências de mercado” (Gonçalves 2008, 5)

Desta forma, podemos dizer que os guias e roteiros constroem uma cidade de papel que, pelo menos do ponto de vista do que a visita e recorre aos guias para a conhecer, acaba por se sobrepor à cidade do quotidiano (Vidal 2005).

Os guias e roteiros turísticos ensinam o que ver e como ver, constroem percursos que conduzem de um “ponto de interesse” a outro evitando todas as imagens indesejáveis, não deixando espaço à descoberta ou ao acaso, mantendo o visitante no bom caminho. Como disse Walter Benjamin, “Importa pouco não saber orientar-se em uma cidade. Perder-se, ao contrário, como quem se perde em um bosque, requer aprendizagem” (Benjamin citado por Barreira 2005, 301)

Constroem da cidade e, em particular dos seus bairros, imagens romanceadas que acabam por se sobrepor às imagens da degradação dos edifícios, da pobreza e da marginalidade tantas vezes associadas ao conceito «bairro», imagens que acabam por produzir imaginários que vão sendo apropriados pelos bairros, que vão sendo integrados nas suas formas de auto-representação que passa a ser feita, não apenas em termos da ligação emotiva ao lugar mas também em termos da noção de património histórico vinda do exterior do lugar (Costa 1999).

De modo a perceber qual o lugar do bairro na construção da imagem da cidade dos guias e roteiros vamos, antes de mais, tentar perceber a que é que eles se referem quando usam o termo bairro, ou seja, é preciso perceber de que modo os discursos turísticos representam esses lugares. Que bairros são evocados como emblemas da cidade, qual o papel que desempenham nessa construção e o que os caracteriza, são as questões a que, através duma análise dos guias e roteiros turísticos de Lisboa, quer no que diz respeito à sua organização formal, quer no que respeita ao seu conteúdo, se vai aqui tentar dar resposta.

Por um lado, analisaram-se os seus modos de organização e também os modos como fragmentam a cidade e, por outro, analisaram-se os textos que introduzem a cidade e dão conta da sua história, os mapas, as imagens e as legendas que as acompanham.

Apesar de ter sido dado maior enfoque às secções principais, as secções dedicadas às informações práticas (onde dormir, onde comer, etc.) não foram excluídas da análise e, muitas vezes, forneceram mesmo dados adicionais importantes que ajudaram a complementar a imagem construída nas outras secções dos guias.

O capítulo divide-se em dois pontos.

O primeiro (1.1) é dedicado aos guias turísticos, e pretende explicitar o tipo de linguagem que utilizam, o modo como se organizam, como apresentam os seus conteúdos e o tipo de informações que disponibilizam.

No segundo ponto (pontos 1.2 a 1.4) pretende-se perceber que imagem de Lisboa é construída pelos guias e que papel desempenham os bairros nessa construção, que elementos da cidade são seleccionados como representativos, que características são enfatizadas, que narrativas são construídas a respeito, tanto da cidade, como dos seus habitantes. Aqui, procurar-se-á estabelecer quais os bairros emblemáticos da cidade de Lisboa, e quais as características que lhes conferem esse estatuto, isto é, que características os tornam representativos.

Os guias turísticos de Lisboa tendem a organizar-se de modos muito semelhantes. Poder-se-ia agora argumentar que o guia papel está vocacionado para acompanhar o turista na viagem ao passo que o guia electrónico serve apenas para prepará-la e que isso seria um factor de diferenciação entre os dois tipos de guia. No entanto as evoluções tecnológicas, nomeadamente ao nível das aplicações para smart Phones, tornam cada vez mais viável “transportar” o guia electrónico pelo que penso que esta questão é cada vez menos relevante. É, no entanto possível notar ligeiras variações na estrutura dos guias mas essas diferenças são certamente decorrentes de diferentes opções e estilos editoriais e, de uma forma geral, todos tentam dar respostas às necessidades que o turista possa sentir quando de visita à cidade. Assim, independentemente do seu formato, todos os guias se organizam de modo a facultar a quem os consulta informações sobre como chegar, o que ver, o que fazer, onde dormir, onde comer na cidade pelo que, do ponto de vista da organização deste trabalho, não se considerou necessário estabelecer uma diferenciação entre as edições on-line e as edições impressas dos guias de Lisboa.

1.1. Os guias turísticos

(...) organizados com tão valiosas informações, para além de proporcionarem ajuda útil e sempre actualizada a quem nos visita, funcionam como memória de quem parte, permitindo levar um testemunho da nossa história e do nosso modo de viver.

(ANA 2006, 1)

Os guias turísticos são expressões de narrativas, representações e memórias de uma cidade maioritariamente compostas por textos e imagens (Barreira 2005). Se, por um lado, ao nível do discurso, apesar do estilo afirmativo, os textos que encontramos são bastante descontraídos e fazem uso de uma linguagem informal e, por vezes até, divertida, que tende para a romantização do lugar, por outro lado, as fotografias, com a força própria que têm as imagens, desempenham um papel preponderante na interpretação e validação das descrições textuais. Como diz Susan Sontag, a realidade sempre foi interpretada através de imagens (Sontag 2008), mas também porque, segundo Botton, são essas imagens que, muito antes da partida, dão início à viagem, elas mostram antecipadamente o que o visitante vai poder ver e experimentar pessoalmente.

The longing provoked by the brochure was an example (...) of how projects (and even whole lives) might be set influenced by the simplest and most unexamined images of happiness; of how a lengthy and ruinously expensive journey might be set into motion by nothing more than a sight of a photograph of a palm tree gently inclining in a tropical breeze (Botton 2003, 8–9).

Segundo Barthes, essa antecipação acontece porque as imagens, as fotografias são indutoras de correntes de associação de ideias, pelo que se constituem como excelentes elementos de significação que remetem para significados claros e conhecidos (Barthes 1981, 18). No mesmo sentido, Urry (2002) considera que o olhar turístico (*the tourist gaze*) se constrói através de um conjunto de símbolos e é essa razão pela qual, quando se olha para uma qualquer aldeia inglesa, se está, de facto, a olhar através do tempo, se está a espreitar para o passado e se tem um vislumbre da «real olde England» (Urry 2002, 3).

No caso de Lisboa, cabe aos bairros populares ou típicos o papel de retratar a velha cidade. Porque os bairros típicos ou populares de Lisboa são uma espécie de lugares “mágicos” que têm a capacidade de nos transportar ao passado, de nos levar à Lisboa mais autêntica, quando somos colocados perante uma imagem de um edifício degradado, onde a roupa seca à janela, estamos, de facto, perante uma imagem do passado. Pode-se, portanto, dizer que a magia de um lugar, não estará tanto no lugar em si mas antes na ideia, ou na imagem, que se tem desse lugar. Isto não significa que esse lugar se situe no passado mas que se mantém inalterado e que por isso é um lugar autêntico. Essa é uma ideia transversal ao discurso turístico, a questão da autenticidade dos lugares povoa os discursos que se podem encontrar nos guias e roteiros turísticos.

Às imagens com que os guias turísticos ilustram a cidade, há que juntar ainda o texto que as acompanha, que lhes dá determinado sentido ajudando a interpretar o que se vê. Esse texto, a legenda, constitui-se como “uma mensagem parasita, destinada a conotar a imagem, isto é, a «insuflar-lhe» um ou vários segundos significados” (Barthes 1981, 21) constituindo-se como mais um elemento que, a somar aos textos e imagens que encontramos nos guias, contribuiu para a romantização do lugar.

Do ponto de vista formal, os guias turísticos são um modo de organizar e hierarquizar a cidade, de lhe dar regras explícitas, são o resultado de um olhar específico sobre a cidade que resulta num discurso descritivo com objectivos próprios (Vidal 2007). São um modo de dar sentido à cidade atribuindo significados ao que se vê. No entanto, não é possível deixar de ter em conta que este tipo de documentos constrói uma representação dos lugares, neste caso da cidade de Lisboa, que, por um lado, segue em linha com os objectivos específicos dos guias turísticos, ou seja, vender guias e “vender o lugar”, o que implica a construção de uma imagem positiva.

With a film like *Ossos* (1997) (...) Costa has given us a picture of Lisbon that most outsiders would prefer not to see. Travelers venture to other lands to find what is missing in their own. We prefer to see the good sides if at all possible, for we know the bad in our own cultures only too well (Buck 2002, 7).

Por outro lado, estas imagens construídas apresentam-se mediadas pela subjectividade própria de cada um dos autores.

Os guias turísticos acabam, assim, por funcionar como uma espécie de manual de instruções da cidade informando os seus leitores sobre os modos correctos de

usufruir, de experimentar, de pensar e de ver um lugar, neste caso, a cidade de Lisboa. Ajudam a evitar as “armadilhas” do lugar turístico, isto é, aquilo que foi construído para «turista ver», e orientam o visitante possibilitando-lhe que encontre os lugares autênticos, aqueles que não pode mesmo deixar de ver, aqueles que qualquer visitante tem que experimentar, ilustrando-os com imagens para que não restem dúvidas do seu carácter fundamental.

Os materiais informativos funcionam, nesse sentido, como uma direção que evita caminhos incertos” ou desvios de um modo planejado de conhecer a cidade. E, se em alguns momentos as páginas de um guia destacam um aconselhamento sobre uma possível travessia dispersa de certas ruas, é para logo mais apresentar uma direção ou lugar onde é “impossível não se deter”, sob pena de não haver “conhecido” de fato a cidade (Barreira 2005, 301).

Do ponto de vista formal, todos os guias analisados contêm uma secção inicial dedicada a fazer uma apresentação sumária da cidade ao leitor que fica, desde logo, a saber o que pode esperar dela. Num tom afirmativo, os autores, de um modo tão poético quanto lhes é possível, descrevem a cidade. Exaltam as suas melhores qualidades, ao mesmo tempo que se esforçam por ocultar os seus defeitos, e traçar dela uma breve história que, posteriormente, dará o enquadramento necessário à narrativa que, daí em diante, se propõem traçar.

Outra das secções dos guias turísticos é dedicada a apresentar uma cidade área por área, ou seja fragmentada. Uma cidade dividida em parcelas onde são marcados todos os pontos de interesse turístico e são fornecidas descrições mais ou menos detalhadas, consoante a importância do elemento, e informações práticas sobre como lá chegar, horários de funcionamento, preços, etc.

Essas parcelas correspondem aos bairros históricos de maior visibilidade como Alfama, Bairro Alto, Belém, Chiado, ou, o que é mais comum, a conjuntos de bairros agrupados segundo critérios que nem sempre são claros aos olhos de um lisboeta. Critérios que, aparentemente, têm mais a ver com questões práticas como a proximidade ou contiguidade geográfica dos bairros, o que facilita a elaboração de itinerários, do que com as especificidades de cada bairro ou com questões de fronteiras. A título de exemplo, o “Guia Mapa de Lisboa” (EST01) da Editorial Estampa (Vinson 2001) propõe que se descubra a cidade a partir dos seus “seis grandes bairros”; bairros esses que

delimita da seguinte forma: A – Belém; B - Alcântara, Lapa, Estrela e Rato; C - São Sebastião, Saldanha e Monsanto; D - Restauradores, Bairro Alto e Chiado; E - Baixa, Alfama e Castelo e, por fim, F - Graça, São Vicente de Fora e Parque das Nações. Este exemplo deixa desde logo claro, não apenas as dificuldades que os guias encontram no estabelecimento das fronteiras dos bairros mas, sobretudo, uma forma diferente de entender o conceito “bairro”.

Oito dos dez guias da cidade de Lisboa analisados, ou seja, todos os guias de produção não portuguesa, parecem entender o conceito «bairro» como um sinónimo de área ou de zona da cidade, não demonstrando, por ventura fruto do distanciamento, grandes preocupações com as idiossincrasias de cada bairro. Mesmo os bairros de maior visibilidade, como Alfama e Bairro Alto, aparecem deformados, agrupados naquilo a que poderíamos chamar “super-lugares” ou “mega-bairros”. Já nos guias de produção nacional, o TBG98 (César 1998) e o ANA06 (ANA 2006), é possível notar que o conceito “bairro” é entendido de uma outra forma, tem significado diferente. Não obstante esta diferença no modo de encarar os bairros, continua a ser dada maior importância e relevo aos bairros de maior visibilidade social (Costa 1999) e continua a haver bairros que ficam na total obscuridade. No entanto, nos guias de produção nacional, apesar de se continuar a notar um claro ascendente dos bairros mais visíveis e mais visitáveis (Costa 1999), é possível encontrar alguns bairros mais pequenos e menos relevantes do ponto de vista turístico, como é o caso do bairro da Madragoa ou o bairro da Lapa. Nota-se portanto, por parte dos autores destes guias, um conhecimento mais próximo e aprofundado da cidade de Lisboa e da forma como ela é concebida por quem a habita.

Depois de uma visão panorâmica da cidade, na secção em que apresentam uma Lisboa fragmentada em áreas, os guias fazem uma aproximação, uma espécie de *zoom in*, a cada uma das áreas definidas, informando dos pontos de interesse que se podem encontrar em cada uma delas. Essas áreas podem corresponder a um bairro ou, como já foi dito, a um conjunto de bairros agrupados segundo uma lógica de proximidade geográfica que facilita os percursos. Se alguns dos guias optam por integrar os itinerários nesta secção, outros há que parecem preferir remeter os percursos para uma secção própria. O guia Berlitz BP10 (Schlecht 2010), os guias editados pela Lonely Planet, LP05 e LP09 (Louis et al. 2005; Walker 2009), o EST01 (Vinon 2001), o RG04 (Hancock 2004) e o guia BUC02 (Buck 2002), utilizam a primeira opção, ou seja, ao mesmo tempo que apresentam as diferentes áreas da cidade, sugerem os percursos a

fazer para conhecer essas áreas, ao passo que os guias DK08 (Folkard et al. 2008), o EVE05 (Gallego 2005), o Wal07 (Walpaper Magazine 2007), o LBG98 (César 1998) e o ANA06 (ANA 2006) preferem dedicar uma secção própria à sugestão de percursos. Neste segundo caso, os itinerários propostos têm em conta, não apenas as zonas da cidade que consideram mais importantes, mas também o factor tempo, ou seja, o tempo que o visitante tem disponível para visitar Lisboa. De tal modo que as propostas tendem a dividir-se entre conhecer Lisboa em dois dias e conhecer Lisboa numa semana, apresentando uma selecção de lugares e adequando, dessa forma, a cidade à disponibilidade do visitante. No que respeita aos bairros seleccionados para estes percursos de tempo reduzido nota-se que seguem em linha com o anteriormente estabelecido, ou seja, Alfama, Belém, Bairro Alto, Baixa são as recorrências notadas o que demonstra o carácter essencial destes bairros da cidade e a importância que têm na construção da imagem de Lisboa.

Para além das secções dedicadas às áreas da cidade, os guias turísticos apresentam ainda algumas partes destinadas ao fornecimento de informações de carácter prático. Informações sobre, entre outras coisas, hotéis, restaurantes, serviços de transportes públicos, telefones úteis, hospitais, etc., onde as sugestões de alojamento passam por estabelecimentos localizados na zona da Baixa e Avenida, dada a centralidade e a facilidade de encontrar meios de transporte que permitem chegar fácil e rapidamente aos “outros bairros” da cidade.

Após a análise dos índices dos guias turísticos, pode-se portanto concluir que se encontra grande uniformidade do ponto de vista da organização interna, uniformidade essa que também se faz notar quando o foco de atenção se vira para as zonas ou os bairros seleccionados como os mais representativos de Lisboa.

Tal como a Figura 1.1 ilustra, quadro que apresenta apenas a título de exemplo o índice de três dos guias consultados (Quadro completo - Anexo A), em todos eles se pode encontrar uma cidade que se organiza de um modo muito semelhante. Como se vai poder ver com detalhe mais à frente, a escolha das áreas mais representativas da cidade recai sempre sobre os mesmos bairros: Alfama, Bairro Alto, Baixa e Belém são os elementos que sobressaem contra um fundo cinzento que cobre grande parte da cidade de Lisboa e que, se em alguns casos se chama o *Furhter Afield* (Folkard et al. 2008) ou *Outros Lugares de Lisboa* (Gallego 2005), e, noutros casos, a sua existência é simplesmente apagada.

DK Eyewitness Travel, LISBON	Lonely Planet, LISBON encounter	Berlitz, LISBON pocket guide
How to use this guide INTRODUCING LISBON Four great days in Lisbon Putting Lisbon on the map The history of Lisbon Lisbon through the year LISBON AREA BY AREA Alfama Baixa and Avenida Bairro Alto and Estrela Belém Further Afield Two guided Walks The Lisbon coast TRAVELLERS' NEEDS Where to stay Restaurants, Cafes and Bars Shopping in Lisbon Entertainment in Lisbon SURVIVAL GUIDE Practical information Getting to Lisbon Getting around Lisbon Lisbon street Finder General Index Acknowledgments Phrase book	The Author This is Lisbon Highlights Lisbon Diary Itineraries Neighbourhoods Bairro Alto, Chiado and around Baixa and Rossio Alfama, Castelo and Graça Belém Parque das Nações Marquês de Pombal Estrela, Lapa & Doca de Alcântara Day trips Snapshots Background Directory Index	Introduction A brief History Where to go Alfama Baixa (lower city) Bairro Alto (upper city) Lapa Belém North Lisbon Parque das Nações Across the Tagus Excursions from Lisbon What to Do Shopping Entertainment Sports Children's activities Eating Out Handy Travel Tips Hotels and Restaurants Index

Figura 1.1 - Quadro resumo: Índices de 3 dos Guias Turísticos analisados³

1.2. *This is Lisbon*: uma panorâmica da cidade

The Picture of Lisbon that forms in most of our minds revolves around a handful of images seen in travelogues and movies. Select monuments like the Torre de Belém (Belém Tower), the Mosteiro dos Jerónimos (Jeronimos Monastery), or the pinched streetways of the old Alfama quarter. Dried salted cod and grilled sardines. Or clanking trams wheezing up and down hills. Hills. Many hills. Seven they say. Panoramic views across the city. And the river, the Rio Tejo (...) All this is here. And more. The quota that makes for a heavy dose of romance and nostalgia (Buck 2002, 1).

³ Uma tabela completa dos índices dos guias turísticos é apresentada no anexo A

Ao pegar num qualquer guia turístico da cidade de Lisboa, as descrições da cidade que se pode esperar encontrar nas páginas inaugurais, não obstante as diferenças que decorrem do estilo e do engenho literário dos diferentes autores, são em tudo semelhantes àquela com que o poeta e escritor Paul Buck abre o seu roteiro cultural e literário de Lisboa (Buck 2002).

Com maior ou menos grau de romantismo, os guias constroem um cartaz turístico da cidade de Lisboa através da selecção cuidada dos elementos que consideram fundamentais para caracterizar a cidade ou, pelo menos, para dar “uma certa ideia de cidade, *popular, bairrista e pitoresca*” (Cordeiro 2003b) que é simultaneamente histórica, contemporânea e futurista.

Os títulos escolhidos para estas secções, destinadas a apresentar a cidade aos leitores, marcam o tom afirmativo em que são escritos os guias turísticos. ‘*This is Lisbon*’ (Walker 2009), ‘*Introducing Lisbon*’ (Folkard et al. 2008), ‘*Assim é Lisboa*’ (Gallego 2005), entre outros. Como duvidar da capacidade do autor para dar conta do que a cidade tem de mais interessante e autêntico quando, desde o primeiro momento, este deixa clara a sua autoridade para falar sobre o tema Lisboa?

Estes discursos inaugurais apresentam uma Lisboa multifacetada e difícil de rotular. Um desses casos, talvez o mais paradigmático, é o do guia LP09, que, ao mesmo tempo que informa que os lisboetas alcunharam a sua cidade de “Lisa” (Walker 2009, 7), o que de certa forma vai de encontro à imagem da cidade mulher que Branquinho Pequeno encontrou no fado (2009), não hesita em compará-la a cidades como São Francisco, Havana ou Londres.

Lisa’, as the locals nickname her, is a beauty but not a conventional one. She’s compared to Havana with her graffiti-slashed pastel houses, all-night street parties, Kamikaze drivers and hash-peddlers; San Francisco with her blue waters, richety trams and suspension bridge; London with her shabby-chic boutiques and revamped docklands; North Africa with the medinalike Alfama. Truth is, it’s hard to bottle Lisbon’s spirit (Walker 2009, 7).

A par com o carácter multifacetado da cidade está o carácter multifacetado dos seus habitantes. É frequente encontrar nos guias entradas que referem o carácter hospitaleiro dos portugueses e, em particular dos lisboetas. Essa hospitalidade é, por norma, atribuída ao facto de, desde há muito, os lisboetas estarem habituados a receber

gente vinda de todo o mundo. Segundo o ANA06, os lisboetas são “por natureza e tradição, abertos à novidade e à convivência, hospitaleiros e simpáticos com quem os visita” (ANA 2006, 6).

No entanto, como notou Tim Sieber, antropólogo norte-americano, este carácter hospitaleiro que os guias atribuem a cidade e às suas gentes é fruto de uma estranha confusão. Os guias turísticos parecem confundir as abordagens comerciais de que os turistas são alvo preferencial com hospitalidade local (Sieber 2008) o que sugere que esta natureza hospitaleira poderá ser, também ela, um fragmento da imagem da cidade construída pelos discursos turísticos.

Lisboa é, normalmente, classificada como uma cidade virada para o passado, para a sua história e, simultaneamente, uma cidade que aponta para o futuro e que aposta nele, uma cidade aberta à modernidade sem, no entanto, esquecer o seu passado. Esta classificação dualista aparece ligada, por um lado, aos bairros históricos da cidade e, por outro lado aos estilos de vida, aos lugares de entretenimento e aos processos de reabilitação e modernização a que Lisboa foi sujeita por alturas da Exposição Mundial de 1998, que marca o momento que possibilitou que em Lisboa, as memórias de um passado glorioso cujos momentos mais altos foram a época dos Descobrimentos e a malha ortogonal pombalina que veio refundar Lisboa depois do grande terramoto de 1755 por um lado, convivam com os mais modernos edifícios e avenidas do Parque das Nações, por outro.

Nestas imagens panorâmicas da cidade, os bairros e ruas típicos de Lisboa são uma presença constante e parecem mesmo ser um dos aspectos mais enfatizados, em particular o bairro de Alfama cujas “ruas estreias e sinuosas que serpenteiam por entre as colinas” (Gallego 2005, 6), são marcas da história da cidade; história essa que está presente “até no ambiente de cada rua e de cada bairro” (ANA 2006, 6).

Se estas descrições dão conta dos contrastes que fazem a cidade, as imagens que as acompanham acentuam ainda mais esse contraste. Centram-se maioritariamente em torno do edificado e dão conta, quer de elementos do passado, ou seja, do carácter histórico da cidade onde o Castelo, as velhas ruas de Alfama ou do Bairro Alto, os monumentos desempenham o papel principal, quer do seu carácter futurista cujos expoentes máximos são a Gare do Oriente e o Oceanário.

É uma cidade que celebra a nostalgia do passado e as tradições populares ao mesmo tempo, que abraça um estilo de vida moderno e cosmopolita. “This is a city that has become a work-in-progress, a poem, a novel rewritten for another generation”

(Buck 2002, 3). A Lisboa dos guias aparece como uma cidade de contrastes “ (...) porque nela convivem as recordações do passado e as apostas do futuro, os bairros mais típicos e as avenidas mais modernas” (Gallego 2005, 6).

1.3. Lisboa por áreas

Lisbon has been divided into five main sightseeing areas. Each of these areas has its own chapter, which opens with a list of the major sights described. All sights are numbered and plotted on an *Area Map*. Information on the sights is easy to locate as the order in which they appear in the chapter follows the numerical order used on the map (Folkard et al. 2008, 6).

Apesar do guia DK08 ser o único que fornece uma explicação para o modo como foi decidida a segmentação da cidade, a análise dos restantes guias turísticos permite perceber que, apesar das variações que se notam de guia para guia, quer no número e dimensão das áreas, quer no modo como estas são delimitadas, a fragmentação da cidade é feita de acordo com critérios muito semelhantes.

A cada uma dessas parcelas é atribuído o nome de um ou mais bairros de Lisboa sendo que há uma relação de proporcionalidade directa entre a visibilidade social de um determinado bairro (Costa 1999) e o grau de atenção que lhe é dispensada, ou seja, quanto mais socialmente visível é o bairro, maior o número de páginas que ele ocupa. Apesar disso, um olhar mais atento revela que, se todos os guias dividem o território da cidade recorrendo ao *bairro*, nem todos parecem entender esse conceito da mesma forma. Assim, se no que diz respeito ao modo como são designadas cada uma das áreas da cidade se recorre ao bairro, o mesmo já não se pode dizer no que toca à questão da definição de fronteiras.

Uma vez que os guias turísticos são documentos com propósitos bem definidos e muito claros, não obedecendo às preocupações e às problemáticas das ciências sociais, nem, tão pouco, se propõem tentar definir um objecto, parecem entender *bairro* como um ponto de referência, não só territorial, referência num mapa, mas também simbólico no sentido em que associam a cada um dos bairros seleccionados uma imagem particular.

Para perceber quais as áreas de Lisboa que, do ponto de vista dos guias turísticos, seriam as mais representativas da cidade e para perceber se essas áreas correspondiam ou não aos bairros históricos, típicos ou populares de Lisboa, foi elaborado um quadro (Anexo B) onde se colocaram todas as referências às zonas de Lisboa que nos índices dos guias turísticos em versão papel ou digital dão nome a áreas que dividem a cidade, em capítulos normalmente intitulados: *Neighbourhoods* (Walker 2009, 5) ou *Lisbon Area by Area* (Folkard et al. 2008, 5). Uma vez que, como já vimos, os guias agrupam os bairros em “super-lugares”, isto é, em conjuntos de bairros, primeiro começou-se por organizar a informação recolhida, isolando cada um dos bairros de modo a tornar possível a medição. Este procedimento permitiu perceber, primeiro, que, no seu conjunto, os guias fazem referência a dezanove bairros de Lisboa e, depois permitiu estabelecer como mais importantes, pelo menos do ponto de vista dos guias turísticos, cinco bairros de Lisboa.

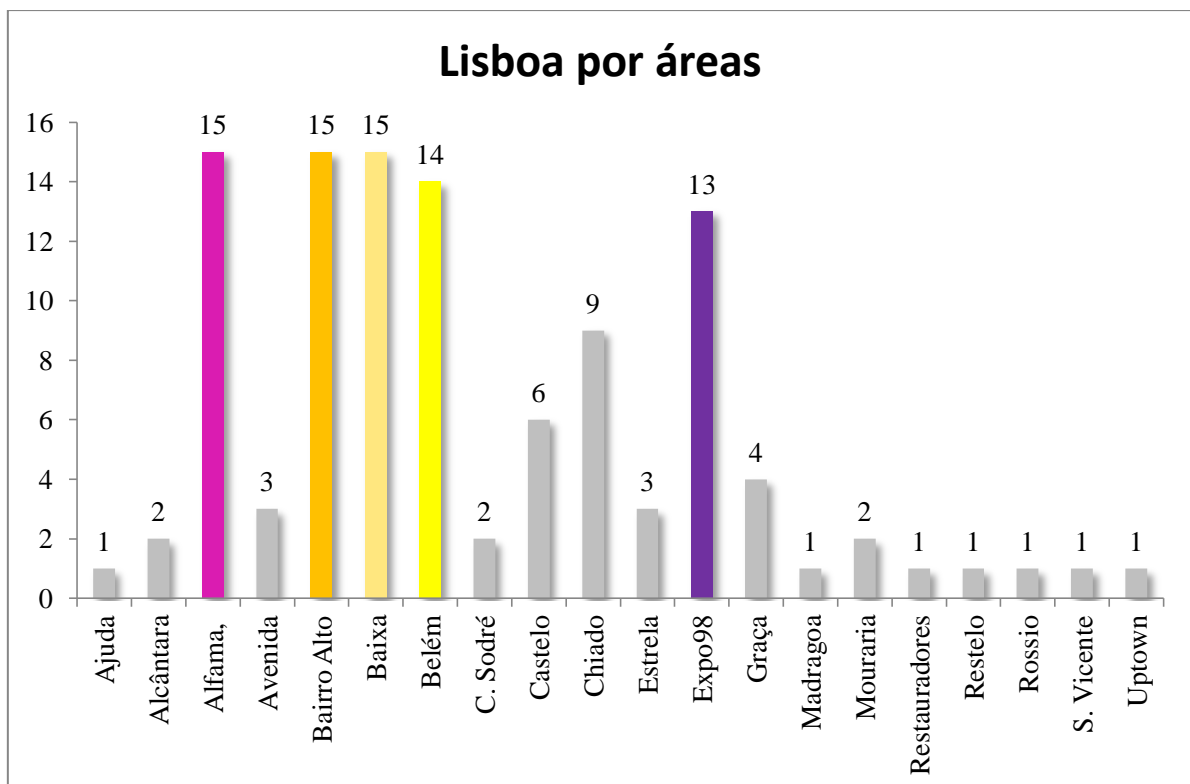


Figura 1.2 - Gráfico das áreas mais emblemáticas da cidade de Lisboa⁴

⁴ Fontes: (M. Fernandes and Warwick s.a.; Fodors s.a.; Guia da Cidade s.a.; Lisbon Guide s.a.; Strawberry World s.a.; Turismo de Portugal s.a.; Guia da Cidade s.a.; ANA 2006; Buck 2002; César 1998; Folkard et al. 2008; Gallego 2005; Hancock 2004; Louis et al. 2005; Schlecht 2010; Vinon 2001; Walker 2009; Walpaper Magazine 2007)

A determinação destas áreas como principais tem a ver com o facto de serem transversais a todos os guias, ou seja, são áreas que no conjunto dos índices dos guias, registaram maior número de ocorrências. Assim, tal como é possível perceber através da Figura 1.2, Alfama, Bairro Alto, Baixa, Belém e Parque das Nações registam um número de ocorrências muito superior às restantes áreas da cidade pelo que se pode considerá-los como os bairros mais emblemáticos de Lisboa, aqueles aos quais cabe o papel de representar a cidade.

Ao observar o Gráfico acima, e o quadro que lhe deu origem (Anexo B), podemos dizer que é possível estabelecer com clareza que há uma divisão da cidade em cinco grandes áreas distintas. No entanto, se, ao invés de se utilizar os índices, se passar a utilizar os mapas que os guias traçam de cada uma das zonas a visão como que fica turva, já não é tão fácil de destringir essas áreas da cidade.

Ao olhar para o mapa que o guia DK08 disponibiliza na contracapa, podemos perceber que a área demarcada como Bairro Alto / Estrela se estende claramente para além dos limites. No sentido norte-sul, desde o rio até Campo de Ourique e, no sentido Este-Oeste, desde a Rua Nova do Almada até à Avenida Infante Santo e, assim, sob a designação Bairro Alto / Estrela, temos, ainda que omissos, o bairro da Bica, o Chiado, a Madragoa, Santos e a Lapa.

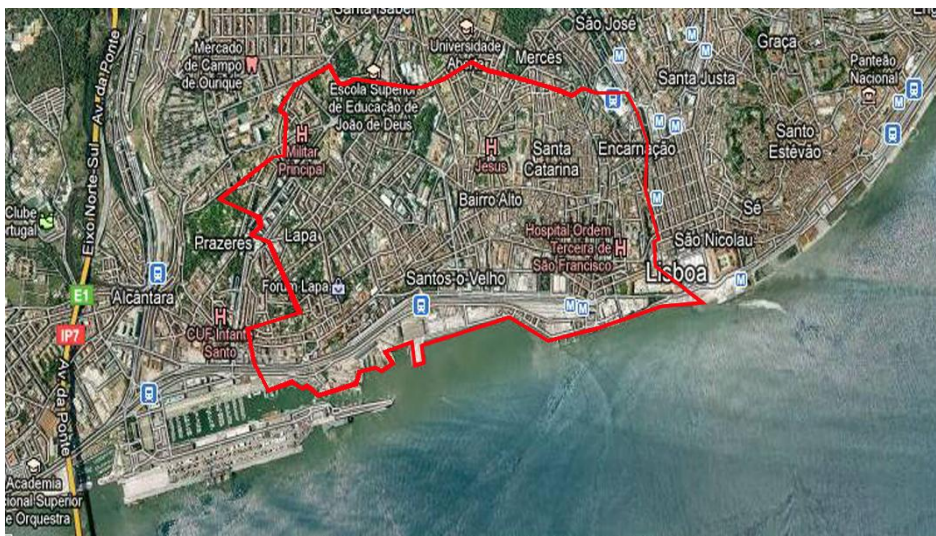


Figura 1.3 - Mapa Bairro Alto / Estrela⁵

⁵ (Fontes: Guia DK08 e Google Maps)

A sobreposição dos contornos traçados no mapa do guia DK08 com uma imagem de satélite do Google maps (figura 1.3) permite tornar mais claro o modo como o bairro é concebido a partir dos guias.

E, se se pretendesse traçar um mapa de Lisboa com base nas informações recolhidas nos guias turísticos, encontraríamos uma cidade composta por cinco grandes áreas dispersas que se situam ao longo do Tejo e em que o restante território, aquele que vai para além desses cinco bairros, é aglomerado numa mancha cinzenta onde nada acontece e que, dessa forma se converte numa espécie de grande vazio (Figura 1.4).

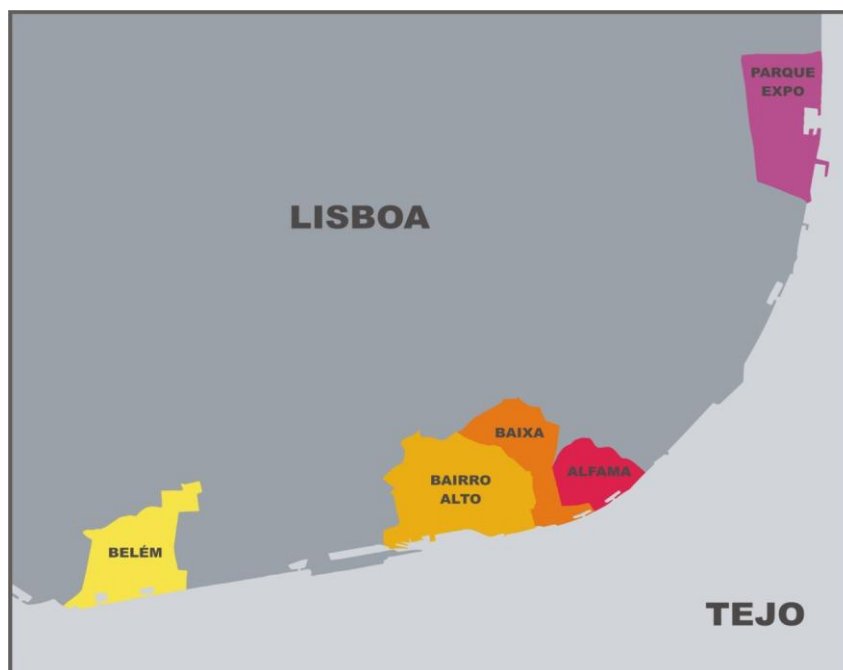


Figura 1.4 - Mapa da Cidade segundo as áreas definidas pelos dos guias turísticos⁶

Como o mapa Bairro Alto/Estrela (figura 1.3) demonstra, essas áreas, em que se divide a cidade, apesar de utilizarem os nomes dos bairros, não se referem a eles. São aquilo a que se poderia chamar de mega-bairros, ou super-lugares que se apresentam esvaziados de sentido. Por oposição aos lugares próximos do cidadão, aos “(...) espaços de sobreposição quase perfeita entre um quadro físico e um sentimento de pertencimento (...)” (Agier 2011, 103), são lugares distantes, que por se apresentarem

⁶ Fontes: (All World Guides s.a.; ANA 2006; Buck 2002; César 1998; Fodors s.a.; Folkard et al. 2008; Gallego 2005; Guia da Cidade s.a.; Hancock 2004; Lisbon Guide s.a.; Louis et al. 2005; Schlecht 2010; Trip Advisor s.a.; Turismo de Portugal s.a.; Vinon 2001; Walker 2009; Walpaper Magazine 2007)

desprovidos do seu carácter identitário, relacional e histórico, não se constituem como lugares antropológicos (Augé 1994).

Perdem o seu carácter de lugar de pertenças, de vizinhanças, para se tornarem em referências espaciais, pontos de localização no mapa da cidade. Assim despidos da sua essência, daquilo que faz deles bairros, eles desaparecem e dão lugar às ruas. “É pelas ruas que se percorre a cidade, é na rua que a cidade se conhece” (Cordeiro 2007, 61). A rua é o lugar onde se vêem espelhados as características atribuídas aos bairros pelo que, nos guias a rua e o bairro se confundem.

Provavelmente o bairro mais antigo de Lisboa, Alfama é conhecido pelo seu estilo de vida tradicional. Pequenas ruas que serpenteiam a colina estão alinhadas por pequenas casas com as roupas que arejam na parte de fora a decorar as suas paredes. A vida de bairro é realmente sentida aqui, cheia de uma simpatia castiça, mercearias de esquina que abriram as portas há várias gerações, cheiros que saem das cozinhas, e umas vistas maravilhosas. Aqui também é a casa do Fado. Sente-se aqui o ambiente de uma vila pequena, misturado com algumas das maiores atracções da cidade de Lisboa. (Strawberry World s.a.).

No entanto, essas referências às ruas não vão além do superficial e do aparente, focando a sua atenção, e a atenção do leitor visitante, no plano do exótico e do pitoresco, na aparente inexistência de fronteiras entre os domínios público e privado e, nesse sentido, tal como acontece com os bairros, também as ruas se vêem despojadas do seu carácter identitário uma vez que a sua dimensão social desaparece e elas são apresentadas como meras vias (Lynch 1990) que têm que ser percorridas para se ter acesso ao que realmente interessa, isto é, aos monumentos, aos edifícios históricos e às vistas pitorescas ou panorâmicas enfatizadas pelos guias (Sieber 2008). As ruas não são mais que caminhos nos itinerários propostos, meios de chegar a algum lado, e, dessa forma, tornam-se também elas, pontos de referência no mapa da cidade de onde sobressaem os elementos que, esses sim, merecem uma visita, um olhar atento, ou seja, os monumentos, os edifícios históricos, as praças.

Num dos itinerários que propostos pelo guia EVE05, pode ler-se o argumento que valida a pertinência da proposta. “Neste itinerário abundam as igrejas, os museus e os antigos recantos de ruas tortuosas, para que o viajante descubra uma parte do mais autêntico da capital” (Gallego 2005, 28). Assim, Alfama, Castelo, Graça, ou outro

bairro qualquer, é, simultaneamente um marco histórico, um cunho de autenticidade e um ponto de referência no mapa da cidade onde as ruas traçam percursos que ligam um ponto de interesse a outro e que, pelo meio permitem espreitar costumes exóticos, tradições e modos de vida.

Despidos os bairros do seu carácter de lugar, no sentido que lhe dá Augé (1994), ou seja, das redes de sociabilidades, dos sentimentos de pertença e das memórias e olhadas as ruas como meros modos de chegar a algum lado, esquecendo que nelas se pode sentir “a verdadeira vida da cidade, a sua pulsação” (Cordeiro 2007, 60), ou seja, despidos, bairros e ruas, dos seus significados, resta-lhes servir de referentes espaciais no mapa da cidade. Monumentos, edifícios históricos, o traçado labiríntico e uns ocasionais vislumbres da vida privada, que se confundem com o mais autêntico dos modos de vida lisboetas, proporcionam as imagens pitorescas que parecem dar a Lisboa a sua identidade.

Se por um lado, se pode dizer que o modo como os guias fragmentam Lisboa pode encontrar uma sua explicação na forma como os lisboetas pensam a sua cidade, como uma Lisboa de bairros e bairrismos, por outro lado, torna evidente que esse modo de a conceber não é completamente compreendido por quem produz este tipo de documentos. Isto fica claro se se olhar para os diferentes modos como os guias concebem os bairros da cidade, em particular aqueles que, por se considerarem os mais emblemáticos.

No entanto, apesar da fragilidade do modo como os guias constroem os bairros, fruto da invisibilidade das suas fronteiras, os bairros “têm nomes que os distinguem e, em certas situações constituem-se como referências localizadas” (Cordeiro 1997, 39). Diz o guia ANA06 que “para se orientar na cidade, o melhor é conhecer os nomes populares de cada uma das suas zonas” (ANA 2006, 8).

Não deixa de ser interessante pensar porque é que os guias e roteiros turísticos, recorrem aos nomes dos bairros, toponímia popular, para designar as grandes áreas que seleccionam como emblemáticas e deixam de lado o modo institucional de designar as diferentes zonas da cidade, a freguesia. Do mesmo modo que nos bairros as imagens construídas a partir do exterior pelo discurso turístico acabam por ser integradas nas auto-representações (Costa 1999), também os discursos turísticos, em particular os dos guias e roteiros, parecem incorporar pequenos fragmentos dos imaginários dos lugares como os nomes populares para designar determinadas áreas da cidade. Dessa forma,

conferem mais autenticidade à imagem que constroem, imagem essa que, por ser mais verdadeira se torna mais poderosa (Baptista 2003).

Pode-se, portanto concluir que nos guias, a divisão da cidade em bairros é apenas um modo de organizar o espaço urbano, uma forma de dar ordem à cidade, de a tornar mais facilmente inteligível.

Os guias acabam por construir uma cidade de papel (Vidal 2007), uma cidade fragmentada segundo critérios, que por vezes são de difícil compreensão. Critérios ligados à “autenticidade” do lugar, ao seu valor histórico ou às vistas que este pode proporcionar ao visitante. Assim, encontramos um mapa de Lisboa dividido em cinco ou seis bairros para além dos quais existem os “*outros Lugares de Lisboa*”(Gallego 2005, 4 e 71) ou o “*Further Afield*” (Folkard et al. 2008), uma espécie de grande vazio, onde nada parece existir ou o que existe parece ser cinzento e desprovido de qualquer interesse.

1.4. A rua e o bairro na imagem de Lisboa

A análise dos índices dos guias e das imagens introdutórias da cidade, onde é descrito aquilo que dela se pode esperar, chamou desde logo a atenção para quatro elementos que parecem fundamentais para a construção da imagem da Lisboa dos guias: a história, o relevo, as vistas (panorâmicas e pitorescas) e o entretenimento.

Da história, dizem os guias, os sinais estão bem patentes por toda a cidade, no Castelo, no desenho urbano e nos edifícios de Alfama, da Baixa ou do Bairro Alto e nos monumentos da época dos descobrimentos que se podem encontrar em Belém.

O relevo e as vistas são elementos impossíveis de separar uma vez que se o primeiro aparece nas referências às sete colinas, as segundas são como que um prémio à resistência dos que vencem o íngreme e serpenteante labirinto de ruas, becos, travessas e escadinhas. São elementos que, ao longo dos textos, aparecem sempre interligados, difíceis de diferenciar uma vez que o relevo, ao mesmo tempo que proporciona as vistas panorâmicas sobre a cidade, faz também parte dessa panorâmica, ou seja, estas duas dimensões, o relevo e as vistas, são, aparentemente, uma e a mesma coisa, ou seja, aparecem nos guias como elementos interdependentes, elementos que se co-determinam.

Os guias constroem uma Lisboa feita de imagens, uma Lisboa pictórica onde a roupa seca nas janelas, onde os inúmeros cantos e recantos proporcionam imagens inesperadas e, inevitavelmente, uma cidade narcísica, muito marcada pelas magníficas vistas panorâmicas que proporciona sobre si própria.

No que diz respeito ao entretenimento, os guias destacam inevitavelmente o fado e outros estabelecimentos de diversão nocturna, as compras e a restauração.

A identificação, nas descrições da cidade de Lisboa, destas quatro dimensões principais, sugeriu a delimitação de quatro linhas de análise: a história, o relevo e as vistas e, por fim, o entretenimento, para depois se tentar encontrar neles a rua e o bairro e perceber qual o lugar que ocupam nessa construção.

É, no entanto, importante chamar a atenção para o carácter meramente utilitário desta divisão, já que se tem plena consciência de que de que não é possível uma separação efectiva destas quatro dimensões já que a imagem que os guias constroem da cidade depende da presença destas quatro dimensões, são elas que conferem o carácter pitoresco à paisagem urbana, são elas que, juntamente com a simpatia e com estilo de vida descontraído dos lisboetas, fazem com que uma visita a esta cidade seja imprescindível. No entanto, apesar de artificial, considera-se que esta divisão tornará mais produtiva a análise do material recolhido porque a facilita, porque permite perceber que ruas e que bairros são seleccionados, em que momentos e permite perceber o porquê dessa selecção.

Desta forma, esta secção apresenta-se dividida em três partes. A primeira tem como ponto de partida a ideia de que os bairros e as ruas são referentes históricos, isto é, são elementos que remetem para a história e para a memória da cidade de Lisboa e aos quais essa história e essa memória, fornecem o contexto narrativo que serve de base à construção das narrativas identitárias produzidas quer internamente, quer a partir do exterior, quer a partir dos discursos dos guias turísticos, quer a partir de outros tipos de discursos. Assim, nesta primeira parte, para além das histórias e memórias dos bairros que os guias produzem e/ou reproduzem, incluem-se as referências aos monumentos e aos períodos históricos que marcaram mais fortemente a forma da cidade e a partir dos quais os guias turísticos constroem o seu discurso a respeito de Lisboa.

A segunda parte, dedicada ao relevo e às vistas vai tratar da Lisboa das colinas e das vistas que elas proporcionam, sejam as panorâmicas que se podem obter a partir dos muitos miradouros de Lisboa ou as imagens pitorescas que, muitas vezes encontram na história aquelas características que lhes conferem o seu carácter pitoresco. A Lisboa das

colinas e das ruas que por elas serpenteiam, das escadinhas, dos becos, das travessas, dos monumentos, para tentar descobrir que papel desempenham as imagens da rua e do bairro nessas descrições, de que modo se constrói, a partir dessas imagens, a imagem de uma cidade.

A terceira e última parte é dedicada ao entretenimento e pretende dar conta do que fazer em cada um dos bairros, do “tipo” de entretenimento que se pode esperar encontrar em cada um deles, ou seja, através do seu discurso e das formas de entretenimento seleccionadas em cada área, os guias acabam por criar uma ideia de especialização dos lugares, ou seja, acabam por construir uma imagem de *bairros temáticos*.

1.4.1. A história

A parte mais típica da cidade é aquela que mantém ainda o seu traçado antigo: Alfama e a zona do Castelo de S. Jorge; o Bairro Alto com as suas ruas estreitas e as casas de cores vivas, onde ainda se pode escutar o fado vadio; a Mouraria e a Madragoa; a Graça com a sua vista espectacular sobre a cidade e o Castelo (...) (César 1998, 108).

Um conhecimento, ainda que sumário, da história da cidade parece apresentar-se como um factor determinante para a compreensão do verdadeiro espírito de Lisboa, da sua essência e, por essa razão, torna-se incontornável, pelo que, os guias se propõem conduzir os seus leitores através dos acontecimentos mais marcantes da história da cidade. Ao longo dos textos que os guias turísticos apresentam notam-se como pontos focais quatro momentos fundamentais da história de Lisboa tal como é contada nos guias: a fundação da cidade, os Descobrimentos, o Terramoto de 1755 e a Expo 98. Estes são os pontos-chave que vão fornecer o contexto para todo o discurso que os guias constroem sobre a cidade.

“Na origem de Lisboa, a lenda confunde-se com a história” (Gallego 2005, 7). Diz o mito que a cidade teria sido fundada por Ulisses no seu regresso da guerra de Tróia e que teria sido aqui que Calipso, a ninfa do mar da mitologia grega, se teria enamorado do herói e que, por essa razão, se teria transformado em serpente cujo corpo arqueado teria dado origem às sete colinas da cidade (Buck 2002; Folkard et al. 2008; Gallego 2005; Schlecht 2010). É, no entanto, aos fenícios que se atribui a fundação da

cidade em cerca de 1200 a.C. com o estabelecimento nesse local de um entreposto comercial a que chamaram Alis Ubbo ou, segundo Paul Buck, Ubis Ubbo (Buck 2002, 16). “Celtas, Romanos, Visigodos e Árabes foram alguns dos primeiros povoadores que lhe imprimiram uma identidade cosmopolita” (ANA 2006, 6).

Se os Romanos fortificaram a cidade, construíram estradas, trouxeram o cultivo do trigo, da uva e da oliveira e deixaram as bases do que viria a ser a língua portuguesa, é aos Mouros que se deve muito do que Lisboa tem hoje de mais característico. Os Mouros transformaram a cidade num importante centro de comércio e “a sua herança é, ainda hoje, evidente no Castelo de São Jorge e nas ruas do bairro de Alfama” (Folkard et al. 2008, 15). O labirinto de ruas, becos e travessas que é Alfama é constantemente referenciado a respeito da sua origem mourisca. O traçado sinuoso parece servir de testemunho que prova a antiguidade do bairro, e que, conseqüentemente, faz prova da antiguidade da própria cidade. “Data desta época o Castelo de S. Jorge, *ex-libris* da cidade, e bairros como Alfama ou Mouraria” (César 1998, 110). Ao mesmo tempo, vai ser a própria história da cidade a fornecer os mecanismos de interpretação do bairro de Alfama e a validar a sua antiguidade. Alfama é, portanto, símbolo da antiguidade.

Com o século XVI, e graças às riquezas fruto dos Descobrimientos, a cidade de Lisboa foi palco de um forte desenvolvimento económico. O comércio atraía gente e, conseqüentemente, assistiu-se, também a um aumento da população que levou à expansão da cidade. Nasce o “*Bairro Alto, cujo traçado é, à semelhança da baixa ortogonal mas que, por estar situado numa colina, não é verdadeiramente organizado nem elegante*” (Buck 2002)⁷. O bairro que era originalmente habitado por mercadores ganhou, mais tarde, uma nova fisionomia e funcionalidade. Encheu-se de Jornais que coabitavam com as tabernas, casas de pasto, casas de fado, bordeis, oficinas e Lojas (Cordeiro 1997). Como os guias DK08, TBG98, EVE05 e LP09, hoje o Bairro Alto é uma zona de diversão nocturna, a mais famosa de Lisboa e, nas suas ruas estreitas podemos encontrar muitos bares, restaurantes e tascas, casas de fado e galerias de arte, livrarias, boutiques *vintage*, etc. Apesar desta conotação de “bairro nocturno”, dado à novidade, nos guias o Bairro Alto aparece também como um testemunho de um tempo passado, um passado glorioso que está ainda vivo no traçado das ruas, nas fachadas dos edifícios e nas casas de fado que se podem encontrar no Bairro Alto.

⁷ Tradução minha

À semelhança do Bairro Alto, Belém é também testemunho do Portugal de quinhentos, da Era dourada dos Descobrimentos Portugueses, de que são marcas, não só o Mosteiro dos Jerónimos e a Torre de Belém com as suas ornamentações de motivos marinhos típicas do estilo manuelino, o Padrão dos Descobrimentos, mas também os navegadores que “deram novos mundos ao mundo”(Gallego 2005, 6).

O grande terramoto de 1755 e a reconstrução da cidade que se lhe seguiu são, por assim dizer, o terceiro grande momento da história de Portugal e, em particular da cidade, realçada pelos discursos que se podem encontrar nos guias turísticos.

Foi na manhã do dia 1 de Novembro de 1755, pelas 9:30h., que dois terços da cidade ficaram totalmente destruídos e muitos foram os lisboetas que morreram devido ao grande terramoto que assolou a cidade e aos incêndios e maremoto que se lhe seguiram. Dependendo do guia, terão morrido cerca de 15.000 (LBG10, DK08), 40.000 (BUC02) ou 90.000 (LP09 e LP05) pessoas. As memórias de tão trágico desastre, o maior da história de Portugal, ainda se podem encontrar um pouco por toda a cidade, como é o caso da “cúpula da Igreja das Carmelitas, no Bairro Alto, por trás do Elevador de Santa Justa, que está aberta ao céu desde o dia em que a sua cobertura ruiu” (Schlecht 2010, 16).⁸ Perante a destruição causada pela força da catástrofe, era agora necessário reconstruir a cidade. Surge então a figura de Sebastião José de Carvalho e Melo, o Marquês de Pombal que, depois de mandar enterrar os mortos e tratar dos vivos, deu início ao planeamento da nova cidade. O traçado rectilíneo e as ruas largas e os edifícios à prova de tremor de terra eram incrivelmente avançados. As marcas dessa reconstrução são visíveis desde a frente ribeirinha até ao Rossio, é a chamada Baixa Pombalina. Mais uma vez, os guias apresentam o lugar como testemunho de uma época histórica “como se nada de relevante – implicitamente entendido como nada de «historicamente genuíno», ou com «sentido patrimonial» - tivesse existido antes ou tivesse acontecido depois da sua época «própria», em cada uma dessas zonas” (Costa 1999, 42).

Como quarto grande momento da história da cidade surge então a Expo 98 que é apresentada como o momento de viragem para a modernização da Lisboa e que, ao contrário dos momentos anteriores não implica olhar sobre o passado mas, pelo contrário, olhar o futuro. A exposição, organizada sob o tema dos oceanos dotou a capital portuguesa de um espaço por vezes comparado ao *South Bank* londrino (Walker

⁸ Tradução minha

2009) e encontra na Gare do Oriente, no Oceanário e nas inúmeras esplanadas à beira-rio os seus pontos de maior interesse. A julgar pelos guias analisados, apesar da sua localização, no extremo oriental da cidade, o Parque das Nações merece uma visita, é mesmo tido como o lugar ideal para passar um dia em família. No entanto, apesar de referido como símbolo da modernidade de Lisboa, como um olhar para o futuro da cidade, a atenção dispensada a esta zona é significativamente menor daquela dispensada às zonas mais antigas pelo que se pode dizer que é na história que está o grande encanto da capital portuguesa.

Temos, deste modo, que a Lisboa representada, a Lisboa dos guias turísticos se funda nas marcas do tempo. À semelhança do que Barreira (2005) encontrou a respeito da cidade de Berlim, o passado de Lisboa é constantemente evocado nos guias como símbolo da história mundial, símbolo de uma glória há muito perdida, como um “vasto conjunto de memórias que parecem inesgotáveis e em permanente evocação” (Barreira 2005, 299). São seleccionadas determinadas camadas do espaço urbano às quais se atribui um carácter mais autêntico do que a outros (Costa 1999). Os bairros são evocados como testemunhos autênticos desse passado e dessa memória, razão à qual se deve a existência de uma Alfama mourisca, um Bairro Alto quinhentista e uma Baixa Pombalina. Aqui, as ruas, com excepção da Avenida da Liberdade, são meros mecanismos de comunicação com esse passado, são vias que se devem percorrer para o alcançar.

Na maioria dos discursos sobre os bairros, em particular sobre os bairros mais visíveis de Lisboa, como é o caso de Alfama, o tom utilizado é o histórico-patrimonial e nas representações, construídas a partir do exterior, estabelece-se uma articulação simbólica entre o lugar e a história e a apresentação da história da cidade em épocas históricas sucessivas é associada a sucessivas zonas de Lisboa (Costa 1999). Ao mesmo tempo, em sentido inverso, a história funciona como testemunho, ou prova da antiguidade do bairro, funciona como factor que lhe confere a sua autenticidade, funciona como garante de que aquele é um bocado do passado que se pode espreitar.

Este tipo de discurso, e a frequente utilização, ao longo dos textos, de expressões como “estilo de vida tradicional” ou “inalterável desde há séculos”, expressões que remetem para um tempo passado mais ou menos indefinido, uma vez que não são feitas referências históricas explícitas, acabam, de certa forma, por *primitivizar* os que vivem nesses lugares e ajudar os que os visitam a viajar no tempo.

Provavelmente o bairro mais antigo de Lisboa, Alfama é conhecido pelo seu estilo de vida tradicional. Pequenas ruas que serpenteiam a colina estão alinhadas por pequenas casas com as roupas que arejam na parte de fora a decorar as suas paredes. A vida de bairro é realmente sentida aqui, cheia de uma simpatia castiça, mercearias de esquina que abriram as portas há várias gerações, cheiros que saem das cozinhas, e umas vistas maravilhosas (Strawberry World s.a.).

1.4.2. O relevo e as vistas

Imagine you are given a blank canvas to paint a city. First the backdrop: cobalt skies, seven hills (a different view for each day of the week), a blue splash for the river. (...), candy-bright houses, twisting alleys, grand plazas where locals relax (...) a Moorish castle on the hillside. Perfect. Now stand back and observe your masterpiece: Lisbon (Walker 2009, 99).

Seja sob a forma de descrições, fotografias ou ilustrações, seja uma panorâmica, obtida num dos muitos miradouros de Lisboa, uma descrição do labirinto de ruas de qualquer um dos bairros históricos, de um recanto um beco ou travessa, de umas escadinhas ou da roupa que seca numa qualquer janela, as páginas dos guias turísticos estão repletas de imagens que descrevem a cidade de Lisboa como se de um quadro se tratasse. Um quadro cuja beleza é criada pela conjugação perfeita dos elementos que compõem essa imagem. Conjugação essa que acaba por dar origem a uma paisagem peculiar e única, a um cenário de rara beleza onde os elementos construídos e a paisagem se harmonizam na perfeição (César 1998; Buck 2002; Gallego 2005; ANA 2006; Folkard et al. 2008) construindo, ou constituindo, através desses modos de representar a cidade uma espécie de Pastoral Urbana.

Ao longo das páginas dos diversos guias, esta imagem panorâmica da cidade, a imagem de uma Lisboa de contrastes, é constantemente reforçada por descrições cada vez mais detalhadas, relativas a cada uma das zonas particulares da cidade, a cada um dos seus bairros até chegar ao nível da rua, mas sempre trazendo à superfície os elementos seleccionados na imagem panorâmica da cidade, ou seja, o acidentado do terreno, o traçado labiríntico, a simplicidade das casas, os eléctricos e ascensores amarelos, simpatia das gentes e seus modos de vida e a vida de rua. Todas estas descrições que temos oportunidade de ler e, quando não acompanhadas por fotografias,

que temos oportunidade de imaginar, são fortemente marcadas “pela interposição de referências descritivas canónicas estabelecidas pela pintura (...) de «paisagens» (...)” (Medeiros 2003a, 78).

O discurso, escrito e imagético, dos guias incide, em grande medida, sobre paisagens e imagens do quotidiano. À semelhança das representações estereotipadas do Minho e dos minhotos (Medeiros 2003b), também o discurso que os guias fazem acerca da cidade de Lisboa, incide sobre a paisagem, neste caso, urbana. São discursos que, apesar de sintéticos, se encontram repletos de pequenos detalhes que ajudam o leitor a construir antecipadamente na sua cabeça a cena que vão encontrar.

No interior do castelo pode-se passear pelas ameias reconstruídas e percorrer o pequeno bairro de Santa Cruz do Castelo, dentro das muralhas do castelo, com um ambiente que parece ter-se mantido inalterável desde há séculos (Gallego 2005, 34).

Pode-se dizer que, ao folhear um guia turístico, há uma espécie de movimento de aproximação à cidade, isto é, as imagens iniciais, as panorâmicas, dão lugar a outras, mais próximas, as dos bairros. É quase como se se fizesse uma espécie de *zoom in*, que permite perceber, dentro da imagem principal (a cidade) determinados pormenores (o bairro e a rua) que a distância própria de uma visão panorâmica não permite observar. O próprio modo como os guias turísticos se organizam é, ele próprio, imagético, poder-se-ia mesmo dizer, fílmico. Ao ler um guia, tal como acontece quando se está em movimento, as coisas vão aumentando, em tamanho e detalhe, à medida que se aproximam. Do mesmo modo, o leitor, que começa por conseguir distinguir no horizonte apenas os contornos da cidade de Lisboa e das suas colinas e, à medida que progressivamente se vai aproximando vai começando a conseguir destringir na paisagem os diferentes bairros (entenda-se os que o guia seleccionou) e depois as ruas e as singularidades que fazem pitoresca a cidade de Lisboa, a roupa que seca nas janelas decoradas com vasos floridos, os azulejos que decoram as fachadas decadentes, os eléctricos centenários, os excêntricos funiculares amarelos (Schlecht 2010). Pode-se portanto dizer que os guias usam três planos na construção da imagem de Lisboa: um plano geral que transmite uma imagem panorâmica, que descreve a cidade em traços gerais, o plano médio ou americano que, por estar mais próximo já permite ver algumas das características de cada uma das áreas da cidade e, por fim, um grande plano ou

close-up, mais próximo e mais detalhado, que é aquele que se obtém ao nível da rua, o que descreve um percurso, uma fachada, um monumento.

Estas representações ou imagens escritas encontram-se, muitas vezes, acompanhadas por imagens fotográficas que, não só reforçam a descrição como atestam da sua veracidade e lhe acrescentam algo porque aumentam o nível de detalhe. As fotografias que ilustram os guias turísticos de Lisboa, apesar de mais eficazes, não se diferenciam muito das representações escritas, alias, tal como as primeiras, elas acabam por realçar exactamente os mesmos elementos: as vistas que se podem obter dos diversos miradouros de Lisboa, o Castelo, as ruas e fachadas coloridas que por lá se encontram, a roupa nos estendais, as pessoas nos jardins e nos cafés. Diz Barthes que a linguagem não pode autenticar-se a si mesma, mas as fotografias não inventam, elas são a própria autenticação (1981) porque as fotografias não são apenas uma interpretação do real, elas são como uma pegada, ou seja, são um registo material do objecto (Sontag 2008).

1.4.3. Fado & Food

Nos guias turísticos de Lisboa analisados encontra-se, quase sempre, secções dedicadas à alimentação e ao entretenimento. Estas secções são pouco extensas e, por norma, são relegadas para as páginas finais dos guias, encontrando-se muito próximas, ou até mesmo integradas nas secções dedicadas às necessidades do visitante, como é o caso do guia DK08 que as integra na secção “*Travelers Needs*” (Folkard et al. 2008).

Ao contrário do discurso romantizado que se pode encontrar ao longo de quase todo o texto, os guias adoptam a respeito da gastronomia um discurso mais claro e directo, ou seja, um discurso que visa transmitir ao visitante informações úteis de uma forma tão clara e concisa quanto possível não deixando, no entanto, de buscar na história e na situação geográfica da cidade as razões da riqueza da gastronomia de Lisboa.

Os inúmeros povos que passaram por terras lisboetas desde o início da sua história também deixaram as suas marcas na gastronomia da cidade. Nos pratos actuais notam-se influências árabes e orientais (...). A Situação geográfica de Lisboa leva à mesa peixe fresco e um excelente marisco (...) (Gallego 2005, 86).

Apesar dos pratos de peixe e marisco aparecerem sempre em primeiro lugar nas secções dedicadas à alimentação, ao contrário do que se poderia esperar, as sardinhas não são apresentadas como prato típico de Lisboa. Aliás, a cozinha lisboeta aparece mesmo como um caldeirão de influências gastronómicas onde, para além das influências árabes e orientais, aparece uma cozinha “muito variada, juntando muitos pratos diferentes oriundos de todo o país”⁹ (Folkard et al. 2008, 126).

No campo do entretenimento, apesar de Lisboa ser considerada como uma cidade ecléctica, dispondo de uma oferta variada, quer ao nível dos estabelecimentos, que vão das mais típicas tascas aos mais modernos bares e discotecas, quer ao nível dos locais de diversão, é ao fado, “the music of Lisbon” (Folkard et al. 2008, 144), e aos bairros de Alfama e Bairro Alto que os guias dedicam maior atenção e, apesar do claro ascendente de Alfama, são estes os bairros considerados como o berço da canção de Lisboa.

Fado is found in particular areas of Lisbon, most often in *Casa de Fado* (fado houses) in the Alfama area or the Bairro Alto (...). Where fado comes from is a matter of contention. People are agreed that it is a music originating from the poor, and that its home is in the Alfama and other old districts like the Mouraria or the Bairro Alto (...). Fado at root comes from the sea, from sailors singing of their loved ones at home, or the loved ones at home singing for those away (Buck 2002, 96).

Fado is inexplicable, it's everything. It's life through the cry of a voice that's often also happy. Moorish song and 16th-century ditties of homesick saylors (...) and the blend can be as dark and powerful as espresso or as light and sweet as latté. *Saudade*, roughly 'longing', infiltrates all fado, while other themes are love, destiny, bullfighting and remorse. (...) Melodramatic and highly addictive, fado is a musical soap opera with its roots in the labyrinthine alleys of working-class Alfama. (...) Wandering Alfama by night, you'll hear the strains of mournful fado (Walker 2009, 135).

Para além da Lisboa fadista os guias também dão conta duma Lisboa moderna onde é possível encontrar os bares e as discotecas da moda e, se o fado aparece

⁹ Tradução minha do original inglês “*immensely varied, bringing together many different foods from all over Portugal*”.

predominantemente ligado a Alfama, é o Bairro Alto, com os seus inúmeros bares, que se impõe como o grande foco da vida nocturna lisboeta.

1.5. A rua e o bairro na construção da Lisboa dos guias

“The Castle may not be authentic but the gardens and the narrow streets of Santa Cruz district within the walls make a pleasant stroll and the views are the finest in Lisbon” (Folkard et al. 2008, 38).

Depois da análise aos guias turísticos de Lisboa, parece ser possível concluir que os bairros desempenham um papel fundamental na construção da imagem da cidade de Lisboa. Os bairros populares ocupam o lugar central e tudo está, directa ou indirectamente, em relação com eles. Seja pelas origens históricas da cidade, pelas vistas panorâmicas e pitorescas que a topografia de Lisboa proporciona, pelo modo de organização da cidade ou por ser neles que nasceu a emblemática canção de Lisboa, o fado, a Lisboa dos guias turísticos é, definitivamente, uma cidade de bairros.

Encontramos uma cidade organizada por áreas que, apesar de se apresentarem como mega-lugares no que se refere aos limites geográficos, utilizam a designação popular de bairro, apresentando assim uma cidade dividida em bairros ou, pelo menos, dividida pelos bairros que têm maior visibilidade.

O discurso de teor histórico-patrimonial transforma o bairro das casas velhas e degradadas num velho bairro onde a degradação dos edifícios e os modos de vida das pessoas parecem ser testemunhos do passado, da antiguidade do lugar. Assim, visitar um bairro histórico é visitar a velha Lisboa e percorrê-los é percorrer a história – Alfama mourisca, Bairro Alto e Belém quinhentistas, Baixa pombalina e Expo futurista.

Aos discursos olisipográficos, turísticos e escolares que constroem a visibilidade social de Alfama e, acrescente-se dos bairros típicos de Lisboa, importa também juntar outro tipo de práticas, as visitas, aquilo a que Firmino da Costa chama visitabilidade (Costa 1999). As visitas turísticas, escolares e festivas, fundadas num discurso do tipo histórico-patrimonialista “acabam, de forma algo paradoxal, por se tornar em vectores fundamentais de formação das imagens que a população local tem acerca dele” (Costa 1999, 45).

Outro factor que se tornou evidente nesta análise foi o carácter espacial dos bairros, ou seja, os bairros servem como pontos de referência no mapa da cidade. Eles não são entendidos como unidades de pertença e de identidades, são despidos do seu carácter e lugar de sociabilidades para se tornarem pontos de referência.

Para além do seu carácter histórico e espacial, os bairros têm também o carácter visual que se traduz nas imagens pitorescas que proporcionam e que surpreendem a cada virar de esquina, os seus “*hidden nooks and crannies*” – cantos e recantos – (Folkard et al. 2008, 10), os seus labirintos de ruas, becos e travessas, a roupa que seca nas janelas, as sardinhas e o fado. Mas também as vistas panorâmicas sobre Lisboa que se podem usufruir dos muitos miradouros da cidade, miradouros esses que dão visibilidade aos bairros em que se encontram como é o caso do bairro da Graça que é exclusivamente referido pelo seu miradouro.

A imagem, ou melhor as imagens que proporcionam são, de facto, o elemento que se pode considerar como essencial do carácter de Lisboa.

Quanto à rua, que, como diz Sieber, se constitui como uma vertente fundamental do cenário urbano (Sieber 2008), aparece, nos guias turísticos, despida de vivências, despida da carga das relações sociais, das solidariedades e dos conflitos vicinais que a caracterizam, em suma, as ruas aparecem despidas daquilo que faz com que um espaço público se transforme em espaço semi-público (Pujadas 2008, 145), de tal forma que a vida de rua retratada pelos guias chega, muitas vezes, a incluir o turista como parte do tecido social urbano ilustrando a intensa movimentação de pessoas com fotografias de locais concebidos para e repletos de turistas não havendo uma verdadeira curiosidade sobre o modo como os lisboetas vivem. “Parece ser irrelevante quem são as pessoas e quem está na rua – desde que as ruas estejam apinhadas de gente” (Sieber 2008, 53). Pode-se, portanto, dizer que a rua que aparece nos guias turísticos é um mero canal, uma via onde o observador se move e a partir da qual observa a cidade (Lynch 1990, 58), é algo que aparece “num primeiro plano quase invisível apenas atravessado pelo olhar do visitante para se fixar nas fachadas de monumentos arquitectónicos ou edifício históricos” (Sieber 2008, 53).

Lisboa é, deste modo, imaginada como a cidade dos bairros históricos e das ruas serpenteantes, que sobem e descem pelas colinas. Assim, é possível concluir que a Lisboa dos guias é, definitivamente, uma cidade de bairros mas estes aparecem despidos das características que fazem deles bairros.

Nos guias e roteiros turísticos encontramos uma cidade editada, uma cidade onde há determinadas características e determinados elementos que são exacerbados, elevados à categoria de “imperdíveis” e, por outro lado, uma cidade onde há uma série de outros elementos que são simplesmente excluídos e, dessa forma, como já foi dito anteriormente, os guias e roteiros turísticos acabam por construir uma cidade de papel que se sobrepõe à cidade do quotidiano (Vidal 2005). Esta sobreposição acontece, não apenas do ponto de vista daquele que a visita e que recorre aos guias turísticos para a conhecer, mas também do ponto de vista de quem a habita que, inevitavelmente, acaba por ser contagiado por essa imagem (Costa 1999).

2. NO DISCURSO INSTITUCIONAL

A ideia de que Lisboa é uma cidade de bairros, não está presente apenas nos imaginários lisboetas ou nos modos como os guias turísticos constroem a cidade, ela também povoa os discursos institucionais onde tem um papel de destaque, constituindo-se mesmo como um eixo fundamental da Visão Estratégica de Lisboa. Nesse sentido, pode-se dizer que nas políticas de gestão urbana, cultural e turística da cidade, os bairros aparecem como emblemas de Lisboa, como elementos que a par do Rio Tejo se apresentam como factores diferenciadores da cidade. Assim, neste terceiro capítulo vai-se procurar o lugar que o bairro ocupa nos discursos institucionais, nomeadamente, nos Planos Municipais de Ordenamento do Território, ou seja, no PDM e nos planos de Urbanização e de Pormenor (CML 1994a; CML 2010a; CML 1997; CML 2009b), nas Estratégias para a Cultura em Lisboa (Costa et al. 2009) e no Plano Estratégico para o Turismo de Lisboa 2011-2014 (Associação de Turismo de Lisboa 2010; Associação de Turismo de Lisboa 2011).

Qual o lugar dos bairros de Lisboa nessas políticas de gestão urbana, cultural e turística? À semelhança do que foi feito para os guias turísticos, pretende-se descobrir de que bairros se fala nas políticas de gestão urbana, cultural e turística da cidade, quais as características enfatizadas e qual a imagem que deles se quer construir. Pretende-se também perceber se, e em que medida, nesse processo de construção duma imagem “institucional” dos bairros, o discurso político dialoga com o discurso turístico, nomeadamente com o discurso produzido pelos guias turísticos.

2.1. As Políticas do Território

LISBOA, CIDADE DE BAIROS

Lisboa, Cidade de Bairros, corresponde a um eixo fundamental da Visão Estratégica de Lisboa, suportado nos valores da qualidade de vida e da qualificação do espaço urbano. É a cidade cuidada e amiga, da rua e do peão, que aposta na reabilitação do património edificado, na qualificação dos seus bairros, na criação de equipamentos de proximidade na valorização do ambiente e dos espaços públicos, privilegiando a qualidade de vida dos seus residentes e visitantes, qualificando as vivências urbanas, e repovoando simbólica e funcionalmente Lisboa.

Neste contexto, o conceito de Cidade de Bairros assenta na reabilitação urbana, na requalificação do espaço urbano da cidade, com destaque para os núcleos de interesse histórico e na revitalização de Lisboa ao nível da habitação, comércio, empresas e actividades económicas de serviços avançados (CML 2002, 62).

Esta secção vai-se centrar na análise dos Planos Municipais de Ordenamento do Território (PMOT), ou seja, no Plano Director Municipal (PDM), nos Planos de Urbanização (PU) e nos Planos de Pormenor (PP) que são alguns dos instrumentos que fazem a cidade, instrumentos que definem as linhas orientadoras que vão servir de guião à transformação dos lugares e que garantem que essa transformação lhes vai conferir, entre outras coisas, os traços distintivos que reforçam a atractividade turística da cidade de Lisboa.

O PDM é o mais abrangente dos Planos Municipais de Ordenamento do Território. É um instrumento de planeamento que define orientações para o ordenamento e ocupação do território e cuja área de intervenção se estende a todo o território municipal. O PU é um instrumento que incide sobre uma determinada área da cidade que esteja a necessitar de uma intervenção integrada no que diz respeito, por exemplo, à definição da rede viária, equipamentos de uso colectivo, sistema de circulação, etc. O PP é um instrumento ainda mais específico que serve de base, por exemplo, aos projectos de arquitectura, ou seja, dentro de uma determinada área específica da cidade, o PP respectivo, determina as características gerais às quais os edifícios devem obedecer.

Tendo por base a ideia de que Lisboa é uma cidade de bairros e que por isso estes devem ser alvo de especial atenção por parte do município, têm vindo a ser criados e implementados ao longo dos anos uma série de políticas e programas que incidem sobre os bairros chamados históricos, típicos ou populares da cidade.

Nessas políticas e programas é notória, por parte da autarquia, uma preocupação muito grande com a imagem do lugar, isto é, os programas incidem, em grande medida, na reabilitação, revitalização e requalificação urbana dos bairros propondo-se regular, desde os usos que se podem fazer dos espaços até às características arquitectónicas dos edifícios (altura, tipos de estrutura e aspecto das fachadas) com programas que zelam pela manutenção de uma determinada harmonia arquitectónica que vai de encontro à imagem que se pretende construir. Essa imagem deverá servir de base ao projecto de afirmação da cidade de Lisboa “como uma cidade fortemente atractiva para o turismo

(...) em resultado dos traços distintivos da dimensão cénica, amenidades ambientais, morfologia urbana e identidade e cultura” (CML 2009b, 12). Estas características, aqui definidas como factores de atracção turística e vêm-se, também, reflectidas nos PMOT

No caso de Lisboa, o PDM em vigor data de 1994 (CML 1994a), no entanto, em 2010, foi apresentada uma proposta de revisão que, neste momento, se encontra em fase de discussão pública (CML 2010a; CML 2011b). Apesar desta proposta não ter sido ainda aprovada, mas por se considerar que ela reflecte aquelas que são as principais prioridades e actuais preocupações na gestão urbana de Lisboa, foi decido incluí-la na análise numa tentativa de melhor compreender o papel dos bairros nos modos de fazer cidade. O PDM define como prioridades estratégicas a afirmação da identidade de Lisboa no mundo e a protecção e valorização o património histórico, cultural e paisagístico de Lisboa.

Entre o PDM em vigor (CML 1994b) e a proposta de revisão que se encontra em fase de discussão pública (CML 2010a) é possível notar o alargamento do “conceito de área histórica” (CML 2010a), conceito onde cabiam os bairros históricos, típicos, populares de Lisboa, ficando dessa forma garantida a protecção desse património histórico, cultural e paisagístico (CML 2011b).

Ao mesmo tempo, a proposta de alteração ao PDM, define também a necessidade de preservar os traçados urbanos singulares pelas suas “características morfológicas, ambientais e paisagísticas e elementos mais relevantes, no sentido da sua qualificação” (CML 2011b, 39). Por traçados urbanos singulares entendem-se os traçados orgânicos que se caracterizam por ter um carácter espontâneo com ruas estreitas e sinuosas que correspondem ao que se pode encontrar no bairro de Alfama, no Castelo ou na Mouraria; os traçados regulares, são aqueles que, ao contrário dos primeiros, já apresentam alguma regularidade. Nestes cabem os traçados urbanos do Bairro Alto, da Madragoa, da Lapa e, apesar de não ser mencionada no PDM, talvez por se considerar como parte integrante do Bairro Alto, o traçado da Bica que apresenta uma malha ortogonal pré-pombalina (Cordeiro 1997, 84). Os traçados planeados, são os traçados ortogonais que se podem encontrar na Baixa Pombalina.

Estas acções passam pela implementação de uma “estratégia ambiciosa de reabilitação urbana para toda a área consolidada da cidade” (CML 2011b, 30) que passa pela reabilitação e revitalização das áreas históricas, pela qualificação das malhas urbanas consolidadas, pela intensificação da ligação da cidade ao rio, pela consolidação de um sistema de vistas e de pontos de vista notáveis e, no sentido de combater o

esvaziamento da zona central da cidade, uma estratégia que passa pela “aposta na requalificação de lugares de sociabilidade numa lógica de bairro”(CML 2011b, 41).

Dado o seu carácter de instrumento regulador muito abrangente, de uma maneira geral, quer o PDM em vigor, quer a recente proposta para a sua revisão, não incidem directamente sobre as áreas históricas da cidade de Lisboa. No entanto, ainda que não fazendo referência explícita a nenhuma área ou bairro particular, visa-os, salvaguardando algumas das suas características, como é o caso do traçado urbano, criando limites às utilizações que se podem fazer dos espaços, investindo na reabilitação urbana, na preservação ou classificação enquanto património.

Simultaneamente, remete todas as intervenções a realizar nos bairros históricos da cidade de Lisboa para os PU e para os PP dos núcleos históricos e tem nas Unidades Operativas de Planeamento e Gestão (UOPG), que são responsáveis pela programação e execução do PDM nas suas áreas de intervenção respectiva, os garantes de que as orientações definidas no plano são seguidas. Entre as Unidades Operativas de Planeamento e Gestão pode-se destacar a UOPG 7 cuja área de intervenção é o Centro histórico de Lisboa que abrange o Bairro Alto, São Paulo, a Baixa, o Castelo, Alfama, a Mouraria e a Pena, e que tem como principais objectivos, revitalizar a Baixa Pombalina e a Colina do Castelo e executar os projectos urbanos Colina do Castelo e Príncipe Real – Bairro Alto – Bica.

Também no futuro, Lisboa se projecta como uma cidade de bairros. A Carta Estratégica de Lisboa 2010/24, define a transformação de Lisboa numa Cidade de bairros como uma das “ quatro orientações principais (...), verdadeiros pontos cardeais da Cidade renovada” (CML 2009c, 2).

Para os seus habitantes, Lisboa precisa de se transformar numa cidade de Bairros (...). O bairro deve ser a unidade estruturante, no espaço e no tempo, definidor do orgulho e do prazer da cidadania. (...) Nos bairros a mobilidade deve ser essencialmente pedestre. Por esse motivo os bairros devem ter uma escala humana, não excedendo a dimensão espacial das cidades medievais. (...) (CML 2009c, 3).

2.2. As Políticas Culturais

No que diz respeito às políticas culturais de Lisboa, a análise vai-se restringir às *Estratégias para a Cultura em Lisboa* (Costa et al. 2009) porque este documento nos fornece um diagnóstico “da actividade cultural na cidade de Lisboa” (2009, 33) e porque identifica os eixos estratégicos e objectivos futuros bem como as medidas e projectos para os alcançar.

- elaborar um diagnóstico de síntese da situação de Lisboa relativamente à produção e consumo culturais (...);
- definir as principais linhas estratégicas de actuação no campo cultural, bem como programas de actuação concretos (...);
- procurar a mobilização dos diversos actores, internos ou externos à CML, para uma actuação comum, coerente e consistente em torno de objectivos para a (...).

(Costa et al. 2009, 27)

Dada a crescente importância da cultura para a vida e para a economia da cidade, as *Estratégias para a Cultura em Lisboa* (Costa et al. 2009) são um conjunto de propostas de políticas culturais que, fundamentalmente, resultam de uma análise às questões da criação artística, dos públicos e dos mercados culturais e do património cultural.

Desde os anos 30 do século XX, que as entidades gestoras da cidade encaram os bairros, em particular os bairros históricos e populares, como elementos simbólicos de peso nos modos populares de representar a cidade. Foi na década que se institucionalizou o espectáculo das Marchas dos bairros, evento que surge pela primeira vez nos moldes que hoje conhecemos em 1932 pelas mãos de Leitão de Barros e cuja organização passou, a partir de 1934, a ser da responsabilidade da Câmara Municipal de Lisboa (Cordeiro 1997). Neste contexto cabe também destacar em 1995 a criação da empresa EBAHL – Equipamentos dos Bairros Históricos de Lisboa, E.P. que em 2003 mudou o seu nome para EGEAC – Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural, e que é a empresa municipal responsável pela organização das Festas da Cidade, momento central da vida cultural de Lisboa que tem nas Marchas e Arraiais dos Santos Populares o momentos mais alto da vida festiva dos bairros de Lisboa (EGEAC s.a.).

Esta tendência, este papel central que os bairros desempenham nas políticas culturais da cidade mantém-se e, de certa maneira até se reforça uma vez que os bairros parecem desempenhar um papel central nas *Estratégias para a Cultura em Lisboa* (Costa et al. 2009), não só no que diz respeito ao seu valor patrimonial e, consequentemente, ao seu valor turístico, onde se destacam, tal como nos guias, Alfama, Belém, Baixa, Bairro Alto e Parque das Nações, mas também devido ao papel que se considera que desempenham na preservação do “património imaterial da cidade, nomeadamente tradições e actividades emblemáticas da cultura popular lisboeta” (2009, 67).

De todos os bairros de Lisboa, o Bairro Alto é aquele que aparece mais destacado, é aquele que se pode definir como um *Bairro Cultural*, aquele que é considerado “como modelo exemplar de uma zona urbana que soube potenciar os seus elementos distintivos e diferenciadores, tornando-se no pólo criativo com maior dinamismo, visibilidade e actividade cultural e artística de Lisboa” (Costa et al. 2009, 67)¹⁰. Este sucesso, que faz dele o caso paradigmático, deve-se sobretudo, segundo o mesmo documento, à lógica de associativismo entre os agentes locais que contribui para a criação de laços de solidariedade e pertença e que fazem do Bairro Alto um lugar central onde se concentra a oferta no que diz respeito às actividades culturais, “com variações e expansões para áreas limítrofes, consoante os sectores, ao Rato, ao Príncipe Real, à Bica, a Santos, ao Cais do Sodré, à Baixa, à Avenida da Liberdade, ou mesmo ao Castelo, à Graça, a Alfama e à Sé” (2009, 81).

A Região de Lisboa, a par com o Algarve, é uma das zonas mais visitadas por turistas do país. Contudo, se no Algarve a praia é o principal atractivo em Lisboa há um conjunto de factores (...) que estão relacionados com o património e com a história da cidade assim como com as “experiências” que a cidade tem para oferecer. A existência, por isso, de uma zona como o Bairro Alto/Chiado, o local em Portugal que mais se aproxima ao que normalmente se define como um bairro cultural, incluindo as ofertas nocturnas e as dinâmicas de convivialidade de base territorial, ajudam a tornar Lisboa num destino apetecível para os turistas que procuram esse tipo de oferta, para além do parque patrimonial e monumental que a cidade tem para oferecer.

(Costa et al. 2009, 61–62).

¹⁰ O termo cultura é aqui utilizado, não no seu sentido antropológico, mas como “relativo aos trabalhos e práticas da actividade intelectual e, sobretudo, artística. (...) a cultura é a música, a literatura, a pintura e a escultura, o teatro e o cinema” (Williams 1988, 90).

Neste documento salientam-se ainda “as diversas dinâmicas associadas à proximidade e à aglomeração” (Costa et al. 2009, 82) de muitos sectores, como é o caso, por exemplo, da concentração de livrarias e alfarrabistas no Chiado, de estabelecimentos de diversão nocturna no Bairro Alto ou de antiquários no Príncipe Real. Como exemplo paradigmático o documento fala da Associação Empresarial do bairro de Santos que pretende concentrar naquela zona o estabelecimento de actividades ligadas ao Design dando vida ao seu projecto *Santos Design District* que, segundo os autores, ”juntamente com os antiquários da Rua de São Bento, da Rua da Misericórdia, da Rua de São Pedro de Alcântara e da Rua da Escola Politécnica, é um dos projectos de base territorial mais interessantes a decorrer na cidade”(Costa et al. 2009, 54).

No que diz respeito aos bairros da cidade, as *Estratégias para a Cultura em Lisboa* passam pela criação de uma espécie de “*Bairros Temáticos*”, apostando na especialização da oferta cultural para dinamizar os bairros mas adoptando sempre o ponto de vista da sustentabilidade económica. Esta estratégia propõe-se apostar na transformação dos bairros em produtos culturais que, depois de embalados podem ser rotulados como o “Bairro Cultural” (Bairro Alto), o “Design District” (Santos) ou o “Belém: O ícone cultural, um Distrito de Museus” (Associação de Turismo de Lisboa 2011, 30).

Não obstante a existência de projectos, planos ou programas de menor visibilidade, o único elemento da cultura popular bairrista, daquilo que faz dos bairros de Lisboa os bairros dos imaginários dos lisboetas, que é promovido é a organização das Festas dos Santos Populares por parte da EGEAC.

A respeito da transformação dos bairros em produtos culturais, e perante a constatação de que o Bairro Alto, centro criativo e de convívio de Lisboa, está cada vez mais massificado e a enfrentar cada vez mais e maiores pressões sociais e urbanas, os autores das *Estratégias para a Cultura em Lisboa* perguntam que estruturas de governança serão mais adequadas para a sua sustentabilidade e que impactos gera a sua evolução nos bairros adjacentes (Costa et al. 2009)? Como se verá mais adiante, a resposta a esta segunda questão poderá estar do outro lado do Largo do Calhariz, na Bica.

2.3. As Políticas do Turismo

No que diz respeito às políticas do turismo, a fonte privilegiada é o Plano Estratégico para o Turismo em Lisboa 2011-2014 elaborado pela Associação de Turismo de Lisboa porque, mais uma vez, para além de dar conta da situação actual do turismo em Lisboa, aponta as direcções a seguir de modo a aumentar a visibilidade turística da Cidade.

Lisboa é uma das cidades mais belas do mundo. Há nela uma mistura de passado e futuro, de festa e nostalgia, de raiz e viagem, de modernidade e memória, de carácter e cosmopolitismo e de unidade e diversidade que a torna única. O rio, a luz, os bairros, as ruas, os monumentos, as pessoas, o fado, a gastronomia, a vida cultural, a actividade económica são outros tantos rostos em que ela se mostra e seduz. Quem não a visitou quer visitá-la e quem a visitou quer voltar. Lisboa é, hoje, um destino que está cada vez mais na moda. Temos de saber responder a esta procura, melhorando diariamente a qualidade, a inovação, o nível e a diversidade da nossa oferta turística.

Queremos que o Turismo seja um dos grandes desígnios da Cidade.

(António Costa, Presidente da CML em Associação de Turismo de Lisboa 2011, 3).

É inegável a importância do turismo para a economia das cidades e Lisboa não foge à regra.

Se a XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura de 1983 e Lisboa 94, Capital Europeia da Cultura, tinham como objectivo a promoção de Portugal no mundo, os dois eventos que marcam a história recente da cidade foram a Expo 98 e a organização do Campeonato Europeu de Futebol, o Euro 2004.

Segundo o Relatório do Estado do Ordenamento do Território (REOT) (CML 2009b), a realização da EXPO 98 e do Euro 2004 levaram a um aumento significativo, quer no número de unidades hoteleiras disponíveis, quer no número de dormidas e ajudaram a afirmar Lisboa “como uma cidade fortemente atractiva para o turismo com origem especialmente no estrangeiro, em resultado dos traços distintivos da dimensão cénica, amenidades ambientais, morfologia urbana e identidade e cultura” (CML 2009b, 12).

No entanto, hoje torna-se cada vez mais necessário afirmar a identidade de Lisboa no Mundo, torná-la mais atractiva e diferenciá-la das cidades europeias que, por apresentarem semelhanças ao nível da oferta e da procura turísticas, se constituem como

suas concorrentes directas: Amesterdão, Barcelona, Berlim, Madrid e Viena (Associação de Turismo de Lisboa 2010).

Vector	Elementos
Autenticidade	Azulejo, Bairros Típicos (Bairro Alto, Alfama, Mouraria, Madragos, etc), Cidade Caleidoscópica (colorida e variada), Cultura, Eléctricos, Fado, Festas Populares (Santo António), Gastronomia ancestral mediterrânica, Tradição
Capitalidade	Destino acessível (transportes), Centralidade, Relevância no contexto nacional e ibérico, Cosmopolita e pioneira na adopção de tendências
Atractividade	"Reachable and within everyone's pocket", Limpeza e qualidade do espaço público
Sensações	Acessibilidade a recursos naturais, Cenário de anfiteatro sobre o rio, Cheiro Clima ameno todo o ano, Destino para viver ao ar livre, Diversidade Cénica (As 7 Colinas de Lisboa), Luminosidade, Proximidade ao mar, ao rio e à serra.
Sofisticação e Modernidade	Contemporânea, Eficiente, Espaços verdes e esplanadas, miscegenação cultural, Selectivamente qualificada, Trendy, Vibrante
Dimensão humana	Carácter pitoresco do destino, Cidade única para conhecer a pé, Envolvimento da população com a actividade turística, Envolvimento do turista (Become a lisbonner) - cidade inclusiva, Espírito acolhedor da população, sensibilizada para o acolhimento ao turista (hospitalidade), Partilha de experiências com a população, Segurança, Serviço humanizado (qualidade do serviço)
Relevâncias históricas únicas	Cidade antiga, Destino onde se iniciaram os Descobrimentos (impulsionador da globalização), Património cultural e histórico
Diversidade de Experiências	"A incontornável capital oceânica delineada pelo rio, distinta na forma de receber, para descobrir à sua medida..." - variedade de produtos e recursos turísticos a uma curta distância (Sol e Mar, Golfe, Meetings, Industry, Turismo Náutico, Cruzeiros, Turismo de Natureza, Turismo Religioso, etc), Atividades ao ar livre, Animação todo o ano, Destino de diversidade de experiências inovadoras, exclusivas e personalizáveis, Destino de eventos de diferentes escalas, Destino que se reinventa, Múltiplas motivações - Oferta integrada da cidade, rio, golfe, praia e natureza.

Figura 2.1 – Factores de diferenciação turística de Lisboa.¹¹

Na estratégia para o turismo de Lisboa considera-se que a diferenciação da Cidade de Lisboa deve ser feita através de um conjunto de sete elementos: Autenticidade, Atractividade, Capitalidade, Sensações, Sofisticação e modernidade, Dimensão Humana, Relevâncias históricas únicas e Diversidade de experiências (Figura 2.1). Apesar de esta estratégia assentar em vectores definidos através de uma

¹¹ (fonte: Visão Estratégica para o Turismo de Lisboa, Plano Estratégico 2011-2014, pp 324-5)

linguagem técnica, completamente diferente da linguagem utilizada nos discursos turísticos, um olhar mais atento permite perceber que os critérios que definem cada um destes vectores são os mesmos que dão corpo à imagem de Lisboa construída pelos guias turísticos.

Encontramos, portanto, nesta visão estratégica, uma cidade feita de bairros típicos, de festas populares, de fado, tradição e gastronomia ancestral mediterrânica (Autenticidade), uma cidade onde a luz, a diversidade cénica e a vida de rua são para ser sentidas (Sensação e Diversidade de Experiências), uma cidade contemporânea, cosmopolita e “trendy” (Capitalidade e Sofisticação e modernidade), uma cidade pitoresca e onde se pode ressaltar o espírito acolhedor da população (Dimensão Humana) e, ao mesmo tempo, uma Cidade antiga, onde se iniciaram os Descobrimentos e onde existe um vasto património cultural e histórico).

No Plano Estratégico para o Turismo de Lisboa é proposta a divisão da cidade em quatro áreas distintas a que se chamam micro-centralidades e que correspondem às principais áreas de interesse turístico da cidade: o Centro Histórico, a “Alma da Cidade”, Belém: “Lisboa dos Descobrimentos”, Parque das Nações: “Lisboa Moderna” e o Eixo Ribeirinho: “Passeio do Tejo”.

Dada a sua relevância, a micro-centralidade Centro Histórico foi, também ela, dividida em quatro núcleos: o núcleo Baixa – Chiado: “Alma de Lisboa para viver ao longo do dia”, assim designado por ser um bairro movimentado, ideal para compras ao ar livre com oferta de animação, museus, monumentos e urbanismo de qualidade. Outro dos núcleos definidos é o núcleo Alfama / Castelo / Mouraria: “Bairros Populares de Lisboa”, locais onde se pode vivenciar um conjunto de tradições, contactar com a população, visitar monumentos e tirar partido das vistas sobre a cidade. O terceiro núcleo é o da Avenida da Liberdade que por ser zona de comércio de qualidade, jardins e ter vasta oferta de espectáculos se designa “Grande Avenida Moderna – compras, espectáculos, glamour”. Por fim o Bairro Alto / Santos; “Dois bairros, um dia, muitas experiências”. Considera-se que estes bairros tradicionais proporcionam 3 vivências distintas: de manhã, o contacto com a população local, de tarde a vanguarda artística e de noite o entretenimento, a gastronomia e os bares (Associação de Turismo de Lisboa 2010).

Portanto, as políticas do Turismo constroem a imagem de Lisboa a partir dos seus bairros típicos ou populares porque os reconhecem como símbolos do que a cidade tem de mais autêntico, símbolos que a diferenciam das outras capitais europeias e que

são um elemento importante na construção de uma imagem de Lisboa capaz de atrair turistas nacionais e de impor a Cidade como um destino turístico preferencial capaz de concorrer com cidades como Amesterdão, Barcelona, Berlim, Madrid e Viena. Ao mesmo tempo, e tal como a Lisboa dos guias turísticos, a Lisboa das políticas do turismo é uma cidade se assume de contrastes já que nela convivem a arquitectura mais moderna e os edifícios históricos, o comércio de bairro e as grandes marcas internacionais, a tradição e a modernidade.

2.4. O bairro nas políticas de gestão Urbana

Apesar dos discursos institucionais terem sido aqui apresentados em três segmentos, não é possível proceder a uma separação de facto uma vez que, cada um de sua forma, concorrem para a construção de uma determinada imagem da cidade. Uma cidade de contrastes, ao mesmo tempo histórica e cosmopolita, tradicional e moderna.

Do ponto de vista urbanístico, os discursos institucionais fazem assentar a atractividade da cidade no seu património histórico. Há uma forte aposta na requalificação e reabilitação do centro histórico urbano. Procura-se criar, tanto quanto possível, lugares esteticamente harmoniosos e tão fiéis ao original quanto possível. Por via da regulamentação obriga-se, de uma forma quase higienista, à remoção dos elementos que contaminem a imagem idealizada para o lugar. É o caso dos aparelhos de ar condicionado, das antenas de televisão e dos graffiti. A remoção de todos os indícios da contemporaneidade do lugar histórico parece uma forma de tornar o lugar mais verdadeiro criando uma imagem que pretende remeter para o passado.

Do ponto de vista cultural aposta-se na diversidade da oferta e na especialização dos lugares, transformando-os em produtos marketizáveis, em “*Bairros Temáticos*”.

No campo do turismo, a aposta é claramente na ideia da cidade de contrastes. A autenticidade dos seus bairros típicos, a sofisticação da cidade, o seu carácter pitoresco, hospitaleiro, as suas relevâncias históricas ligadas à antiguidade da cidade e aos Descobrimentos (Associação de Turismo de Lisboa 2010), são apenas alguns dos seus principais atractivos.

Após analisar as políticas de ordenamento do território, as políticas culturais e as políticas do turismo, estamos em condições de perceber a importância do sector turístico nos modos de fazer cidade e a importância dos bairros nessa construção.

Quer estejamos a falar ao nível da arquitectura e do urbanismo, quer ao nível das indústrias da cultura, as preocupações com a imagem dos bairros estão sempre presentes. As políticas do território que focam essencialmente o aspecto físico das ruas e dos bairros, que tratam da reabilitação dos edifícios e da requalificação de espaços públicos, não deixam de ter em conta factores como o sistema de vistas ou a harmonia dos conjuntos urbanos e o mesmo é válido para falar das políticas culturais que se preocupam com o tipo de ofertas disponíveis mas que, ao mesmo tempo, e à semelhança do que se passa noutras cidades europeias, apontam para uma tematização desses lugares.

Percebemos também, que se a importância dos bairros históricos, populares ou típicos, é inegável, ela não é, no entanto, extensível a todos os bairros populares da cidade. Tal como nos discursos turísticos, há alguns bairros que permanecem na obscuridade, que, por serem integrados noutros bairros de maior visibilidade, são eliminados da imagem de Lisboa. À semelhança da Lisboa dos guias, o discurso institucional sobre a cidade e as políticas de gestão urbana, cultural e turística da cidade, acabam por apontar para a construção de um lugar onde “es muy raro que haya algo fuera de lugar, no hay suciedad, vistas, olores y sonidos desagradables” (Edensor and Kothari 2006, 225).

No entanto, podemos afirmar que, tal como se viu anteriormente a respeito dos imaginários lisboetas e dos guias turísticos, para as políticas de gestão urbana, cultural e turística da cidade, instrumentos que pretendem gerir e fazer cidade, falar de Lisboa implica falar dos seus bairros.

3. A BICA

Neste capítulo vai-se, numa primeira fase, fazer um breve enquadramento histórico do bairro da Bica¹² e, de seguida, dar conta dos modos como os guias turísticos por um lado, e as políticas de gestão urbana por outro, se referem ao bairro e de que modos o afectam. Posteriormente, no terreno, pretende-se dar conta do processo que tem vindo a transformar num lugar turístico um bairro que, apesar da sua localização privilegiada no centro da cidade, até há muito pouco tempo se constituía como um lugar encravado entre os Altos das chagas e de Santa Catarina, marcado pela ausência de monumentos tendo como único ponto de atracção turística as Festas dos Santos Populares (Cordeiro 1997).

3.1. O Bairro

22 de Julho de 2009

“Hoje a Bica faz anos... 412, para ser mais preciso.”

(Curly Z 2009)

No dia 22 de Julho de 1527, pelas 23 horas, dá-se em Lisboa um aluimento de terras que separou o Alto das Chagas do Alto de Santa Catarina levando consigo 110 casas e 3 ruas (Cordeiro 1997). Aparentemente este tipo de fenómenos geológicos era frequente à época e, a este desabamento de terras seguiu-se um outro, em 1621, que acabou de cavar o resto do vale onde hoje fica o bairro da Bica.

Aparentemente, antes dos aluimentos, os montes das Chagas e de Santa Catarina estavam ligados, formavam uma plataforma elevada, um dos lugares de passeio e de observação do rio, chamado Monte ou Pico de Belver, ou Belveder (Ferreira e Calado 1992).

¹² Para saber mais sobre a história do Bairro da Bica e zona envolvente consultar: (Ferreira e Calado 1992; Cordeiro e Garcia 1993; Cordeiro 1997)

Isto dantes não era assim, era tudo plano, a direito. A Bica não existia, chamava-se Monte Sinai, e era um alto. Isto antes do terramoto – não o de 1755, mas outro, antes. (...) ... E assim nasceu a Bica (Outubro de 1991)

(Sr. Alberto in Cordeiro 1997, 83)

A instabilidade do monte levou a que, ainda em 1621, os moradores solicitassem apoio para a construção de uma muralha que ajudasse a evitar novas derrocadas. Reconhecida a urgência da obra foi encomendado um plano para a área acidentada ao então arquitecto da cidade, Teodósio de Frias, que traçou a malha ortogonal classificada de pré-pombalina que hoje se pode encontrar na Bica (Cordeiro 1997).

No que respeita ao edificado, com excepção do único edifício senhorial da Bica, situado na Travessa do Cabral, o bairro é composto por edifícios de fachada simples e harmoniosa que, na sua maioria, datam dos séculos XVII e XVIII.

Em torno do bairro, mas de costas voltadas para ele, encontram-se diversos palácios, palacetes e igrejas. Entre eles, o Palácio Valada-Azambuja no Largo do Calhariz, hoje ocupado pela Biblioteca Municipal Camões, o Palácio das Chagas ou Palácio Sandomil, edifício situado na esquina da Rua das Chagas com o Largo do Calhariz que terá resistido quase integralmente ao terramoto e onde se destacam os tectos apainelados atribuídos ao Pintor Pedro Alexandrino e alguns silhares de azulejos setecentistas (Cordeiro and Garcia 1993). Mais abaixo, na mesma rua temos o Palacete das Chagas, edifício do século XIX mas cuja construção original data do século XVI e a Igreja das Chagas que foi originalmente construída em 1542 por iniciativa de Frei Diogo de Lisboa mas que foi completamente destruída pelo terramoto de 1755.

Na outra encosta, no Alto de Santa Catarina, podemos encontrar o Palácio de Verride ou Palácio de Santa Catarina, edificado no século XVIII e o Palacete onde é hoje a sede da Associação Nacional de Farmácias, construído em 1860, sobre as ruínas da antiga Igreja de Santa Catarina.

Este tipo de construções contrasta com aquelas que se podem encontrar no interior do bairro. Ao contrário dos edifícios senhoriais que o rodeiam, o conjunto arquitectónico, apesar de simples e harmonioso, esconde habitações muito antigas e precárias.

Segundo Graça Cordeiro (1997), na Calçada da Bica Grande apenas dois edifícios foram construídos de raiz no século XX, todos os outros são anteriores e são

agora mais altos do que a construção original, ou seja, ao longo dos séculos XIX e XX foram sendo acrescentados andares aos edifícios.

... é de muito antiga e deficiente construção (...) internamente verifica-se que existem paredes fendidas, divisórias com grande encurvatura e os pisos notavelmente descaídos para a parede do fundo. As pias de despejo estão colocadas na escada a qual mostra os degraus muito desnivelados... a empena fendida e divisórias apodrecidas. O telhado permite grandes infiltrações de águas pluviais que chegam a atingir o piso do 1º andar. O r/c apresenta-se num estado miserável. (Processo-Obra xxx).
(Cordeiro 1997, 113)

Na Rua da Bica Duarte Belo há a destacar o registo de azulejos neoclássicos sobre a porta com o número quatro e um outro, “rocaile” sobre a porta com o número dezoito da Travessa do Sequeiro. Ambos os painéis apresentam a Virgem e o Menino ladeados por S. Marçal e Santo António (Miranda 2003).

O topónimo Bica está associado à existência em abundância de água naquelas terras que levou a construção de inúmeras bicas e chafarizes, ente as quais se podem destacar a Bica Grande, a Bica Pequena e a Bica do Belo, actual Bica dos Olhos.

A primeira, que existe ainda no Pátio do Broas, cuja entrada fica no número 2 da Calçada da Bica Grande, é um tanque seiscentista com uma bica que corre para um tanque de pedra. A Bica Pequena, hoje desaparecida, terá existido próxima da calçada com o mesmo nome.

A designação “Bica do Belo” é conhecida desde o século XVI. Duarte Belo era um armador e negociante quinhentista que detinha, na Boa Vista, algumas casas e um terreno onde existia uma bica. Em 1707, um tal António Ferreira, adquiriu esse terreno e para obter autorização para construir nele uma casa, foi obrigado a mudar a bica à sua custa ficando, ele e os herdeiros, responsável pela sua manutenção. A obra data de 1675 e dadas as qualidades medicinais da água, “boa para curar males dos olhos”, acabou por ficar conhecida como Bica dos Olhos (Miranda 2003).

Foi neste declive criado pelo aluimento de terras que “anos mais tarde, se concentraram fadistas e gente de trabalho ligada ao Tejo” (Jornal i and Agência Lusa 2009). De facto, segundo Micaela Soares, por volta da década de 1730 teria havido grandes migrações de «Ílhavos», «Ovarinos» e «Murtoseiros», conhecidos por «Varinos» que se terão dirigido à beira-rio (Cordeiro 1997, 145). Este tipo de

população, dada à sua actividade ligada ao mar, acabou por se fixar nas zonas ribeirinhas e, pela sua localização e tipo de edificado (habitação popular) o bairro da Bica foi, a par com outros bairros da cidade de Lisboa como Madragoa, Alfama, Bairro Alto e Alcântara, uma zona de fixação das gentes ligadas ao mar. (Cordeiro 1997)

Até ao início do século XX, a Bica terá sido maioritariamente ocupada por algarvios. Esta população economicamente desfavorecida fixou-se nos bairros ribeirinhos mantendo-se ligada à actividade marítima que foi a actividade predominante até finais da década de 1920.

No período entre 1927 e 1945 nota-se um crescimento das actividades artesanais e, ao mesmo tempo, também se nota um crescente número de caldeireiros, fundidores de metais, canteiros e, mais tarde, electricistas, tipógrafos e serralheiros dada a especialização portuária e industrial da zona ribeirinha que é um zona “especialmente atractiva pelas facilidades de transporte e água que proporciona (...) na Boavista instalam-se fundições, serralharias, fábricas de gás e de aparelhar madeiras”. (Pinheiro 1990).

A zona comercial do bairro era, à semelhança do que se passa ainda hoje, a Rua da Bica Duarte Belo. Era nessa rua que se podiam encontrar grande parte dos estabelecimentos comerciais do bairro, entre eles, as tascas, poiso frequente dos residentes e algumas lojas como a Casa dos Botões, algumas mercearias e algumas oficinas de artífices. É também nesta rua que se encontra o Grupo Excursionista Vai-Tu, uma das três colectividades do bairro e que a par com o Marítimo Lisboa Clube, na Bica de Baixo, e o Zip-Zip, na Bica do lado de lá do elevador, caracterizam a vida do bairro (Cordeiro 1997).

O tipo de edificado que se pode encontrar no bairro da Bica ajuda, conjuntamente com a topografia, que a separa da envolvente, reforçam o seu carácter de “ilha” no centro da cidade. (Cordeiro 1997).

3.2. O Ascensor da Bica

Arthritically creaking up the chasmlike Rua da Bica de Duarte Belo, this iconic yellow funicular is a flashback to the late 19th century. Hitch a ride to save your legs and enjoy fleeting glimpses of the Rio Tejo and pastel-hued houses (Walker 2009, 36).

Inaugurado no dia 29 de Junho de 1892 e classificado como monumento nacional desde 2002 (Ministério da Cultura 2002), o Ascensor da Bica liga o Largo do Calhariz à Rua de São Paulo e constitui-se como um elemento marcante do bairro – até há pouco tempo, o único elemento marcante do bairro – cujo contraste com o meio envolvente fazem dele um cenário único em toda a cidade (Lynch 1990, 90 –91).

A acidentada topografia lisboeta representava um obstáculo à circulação. Nem mesmo as carruagens movidas por tracção animal, os americanos, que surgiram no final do século XIX, respondiam satisfatoriamente aos problemas de circulação de pessoas e bens. Primeiro na zona ribeirinha. Depois, com a perspectiva e expansão, novos projectos apareceram pretendendo eliminar a tracção animal.

Com o aparecimento da tracção mecânica surge a Companhia dos Ascensores Mecânicos de Lisboa, fundada a 6 de Junho de 1882 sendo transformada, dois anos depois na Nova Companhia dos Ascensores Mecânicos de Lisboa que veio dotar a cidade com um conjunto de ascensores.

Os ascensores instalaram-se nas calçadas, íngremes da Glória em 1875; do Lavra (1884), da Estrela (1882), da Bica (1892), de S. Sebastião (1892), da Graça (1893), de Santa Justa (1896) do Largo da Biblioteca (1897). Os progressos foram dolorosos e com dificuldades de rentabilização que só a electricidade permitiu superar mas os novos meios de transporte influenciaram decisivamente a expansão da cidade precedendo a pressão demográfica (Pinheiro 1990).

Em 1888 a Nova Companhia dos Ascensores Mecânicos de Lisboa obteve concessão para instalar um ascensor que ligasse a Rua de São Paulo ao Largo do Calhariz.

Este ascensor, concebido por Raoul Mesnier du Ponsard, parte do que parece ser um vulgar prédio de cinco andares na Rua de S. Paulo e percorre a Rua da Bica Duarte Belo fazendo a ligação com o Largo do Calhariz.

As obras para assentamento dos carris e do motor tiveram início em 1890 e os primeiros testes tiveram lugar dois anos mais tarde, em 27 de Julho de 1892 e um dia depois, o elevador da Bica iniciou oficialmente o seu serviço.

Inicialmente, os carros eram abertos, com bancos dispostos em plateia e o sistema de tracção funcionava através de um cabo por contrapeso de água, ou seja, cada carro estava equipado com um reservatório de água e era a diferença de peso que fazia funcionar o elevador.

Poucos anos mais tarde, em 1896, este sistema tornara-se obsoleto e decidiu-se substituí-lo, passando então a utilizar máquinas a vapor fornecidas pela empresa alemã Maschinnenfabrik.

A electrificação só chegaria 20 anos após a inauguração. Em 1912, um novo contrato com a Câmara Municipal de Lisboa viria a possibilitar, numa fase inicial, a electrificação dos elevadores do Lavra, da Bica e da Glória.

Os carros, que pesavam cerca de dez toneladas, eram agora fechados e tinham dois bancos longitudinais, estavam munidos de um grampo que os ligava ao cabo e de um freio de garra e eram accionados por dois motores eléctricos ligados em série o que significava que só a manobra conjunta dos dois guarda-freios conseguia pôr os veículos em movimento. No entanto, 4 anos mais tarde, em 12 de Outubro de 1916, quando se ultimavam alguns trabalhos na rua e se procedia ao assentamento de um dos carros sobre os carris, este precipitou-se rua abaixo, despedaçando-se em S. Paulo. Em consequência deste acidente o ascensor da Bica permaneceu inactivo durante vários anos até que finalmente, em 1923, reiniciou o seu funcionamento com um novo sistema de tracção.

Neste novo sistema os motores que antes estavam nos carros tinham sido suprimidos e estes, que eram de um novo modelo, produzidos pela Theodore Bell, tinham o rodado e o chassis em aço e o habitáculo de madeira era reforçado a ferro, passaram a ser accionados por um único motor instalado na estação do Calhariz.

Em Junho de 1927 o Ascensor da Bica passa a propriedade da CARRIS, empresa que ainda hoje é proprietária dos ascensores de Lisboa.

Tal como os seus congéneres das Calçadas do Lavra e da Glória, o Ascensor da Bica está, desde Fevereiro de 2002¹³, classificado como Monumento Nacional (Ministério da Cultura 2002; Carris 2010).

3.3. A Bica nos guias

Como se viu acima, os guias seleccionam determinados bairros da cidade, constroem um discurso à volta deles e dão-lhes visibilidade, tornando-os representativos da cidade. De acordo com os guias turísticos de Lisboa, o nome da Bica não aparece como um desses lugares cartaz. Em *Um lugar na Cidade*, publicado em 1997, Graça

¹³ Decreto n° 5/2002 publicado em Diário da República n° 42 de 19 de Fevereiro

Cordeiro fornece uma série de razões que podem ajudar a explicar as razões pelas quais “a Bica é pouco conhecida e raramente localizada na geografia da cidade” (Cordeiro 1997, 76). Diz a investigadora que a invisibilidade do bairro da Bica se deve à inexistência de comércio, à quase total ausência de meios de transporte públicos, à sua situação topográfica, encravado entre duas das colinas de Lisboa e à inexistência de pontos de interesse turístico que, no seu entender, se resumiam às festas dos Santos Populares que decorrem todos os anos no mês de Junho (Cordeiro 1997).

Desde então muita coisa se alterou. No que respeita aos comércio existentes, quando Graça Cordeiro publica o seu trabalho, o comércio existente resumia-se a algumas mercearias que se destinavam a servir os clientes locais e que entretanto desapareceram. Desde 1997, ano em que abriu o primeiro bar na Bica, que esta situação se tem vindo a alterar e hoje, o bairro da Bica, com particular densidade na Rua da Bica Duarte Belo, está repleto de bares e restaurantes que, claramente, se destinam aos que visitam a Bica e que pela noite enchem de vida o bairro.

Se por um lado, estes novos comércio ligados à diversão nocturna podem contribuir muito significativamente para um aumento da visibilidade do bairro mas, por outro lado, podem também ajudar reforçar a ideia de continuidade entre o Bairro Alto e a Bica de cima uma vez que há uma enorme permeabilidade entre estas duas zonas. As pessoas vão e vêm do Bairro Alto de copo não mão porque, para o fazer, mais não é preciso que atravessar uma rua. Assim, se as dimensões reduzidas da Bica, a proximidade territorial entre os dois bairros, separados apenas pelo Largo do Calhariz, e a sua contemporaneidade já eram factores que contribuía para confusão entre os dois bairros, a ligação que agora se estabelece, à vida nocturna, pode-se constituir como mais um factor que reforça essa confusão.

Outro factor que contribuiu decisivamente para aumentar a visibilidade do bairro foi o facto de, em 2002, o elevador que percorre de alto a baixo a Rua da Bica Duarte Belo, ter sido classificado como monumento nacional. (Ministério da Cultura 2002).

No entanto, apesar da importância desta classificação e da visibilidade que a Bica ganhou entre os lisboetas, do ponto de vista turístico, ou seja, nos guias e roteiros turísticos, este facto não parece ter tido grande importância. É verdade que o bairro é referido em 14 dos 18 guias analisados, mas, naqueles em que aparece, as referências limitam-se quase sempre ao elevador. Parece haver uma sobreposição do elevador com a Rua.

No guia *Lisbon Encounter* da Lonely Planet, um dos que dedica algumas linhas ao elevador e à rua, podemos ler o seguinte: “Arthritically creaking up the chasmlike Rua da Bica Duarte Belo, this iconic yellow funicular is a flashback to the late 19th century” (Walker 2009, 37). Paul Buck, no seu “companheiro cultural e literário” dá nota de que este elevador liga São Paulo à Calçada do Combro (Buck 2002, 71) Noutros casos, a referência limita-se a uma fotografia, como é o caso do guia TBG98 (César 1998, 116) que, apesar de apresentar uma fotografia do elevador da Bica, não o refere na legenda nem quando descreve os ascensores de Lisboa como um dos meios de transporte mais típicos da cidade. Os restantes guias limitam-se a dar nota da existência do elevador e a marcar a sua localização nos mapas.

Também a vida nocturna, fenómeno que só recentemente surgiu na Bica, aparece como referência, no entanto, isso só acontece em dois dos guias que referenciam o *Bicaense Bar* na Rua da Bica Duarte Belo.

Bar Culture is a younger phenomenon. While traditional dinking places such as *ginjinha* bars live on, the bars that make Lisbon’s nightlife one of Europe’s liveliest and most varied are rarely more than a decade or two old. Bairro Alto is the city’s best known bar territory and has the widest choice, but Santos, Bica/Santa Catarina and Cais do Sodré are good areas for bar-hopping too (Folkard et al. 2008, 136).

Se o guia *Lisbon Eyewitness Travel*, faz referência à Bica como uma zona de bares e à Rua da Bica Duarte Belo, onde fica a *Bicaense*. (Folkard et al. 2008, 136–137), já o guia *Lisbon Encounter* fala d’*a Bicaense* mas inclui-a em Santa Catarina não faz qualquer referência ao bairro da Bica (Walker 2009, 48).

Dada a invisibilidade da Bica nos guias turísticos da cidade de Lisboa, procuraram-se outras publicações. Encontraram-se três documentos, cuja publicação foi promovida ou apoiada pela CML e que, a julgar pelos títulos – *Guia-Contexto da Freguesia de São Paulo* (Cordeiro and Garcia 1993), e *Roteiro Turístico do Bairro Alto/Bica* (Carvalho) – e pelo facto de se apresentarem em diversas línguas – *Bairros Históricos, Bica* (Miranda 2003) – se constituem como publicações turísticas e por essa razão forma chamadas a intervir nesta discussão. No entanto, é importante ressaltar que, tanto pelo tipo de discurso, como pelo modo como se organizam, estes documentos não se podem considerar como guias turísticos em sentido próprio.

No Guia-contexto da autoria de Graça Cordeiro e Joaquim Garcia dedicado à freguesia de S. Paulo, de que a Bica faz parte, traça-se a história da freguesia, fala-se das suas personagens, do conjunto urbano seiscentista, ou seja, conteúdos que encontram correspondência nos guias da cidade, mas também se fala da composição etária e socioprofissional da população e dos problemas habitacionais que existem, ou existiam à data, no bairro. Apesar destas incursões na realidade social do bairro, o discurso pode-se, em grande medida, considerar de teor histórico-patrimonialista (Costa 1999), uma vez que se foca na história e nos edifícios com importância histórica. Desse ponto de vista, é um discurso muito semelhante ao dos guias turísticos de Lisboa, apesar de mais erudito, põe o enfoque no valor histórico do traçado e dos edifícios. É, no entanto, de notar que aqui o bairro é totalmente reconhecido.

A Bica é descrita como um bairro encravado entre colinas que se constitui como “o coração da vida social e cultural” da freguesia de São Paulo e cujos limites pertencem ao campo da tradição oral (Cordeiro and Garcia 1993, 47). Fica claro que a escolha dos elementos-chave do bairro é o resultado de um conhecimento efectivo daquela realidade o que explica que se atribua à Calçada da Bica Grande um papel de centralidade que não tem nos guias gerais e à marcha dos Santos Populares um lugar de destaque e relega para o plano da invisibilidade o mítico ascensor amarelo que não chega sequer a ser referido.

Por seu lado, o Roteiro turístico do Bairro Alto / Bica, ao longo das primeiras cinquenta páginas, com um discurso de teor histórico-patrimonialista, traça a traços largos a história destes dois bairros e fala das suas figuras importantes, passadas e presentes. O discurso incide sempre sobre o conjunto Bairro Alto / Bica e, indiferente à toponímia popular, segue saltitando entre, por exemplo, a Rua Luísa Todi, no topo norte do Bairro Alto e a Travessa do Cabral, à Bica. Não parece haver grandes preocupações em fazer qualquer distinção entre os bairros. A sua história, e a dos personagens bairristas entrecruzam-se não sendo fácil de distinguir a Bica no discurso deste guia.

Outro elemento que chama a atenção para este facto é uma nota que consta na capa deste roteiro. Diz o autor que “a colina do Bairro Alto ocupa hoje os terrenos que descem do Príncipe Real à zona ribeirinha” (Carvalho, capa e p.5). De facto, ao analisar este discurso fica a sensação de que, no entender do autor, este lugar, a Bica, é uma parte do seu vizinho Bairro Alto e, o termo bairro não é utilizado em nenhuma das ocasiões em que é feita referência à Bica.

Este roteiro propõe ainda quatro itinerários que se desenrolam em cada freguesia que compõem o conjunto Bairro Alto/Bica (S. Paulo, Santa Catarina, Encarnação e Mercês).

O terceiro documento trazido para a discussão é o folheto *Bairros Históricos – Bica*. Este folheto, que aparentemente se propõe promover a reabilitação urbana desta parte da cidade, encontra-se traduzido em inglês, o que indicia a sua direcção também para um público turístico. Encontra-se organizado em três partes. Uma é dedicada à história do lugar que, apesar de mais resumida dadas as dimensões do folheto, não difere da contada nos outros guias da Bica. Outra das partes deste folheto é composta por uma planta da zona onde podemos perceber os limites do bairro. De acordo com este folheto da CML, o bairro da Bica estende-se desde o Largo do Calhariz à igreja de São Paulo e, no sentido Este/Oeste, o bairro ocupa uma área que inclui a Igreja das Chagas e chega até ao Miradouro de Santa Catarina. Nela também se marcam os elementos de interesse do bairro que, para além dos já mencionados miradouro e igrejas, incluem ainda o Museu da Farmácia, o Palácio Valada/Azambuja, o Palácio e o Palacete das Chagas e a Travessa da Bica Grande, a Travessa da Bica Pequena, o Largo de Santo Antoninho e o edifício do Ascensor da Bica.

Por fim é proposto um percurso que percorre as ruas da Bica desde o Calhariz a S. Paulo e que passa por apenas onze dos catorze pontos de interesse marcados no mapa. Ficam de Fora a Igreja de São Paulo, o Museu da Farmácia e o Miradouro de Santa Catarina.

Estes três registos não estão organizados do mesmo modo que os guias gerais da cidade e aparentam ter objectivos diferentes mas, por serem dedicados a esta zona específica da cidade e por fornecerem uma perspectiva diferente da dos guias turísticos, considerou-se que teriam também uma contribuição importante a dar ao modo como é concebido este bairro lisboeta.

Na análise destes três documentos, produzidos pela CML ou apoiados por ela, voltou-se a encontrar o bairro enquanto referência histórica. Palácios, palacetes, igrejas, registo azulejar neoclássico, Bicas grande e Pequena, entre outros, são alguns dos elementos que foram destacados pelo seu carácter histórico-patrimonial e as raras incursões pela composição socioeconómica do bairro (Cordeiro and Garcia 1993) acabam por passar despercebidas. Em todos eles há uma considerável utilização de imagens, ilustrações e fotografias que servem de orientação ao leitor e, ao mesmo tempo, antecipam os elementos de interesse. Quer no Guia-contexto de São Paulo, quer

no folheto Bairros Históricos – Bica, e com excepção para duas fotografias que podemos encontrar no segundo, uma do Ascensor da Bica e outra da Bica dos Olhos cujas legendas são explicativas, os textos que acompanham estas imagens são meramente indicativos, limitando-se a informar do nome do edifício em questão.

No caso do *Roteiro Turístico Bairro Alto / Bica* (Carvalho) as inúmeras imagens que são utilizadas, que mostram edifícios, oficinas de artífices, interiores de igrejas, livrarias, cafés e restaurantes, não se encontram sequer legendadas.

A análise destes documentos ajudou a perceber de que modo se poderia construir um discurso turístico do tipo histórico-patrimonialista (Costa 1999) sobre a Bica. No entanto continua a não ajudar a encontrar uma resposta satisfatória à questão de saber porque é que a Bica, dos bairros mais típicos de Lisboa, um bairro que é contemporâneo do Bairro Alto, que foi erguido sobre os escombros de dois aluimentos de terras que o encravaram entre montes e que pouco sofreu com o grande terramoto de 1755, não aparece nos guias turísticos da cidade.

As explicações que se podem encontrar para a aparente invisibilidade do bairro da Bica nos guias e roteiros turísticos e para a sua integração no Bairro Alto prendem-se, do meu ponto de vista, com a conjugação de três aspectos: a sua topografia, a proximidade geográfica ao Bairro Alto e as reduzidas dimensões do bairro da Bica.

Pode-se atribuir à topografia da Bica uma parte da responsabilidade pela invisibilidade do bairro. Construído entre dois montes, os Altos das Chagas e de Santa Catarina, aquele vale rodeado de prédios constitui-se, de certa forma como uma fortaleza que impede que se veja e que se entre lá para dentro.

Quanto à questão da proximidade com o Bairro Alto, se por um lado esta proximidade terá tido influência nas transformações que estão a ocorrer no bairro, por outro, também tem que ser tida em conta relativamente à invisibilidade da Bica nos guias da cidade. O Bairro Alto desde há muito é reconhecido como a grande zona de diversão nocturna, é o “ epicentro da vida nocturna da cidade” (Schlecht 2010, 40)¹⁴ e a sua visibilidade é tal que parece ofuscar a envolvente, ainda por cima quando se trata de um lugar minúsculo logo ali ao lado, o que nos leva ao terceiro factor, a dimensão.

As dimensões reduzidas do bairro da Bica e as ainda mais reduzidas dimensões da sua zona de interesse turístico, Bica de Cima (Rua da Bica Duarte Belo e as suas travessas), dificilmente justificariam a criação de um capítulo. Este é um lugar que se percorre em muito pouco tempo

¹⁴ Tradução Minha

No conjunto dos guias de Lisboa, a inclusão do bairro da Bica numa grande área a que se dá o nome de Bairro Alto é ainda unânime mas, nas publicações mais recentes a Bica começa a aparecer com alguma regularidade.

As únicas referências ao bairro dizem respeito ao elevador e, em alguns dos guias mais recentes, a alguns dos muitos bares que por lá existem. Para além destes dois elementos os guias turísticos da cidade parecem ignorar a existência do bairro da Bica, um dos mais típicos bairros de Lisboa. Uma vez que é na Rua da Bica Duarte Belo que se concentram todos os pontos de interesse turístico do bairro, ou seja, o elevador e os bares, penso que se pode mesmo dizer que a Bica dos guias se resume a esta rua. No entanto, apesar deste aparente protagonismo, na maioria das vezes em que é referida, limita-se a aparecer como um ponto de referência espacial e pictórico, como o lugar onde fica aquilo que, de facto merece ser visto, novamente, o carismático elevador. O seu protagonismo é tal que parece que a rua se confunde com ele.

Se o bairro da Bica é a Rua da Bica Duarte Belo, a Rua da Bica Duarte Belo é o Ascensor.

3.4. A Bica nos Discursos Institucionais

Tal como acontece nos guias turísticos onde a sua existência se parece resumir ao ascensor, no que diz respeito às políticas de gestão urbana, a Bica também parece gozar de um estatuto de semi-visibilidade uma vez que, por um lado, o bairro não é mencionado no PDM quando este define o conceito de traçados urbanos singulares (CML 1994a; CML 2010a), e, do ponto de vista das políticas culturais e do turismo a Bica quase nunca aparece, ou, quando isso acontece, o bairro surge como uma extensão do Bairro Alto.

Apenas do ponto de vista urbanístico, e apesar de também no PP e no PU a Bica aparecer integrada no conjunto Bairro Alto /Bica, parece ser dada alguma importância a este pequeno bairro de Lisboa. Importância essa que se vê reflectida nos planos de reabilitação que têm como terreno de intervenção do Bairro Alto e a Bica.

No que respeita às políticas urbanas é importante dar relevo à inclusão do bairro da Bica no chamado eixo histórico “sétima colina” (Costa et al. 2009; CML 2010a), bem como à existência da Unidade Operativa de Planeamento e Gestão do Centro Histórico (UOPG 7), onde se inclui a Bica. É também de destacar o plano de urbanização do

Núcleo Histórico do Bairro Alto e Bica (PU) (CML 1997) e o Plano de Pormenor de Reabilitação Urbana do Bairro Alto e Bica (PP), que se encontra em fase de elaboração dada a necessidade de revisão do Plano de Urbanização que data de 1997 e que se encontra ainda em vigor (CML 2010b).

A área de intervenção do Plano de Pormenor a apresentar corresponde no essencial à do Plano de Urbanização. No PU Bairro Alto e Bica, as fronteiras da área de intervenção estão delimitadas da seguinte forma:

A norte:

Rua D. Pedro V, números ímpares;

Rua Eduardo Coelho, números ímpares;

Travessa da Arrochela, números ímpares – entre os n.º 7 e 51;

A sul:

Rua do Poço dos Negros, números pares – entre os n.º 114 e 164;

Rua da Boavista, números pares – entre os n.º 2 e 188

Rua de S. Paulo, números pares – entre os n.º 38 e 260;

A poente:

Rua de O Século, números pares – entre o 166 e 246;

Rua da Cruz dos Poiais, números pares – entre as janelas e entre os n.º 80 a 112;

Rua de S. Bento, números pares – entre os números 10 e 140;

Rua das Gaivotas, números pares;

A nascente:

Rua de São Pedro de Alcântara, números ímpares;

Largo de Trindade Coelho – entre os n.º 9 e 23;

Rua da Misericórdia, números ímpares;

Praça Luís de Camões;

Rua do Alecrim, números ímpares – entre os n.º 23 e 131.

(CML 1997, Declaração n.º 263/97:12569)

Apesar de, tal, como disseram Cordeiro e Garcia, os limites de um bairro pertencem ao domínio exclusivo da “tradição oral local, fora de qualquer registo escrito” (1993, 47), os limites traçados no PU do Bairro Alto e Bica, porque são documentos institucionais e porque usam os nomes dos bairros, não deixam de nos fornecer uma espécie de fronteiras “oficiais” dos dois bairros.

Se as decidirmos aceitar e se decidirmos aceitar que o eixo, Calçada do Combro, Largo do Calhariz, Rua do Loreto, funciona como uma linha que separa o Bairro Alto do bairro da Bica, podemos, num exercício de sobreposição dos dois traçar os seguintes limites para o bairro da Bica: A norte, Rua do Loreto, Largo do Calhariz, Calçada do Combro; a sul: Rua da Boavista, Rua de S. Paulo; a poente: Rua do Poço dos Negros e Rua das Gaivotas; a nascente: Rua do Alecrim (figura 3.1); e, conseqüentemente, a restante área do PU corresponderá ao Bairro Alto.



Figura 3.1 - Mapa do bairro da Bica ¹⁵

Esta área está classificada como área histórica habitacional de formação pré-pombalina (CML 1997) e “preservar o conjunto urbano na essência das suas características ambientais e patrimoniais, onde se destacam a morfologia e traçados urbanos pré-terramoto” (CML 2010b) é um dos principais objectivos dos planos de ordenamento do território. Esta é uma área onde, tanto quanto possível, se pretende recuperar as unidades arquitectónicas existentes.

Nos núcleos históricos a palavra de ordem é reabilitar pelo que são determinadas uma série de condições, nomeadamente ao nível da segurança, para ser possível proceder à demolição dos edifícios sendo no entanto permitida a demolição de

¹⁵ (fonte: Googlemaps e Plano de Urbanização do Bairro Alto e Bica)

“edifícios e construções abarracadas que se apresentem claramente dissonantes do conjunto em que se inserem” (CML 1997, Declaração nº 263/97:12571).

Nota-se, ao longo dos textos uma clara preocupação com a manutenção ou reconstituição da harmonia do espaço e uma tentativa de manter aquele conjunto habitacional o mais possível fiel ao original.

Os azulejos e outros elementos decorativos que revestem originalmente os paramentos exteriores deverão ser mantidos, restaurados ou, quando em falta, repostos segundo critérios de rigor que respeitem as características dos ainda existentes (CML 1997, Declaração nº 263/97:12570).

É, portanto, clara uma constante preocupação de natureza estética uma vez que o enfoque é posto no aspecto exterior dos edifícios e na construção de um conjunto habitacional harmonioso, alias, uma preocupação constante é a do bom enquadramento dos edifícios com a envolvente urbana, de tal forma que o PU regula, não só, os tipos de reabilitação possíveis de fazer, mas também, explicita que tipo de materiais se pode ou não utilizar nessa reabilitação e, no caso das novas construções existe, inclusivamente, a proibição de instalar equipamentos de ar condicionado, condutas de ventilação nas fachadas principais e de antenas de televisão.

Podemos, portanto, dizer que as políticas urbanas, em particular o PU e o PP apostam fortemente na construção de uma determinada imagem do bairro, uma imagem que remete para o passado, para as origens do bairro e, portanto, uma imagem mais autêntica.

No plano das políticas Culturais a situação sofre uma viragem abrupta e a invisibilidade do bairro da Bica é, aqui, bastante notória. Apesar de, ao longo das suas 186 páginas, o relatório final das *Estratégias para a Cultura em Lisboa* (Costa et al. 2009) considerar que é desejável apostar na especialização, ou, se se preferir, na tematização dos bairros, entre os quais o Bairro Alto é apresentado como o paradigma do Bairro Cultural, a Bica lugar que, ao longo dos últimos anos, se tem vindo a tematizar, é referida apenas três vezes e, em todas elas aparece, a par com o Príncipe Real e a Praça da Alegria, como uma extensão do Bairro Alto. No entanto, se o lugar da Bica nas políticas culturais é quase inexistente, no que toca às políticas do Turismo, ele é nulo. Das 552 páginas que o *Plano Estratégico para o Turismo em Lisboa* (Associação de Turismo de Lisboa 2010; Associação de Turismo de Lisboa 2011)

ocupa, a Bica não é chamada uma única vez, o que, curiosamente, contrasta com o que se descobriu nos guias turísticos uma vez que estes, ainda que de uma forma um pouco ténue, já começam a reconhecer a existência daquele bairro de Lisboa.

Temos, portanto que, tal como se notou relativamente aos guias turísticos, há um ascendente de determinados bairros face a outros e se, ao nível das políticas de gestão urbana, parece haver a consciência do valor patrimonial do bairro da Bica, é também aparente a sua incapacidade de competir com os outros bairros de Lisboa. Essa incapacidade torna-se ainda mais evidente quando o nosso olhar se volta sobre as políticas culturais e, de uma forma ainda mais vincada, quando se trata das políticas do turismo.

3.5. No Terreno

Esta secção, tal como o título deixa explícito, centra-se no terreno e, ao contrário das anteriores que procuravam caracterizar o bairro a partir de documentos, esta procura caracterizá-lo a partir das observações feitas no local ao longo de cerca de seis meses.

Este ponto subdivide-se em duas partes. Na primeira, *Pelas Ruas da Bica* (ponto 3.5.1.), pretende-se dar conta da transformação que tem ocorrido ao nível dos lugares de convívio do bairro e, no que respeita aos usos de rua, do contraste entre o dia e a noite. Na secção 3.5.2, *Os Arraiais dos Santos Populares*, é efectuada a descrição da festa dos Santos Populares de 2011. Esta é uma construção feita a partir das notas de campo que pretende dar conta da vida do bairro ao longo daquele que é o dia mais longo do ano.

Ao contrário daquilo que normalmente é prescrito nos manuais de etnografia, neste caso o trabalho de campo não implicou, nem uma cultura outra, nem uma estadia prolongada, uma vez que este trabalho foi, em larga medida, realizado de forma intermitente e em horário “pós-laboral”. As incursões pela Bica, foram isso mesmo, incursões, visitas cuja periodicidade se tentou organizar de modo a conseguir uma visão tão global quanto possível da vida quotidiana do bairro, tentando o mais possível abranger todos os períodos do dia. Para esse efeito foram realizadas um total de 25 visitas com durações muito variáveis e repartidas por três fases distintas (*Anexo C bairro da Bica - Mapa de Visitas*).

Na primeira fase, a que se pode chamar de fase exploratória, foram realizadas 2 visitas no mês de Maio de 2010 e 1 visita no mês de Junho de 2010 por ocasião da Festa

dos Santos Populares. Esta fase serviu para ganhar alguma familiaridade com o bairro e começar a levantar algumas das questões que serviram de ponto de partida para este projecto.

Na segunda fase do terreno, a mais longa, já com muitas leituras e uma ideia de projecto na cabeça, foram realizadas 21 visitas ao bairro entre os meses de Janeiro e Abril de 2011.

Por fim, a terceira fase resumiu-se a 1 visita no dia 12 de Junho de 2011. Esta foi uma visita com uma duração mais longa uma vez que o objectivo era observar a festa, observar os diferentes arraiais que se organizam como o da Calçada da Bica Grande ou o do Largo de Santo Antoninho, mas também os inúmeros outros arraiais que existiam um pouco por todo o bairro mas com particular densidade na Rua da Bica Duarte Belo, uma vez que quase todos os bares estavam a funcionar em pleno e, para além das bancas de cerveja e comida que tinham montadas à porta, tinham também colunas de som pelo que era como se cada um destes estabelecimentos tivesse montado o seu próprio arraial dos Santos Populares.

3.5.1. Pelas Ruas da Bica

Tal como Graça Cordeiro as descreveu nos anos 1990, no bairro da Bica, as sociabilidades giravam em torno das tascas e das três colectividades que por lá existiam: o Marítimo Lisboa Clube, Grupo Excursionista Vai-Tu e o Zip-Zip.

O Marítimo é a colectividade mais antiga do bairro. Foi oficialmente fundado em 1944 mas, no entanto, há notícias da sua existência muitos anos antes da formalização da colectividade. No dia 13 de Junho de 1924, o jornal *O Século* dá notícia de *uma vistosa marcha «aux flambeaux» organizada pelo Marítimo Foot-Ball Lisboa da Ribeira Nova*. Em 26 de Setembro de 1944, em carta enviada à Federação das Colectividades de Cultura e Recreio, o Marítimo Lisboa Clube convida um representante desta federação a assistir à inauguração oficial da sede da colectividade localizada na Calçada da Bica Grande, nº 36, cave. Nesta carta há a destacar o facto de o papel estar identificado, no canto superior esquerdo, com o carimbo do Marítimo Foot-Ball Lisboa com morada na Calçada da Bica Grande nº 13 (Cordeiro 1997).

Em 1945, um ano depois da formalização do Marítimo, procedeu-se à eleição dos corpos gerentes da associação e, a partir de 1946, a correspondência do Marítimo já

seguia em papel timbrado com o nome, morada e data de fundação: *Marítimo Lisboa Clube; Fundado em 1 de Outubro de 1944; Federada nº 297 na Federação Portuguesa das Colectividades de Cultura e Recreio; Sede: Calçada da Bica Grande, 36 Cave D.^a - Lisboa.*

O grupo excursionista Vai-Tu nasceu em 1948 na taberna do João Maria, lugar frequentado maioritariamente por operários que lá iam jantar ou beber um copo. Os associados, gente que frequentava a taberna, pagavam 5\$00 por semana que ficavam à guarda de João Maria, o tesoureiro, para pagar as excursões anuais ao Minho, ao Algarve ou a Espanha. Chegada a altura, alugavam um táxi dos grandes para a viagem. Abasteciam-se nos mercados das terras por onde passavam e almoçavam à beira da estrada.

Levávamos uma boa panela, os pratos, um saquinho de sal, azeite, uma máquina a petróleo, tudo o que é necessário. Havia um companheiro que não nos largava: um garrafão. Mas tudo com maneiras. Até fizemos uns versos ao garrafão. Depois dormíamos a nossa sesta, até às tantas da tarde e seguíamos viagem. (...)
(Cordeiro 1997, 197)

No dia 7 de Setembro de 1976, numa carta dirigida à Federação Portuguesa das Colectividades de Cultura e Recreio¹⁶ a informar a alteração da sede para a Rua da Bica Duarte Belo, número 6, “no espaço de uma antiga mercearia há muito fechada” (Cordeiro 1997, 196). No dia 1 de Dezembro do mesmo ano, a nova sede foi oficialmente inaugurada.

O Grupo Desportivo Zip-Zip nasce no pós-25 de Abril, numa antiga padaria na Rua dos Cordoeiros. No início organizavam actividades como a venda directa de peixe no Largo de Santo Antoninho, excursões, teatro. No final dos anos 1990, a antropóloga Graça Cordeiro, encontrou uma colectividade que para além da organização do arraial dos Santos Populares, as únicas actividades que o mantinham vivo eram a organização pontual de bailes e sessões de fado. Hoje o Zip-Zip, apesar de nunca o ter encontrado de portas abertas, de acordo com a sua página oficial no facebook¹⁷, continua a dedicar-se à actividade desportiva, nomeadamente ao futebol e ao Futsal.

¹⁶ Em 1924, realizou-se em Lisboa o 1.º Congresso Regional das Sociedades de Recreio, com a presença de 65 sociedades, tendo sido constituída a Federação Distrital das Sociedades Populares de Educação e Recreio que foi fundada por 47 sociedades.

¹⁷ <http://pt-br.facebook.com/people/Grupo-Desportivo-Zip-Zip/100002118621371>

No bairro da Bica as colectividades mantêm a sua actividade mas hoje rivalizam com os inúmeros bares e restaurantes que entretanto tomaram o lugar das velhas tascas e que fazem com que uma ida à Bica seja hoje uma experiência que contrasta profundamente com as descrições de Graça Cordeiro.

O chinfrim metálico das rodas a deslizar nos carris anuncia a partida ou chegada de um dos mais carismáticos ascensores da Capital portuguesa, o Ascensor da Bica.

O Ascensor foi ali colocado em 1892 para a levar e trazer gente entre a Rua de São Paulo e o Largo do Calhariz, ajudando quem necessitava deslocar da Rua de São Paulo para o Largo do Calhariz a superar a aquela acentuada inclinação. No entanto hoje, mais de um século depois da sua instalação, e apesar de continuar a ser um importante auxílio para superar a inclinação da rua, essa já não parece ser a sua tarefa mais importante.

A julgar pelo que tive oportunidade de observar nas minhas passagens pelo bairro e pelo recente aumento das tarifas de bordo para 3€ por viagem, quando, segundo a revista *Time Out*, em 2008 a tarifa era de apenas 1,35€ (Marreiros 2008), aumento que de resto se fez sentir em todos os ascensores da cidade, o Ascensor da Bica desempenha hoje funções um pouco diferentes tendo-se transformado numa atracção turística. Essa é uma transformação que não passa despercebida às pessoas daquela zona, sobretudo no que diz respeito ao aumento do preço.

Numa das minhas passagens pelo bairro, duas mulheres, já com alguma idade, subiam a pé a Rua da Bica Duarte Belo e conversavam a propósito dos preços excessivo das viagens enquanto o Ascensor passava por elas levando dois ou três passageiros que, pela fisionomia, pareciam ser turistas:

“- ... 3€ só para subir este bocadinho? Isto só mesmo p’rós turistas que a gente cá não podemos pagar estes preços.

- Eles assim, qualquer dia não levam mas é ninguém, nem os de cá nem os turistas que eles também não são parvos. Se eu que sou velha consigo subir, quanto mais os novos...”

(Bica, Abril de 2010)

Se, como vimos anteriormente, a sua principal função e a razão pela qual foi instalado naquele local, era a de ligar São Paulo ao Calhariz, quando parado, o ascensor desempenha outras funções. Cabe-lhe a tarefa de marcar a “entrada principal” do bairro

da Bica – que se lá estivesse o elevador, certamente muitos nem desconfiariam que por detrás daqueles edifícios apalaçados existe um bairro inteiro escondido –, o elevador é o elemento físico marcante, o aspecto memorável que contrasta com o meio envolvente e cujo traço característico é, inquestionavelmente, a originalidade (Lynch 1990). De tal forma contrastante e original que é raro o turista que ao passar no Calhariz, na Rua da Bica Duarte Belo ou numa das suas travessas, ou na Rua de São Paulo, não pare para o fotografar e, uns após os outros lá se vão esforçando por enquadrar devidamente aquele curioso funicular amarelo.

Dada a estreiteza e a inclinação da Rua da Bica Duarte Belo e o constante sobe e desce do elevador, que a ocupa quase toda, esta rua não é dada a grandes vivências exteriores e não parecem ser muitas as pessoas que a usam para algo mais que circular, preferindo usar estabelecimentos comerciais ali existentes para conviver e, para além dos moradores que percorrem as ruas nos seus afazeres diários e o ocasional turista que por lá passa, parece haver sempre pouca gente na rua.

À entrada da Rua da Bica Duarte Belo, para além do elevador, dos turistas que o cercam e do vai e vem de gente que entra e sai do supermercado que fica no Calhariz, é também comum encontrar grupos de homens à conversa à porta da Casa Liège enquanto fumam um cigarro. Este é um dos poucos estabelecimentos comerciais da Bica que abre as suas portas durante o dia. De facto, na Rua da Bica Duarte Belo, para além da Casa Liège, só o Sapateiro, o Restaurante Alto Minho, o cabeleireiro WIP - hairport hairdresser Lisbon e a peixaria têm um horário de funcionamento diurno. O restaurante Toma Lá, Dá Cá, na Travessa do Sequeiro, o restaurante Le Petit Bistrô, na Rua do Almada e a oficina/loja de artesanato e um pequeno café na Rua dos Cordoeiros também abrem as suas portas durante o dia. No entanto, basta um primeiro olhar para perceber que na Bica há muitos mais espaços comerciais pelo que se decidiu proceder ao inventário dos estabelecimentos existentes no bairro para tentar perceber quantos são e qual o tipo de oferta comercial disponível.

O processo de inventário passou por marcar todos os estabelecimentos comerciais, em funcionamento ou onde foi possível fazer uma identificação clara da actividade neles exercida, num muito rudimentar mapa do bairro da Bica desenhado manualmente no caderno de campo e que se encontra reproduzido em anexo (anexo D) mas que, para uma leitura facilitada, se viu transformado no esquema abaixo (Figura 3.2).

No bairro inventariaram-se, encontraram-se 27 estabelecimentos comerciais, incluindo as três colectividades da Bica, o Marítimo, O Vai-Tu e o Zip-Zip. Destes, apenas seis não são estabelecimentos ligados à restauração. Na Rua da Bica Duarte Belo, uma ourivesaria – que a julgar pelo estado em que se encontram as grades de segurança, já há muito se encontra encerrada e, quem sabe, não aguarda ser, também ela, transformada num bar – um sapateiro, uma peixaria/loja de congelados, um cabeleireiro – o primeiro negócio alternativo que nasceu na Bica em 1997 – e aquela que em 2007 era “a mais recente aquisição da Bica (...) a Face Off, um espaço de caracterização e maquilhagem” onde é possível “alugar uma peruca, produzir-se para uma festa temática ou fazer workshops de auto-maquilhagem” (Martins 2007) e, na Rua dos Cordoeiros, um artesão. No entanto, destes seis estabelecimentos comerciais, apenas a loja de congelados / peixaria e o sapateiro fornecem produtos e serviços vocacionados para suprir as necessidades do dia-a-dia. O cabeleireiro WIP não foi aqui incluído porque dado o estilo de cortes em que se especializaram não poderá ser considerado um cabeleireiro de bairro, incluindo-se, a par com a face off, na categoria comércio alternativos. Por fim a oficina/loja de artesanato que, pelos produtos que oferece, se trata de um estabelecimento que me parece ser claramente dirigido aos visitantes e turistas.

Os restantes espaços são lugares de diversão nocturna e aqui incluem-se as Colectividades e, em particular o Grupo Excursionista Vai-Tu, uma vez que fazem sessões de fado e servem jantares. Deste modo, penso que é legítimo concluir que os espaços comerciais mais recentes, que têm vindo a substituir os velhos comércio que existiam na Bica, se dirigem, claramente para um público jovem, onde, evidentemente, se devem incluir os jovens que habitam a Bica mas que se destina, sobretudo, a atrair gente exterior ao bairro o que demonstra bem as transformações que aqui têm ocorrido nos últimos anos, em particular na Rua da Bica Duarte Belo. É bom recordar que este é um processo relativamente recente que teve início em 1997 com a abertura do cabeleireiro WIP (work in progress) e que, só nos últimos anos tomou estas proporções. Note-se ainda que no início da década de 1990, a Antropóloga Graça Cordeiro, chamava a atenção precisamente para o facto de na Bica não haver elementos de interesse turístico que conseguissem levar gente ao bairro e que, conseqüentemente, fizessem aumentar a sua visibilidade social.

Ao longo do dia, a Rua da Bica Duarte Belo, a mais visível rua da Bica e aquela que pode ser considerada a “porta de entrada no bairro”, é constantemente percorrida de

alto a baixo pelo Ascensor que, se por um lado se constitui como elemento marcante do bairro (Lynch 1990), por outro, deixa muito pouco, ou nenhum espaço para a ocupação da rua para outros usos e que, por outro lado ainda, não traz vida para o bairro, pelo contrário, atravessa-o sem parar e o contacto entre quem viaja no Ascensor e o bairro é meramente visual e de curta duração já que a viagem não dura poucos minutos.

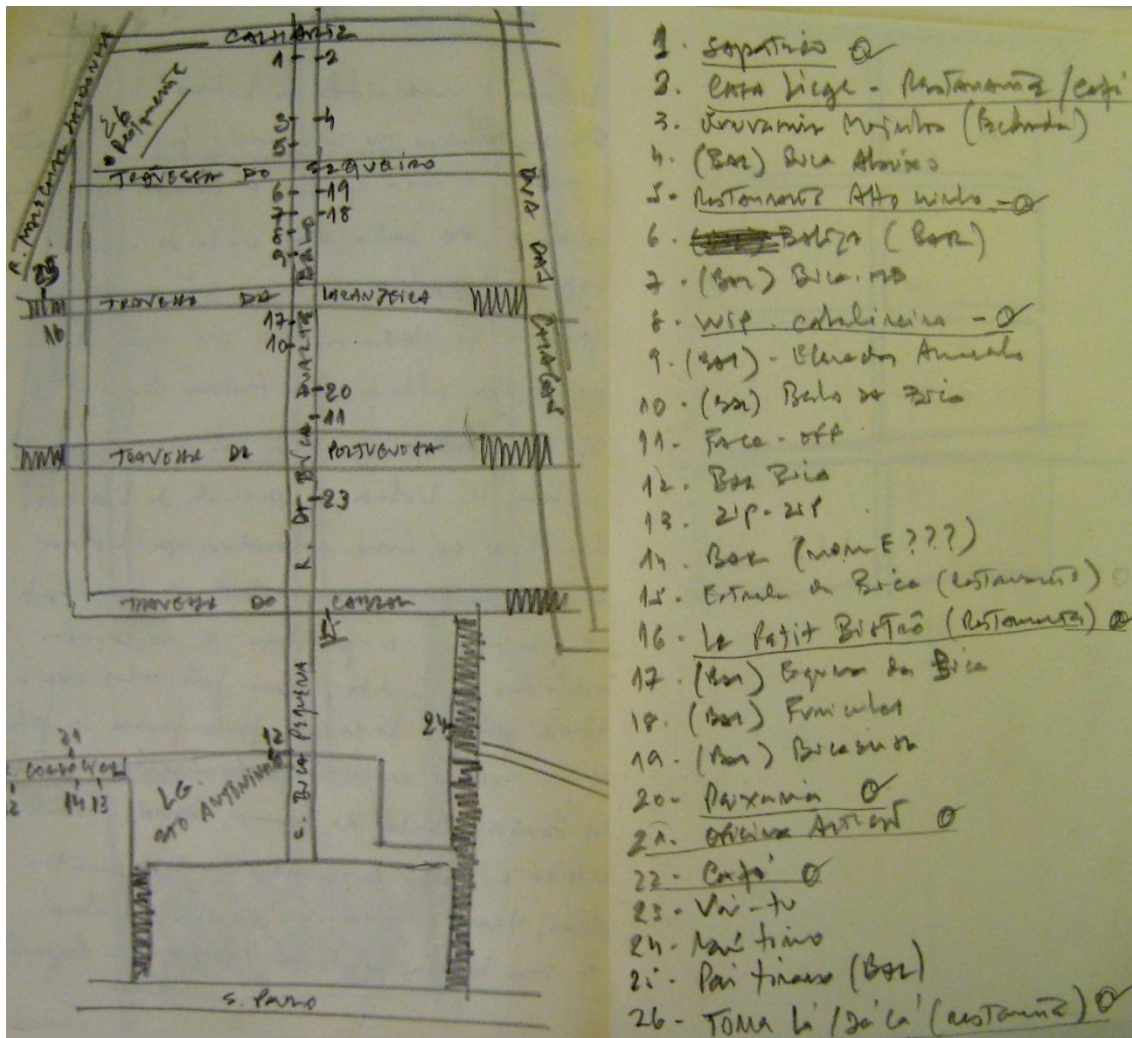


Figura 3.2 – Planta de localização dos espaços comerciais da Bica¹⁸

Um passeio pela Bica durante o dia pode ser uma experiência algo desoladora já que é possível percorrer o bairro e não encontrar nada aberto nem ninguém na rua. No

¹⁸ Fonte: Pesquisa etnográfica – Legenda: 1. Sapateiro; 2. Casa Liège; 3. Ourivesaria Moinhos (fechada); 4. Bica Abaixo (bar); 5. Restaurante Alto Minho; 6. Baliza (bar); 7. Bica-me (bar); 8. WIP (cabeleireiro); 9. Elevador Amarelo (bar); 10. Belo da Bica (bar); 11. Face-Off (Maquilhagem e Caracterização); 12 Bar Bica (bar); 13. Zip-Zip; 14. (bar); 15. Estrela da Bica; 16. Le Petit Bistrô (restaurante); 17. Esquina da Bica (bar); 18. Funicular (bar); 19. Bicaense (bar); 20. Peixaria; 21. Artesão; 22. Café; 23. G. D. Vai-Tu; 24. Marítimo L. C.; 25. Pai Tirano (bar); 26. Toma Lá, Dá Cá (restaurante).

entanto, o Ascensor pára o seu serviço às 21h., deixando então o espaço livre para outros usos.

De noite o ambiente da Bica transforma-se completamente, e o lugar torna-se quase irreconhecível, fazendo jus à expressão popular, *muda como do dia para a noite*. A transformação é tal que, desde as primeiras visitas à Bica, uma das ideias que imediatamente me assaltou foi a de que, pelo menos à primeira vista, parece existir no bairro duas vivências distintas. É quase como se o bairro tivesse dupla personalidade. De dia parece apresentar-se como um lugar sossegado e, muitas vezes, quase deserto mas, quando cai a noite, transforma-se, enche-se de gente e revela uma faceta muito mais festiva. Não quero com isto dizer que ali existam dois mundos herméticos, separados por uma barreira intransponível, sem qualquer ponto de contacto entre eles. Haverá, certamente muitos pontos de contacto mas, de facto, nota-se uma diferença bastante evidente entre o dia e a noite, não só no que diz respeito à vida de rua, mas também no tipo de pessoas que frequenta o bairro.

A partir das nove horas da noite, o elevador deixa de funcionar dando espaço a outros usos da rua que durante o dia, simplesmente não são possíveis.

Na Bica foram contabilizados 12 Bares, o que corresponde a uma percentagem de 44,4% do total de estabelecimentos comerciais do bairro e, desses, nove situam-se na Rua da Bica Duarte Belo.

Tal como no Bairro Alto, os espaços têm dimensões muito reduzidas mas, não se vai à Bica para passar a noite dentro de um bar. Tal como no Bairro Alto, na Bica, a noite é passada na rua, de bar em bar. O descanso nocturno do elevador e a inexistência de trânsito automóvel ajudam a criar esta cultura de rua e é à porta dos bares que as pessoas se reúnem à conversa até altas horas da noite.

Se durante os dias de semana a noite é mais calma, quando chega a Sexta-feira e o Sábado, aquela zona de Lisboa enche-se de gente que circula de bar em bar entre o Bairro Alto e a Bica como se do mesmo lugar se tratasse.

Apesar de haver a noção clara que Bairro Alto e Bica não são a mesma coisa, os bares e restaurantes quase a cada porta, o aparecimento de pequenos comércioos alternativos que convivem lado a lado com a outros mais tradicionais, a cultura da rua e a diferença marcada entre o bairro do dia e o bairro da noite tornam quase impossível, por um lado, não reparar nas semelhanças que existem entre os dois bairros e, por outro, não os englobar sob uma mesma designação.

Após as visitas que tive oportunidade de fazer ao bairro fiquei sempre com a sensação de que aquele é um lugar de contrastes, um lugar marcado, ora pelo excesso de bares, de gente e de barulho, ora pelo défice de oferta comercial e de pessoas nas ruas.

3.5.2. Os Santos Populares

Blessed be those who worship Lisbon's centuries-old tradition of wine-swigging, sardine-feasting and all-round merrymaking at June's *Festas dos Santos Populares* (Festivals of the Popular Saints), three weeks of midsummer madness. (...). St. Anthony is revered from 12 to 13 June with *arraiais* (street parties), feasting, drinking and *bailes* (balls). The Casanova of saints has a reputation as a matchmaker: lisboetas declare undying love by giving *manjericos* (basil plants) with sappy poems and around 300 hard-up couples get hitched for free (Walker 2009, 25).

Enquanto às Marchas Populares - tal como ao bairro da Bica - se pode atribuir uma data de nascimento¹⁹, uma vez que foram criadas no início dos anos 1930 pelas mãos de Leitão de Barros, as Festas dos Santos Populares parecem ter raízes mais profundas, mais precisamente, no culto antoniano que terá tido início após a canonização do Santo (1232) que morrera menos de um ano antes em Pádua.

Por oposição às celebrações do S. João as celebrações dos festejos de Santo António compunham-se de cerimónias oficiais e religiosas.

Os festejos de Santo António eram claramente produção do poder urbano: da Igreja e da Câmara de Lisboa, por vezes com intervenção do rei, enquanto os de S. João se concentravam em torno das práticas rituais ligadas ao seu culto, como a queima de alcachofras, o saltar das fogueiras, marchas, danças e a erecção de mastros (Maria Eugénia Gomes, in Cordeiro 1997, 233).

¹⁹ No que diz respeito ao Bairro, a “data de nascimento”, tal como o Sr. Alberto disse à antropóloga Graça Cordeiro (1997), refere-se à data em que ocorreu primeiro desabamento de terras que deu origem ao enclave onde hoje fica o Bairro da Bica, 22 de Julho de 1597. (Curiosamente numa das minhas pesquisas na internet voltei-me a encontrar inadvertidamente com este *mito de fundação* da Bica. No blog “A Minha Bica, um olhar de quem aqui nasceu” (Curly Z 2009), num post do dia 22 de Julho de 2009, o autor dava os parabéns ao Bairro da Bica pelo seu 412º aniversário).

No entanto, como Cordeiro apurou (1997), já em finais do século XVIII, à margem das celebrações oficiais, festejava-se o Santo António em arraiais que surgiam um pouco por toda a cidade e onde se comia e bebia noite fora.

A partir dos finais do século XIX e até à implantação da República, os Santos Populares eram celebrados com bailes e arraiais um pouco por toda a cidade. A partir da implantação da República vive-se um clima conturbado e vai ser só a partir de meados dos anos 1920 que as Festas voltam à euforia habitual., pelo menos até 1932, ano em que é institucionalizado o modelo de Marchas que nas décadas de 1950 e 1960 viria a ter o seu apogeu tornando-se mesmo no principal ingrediente da festa. Esta década, foi a época dourada para as Marchas e, em particular para a Marcha da Bica que ganhou a competição nas três primeiras edições em que participou (1952, 1955 e 1958).

As Marchas sempre se afirmaram como um dos momentos mais altos das Festas dos Santos Populares apesar de, em particular a partir da década de 1970, terem perdido algum do seu protagonismo, no contexto dos festejos dos Santos Populares, para os arraiais, tendência que parece manter-se até hoje.

Nos últimos anos não tem sido muito diferente. As Marchas dos Santos Populares são um dos acontecimentos anuais mais esperados, não apenas na Bica e nos outros bairros populares de Lisboa, mas em toda a cidade como, de resto, pode ser visto no filme *Gosto de Ti como és* (Firmino 2005). No entanto, para muitos lisboetas, as Festas de Lisboa são, de facto, sinónimos de arraiais. Na noite de 12 para 13 de Junho, Lisboa não dorme. Bebe-se cerveja, come-se sardinha e ouve-se música até de madrugada. A cidade em peso parece deslocar-se para os arraiais dos santos populares e as ruas dos bairros enchem-se de gente que lá vai fazer a festa.

Em Junho de 2011, a Rua da Bica Duarte Belo estava assim. Era um sobe e desce constante de pessoas que pareciam vir de todas as direcções ao mesmo tempo e que faziam com que a tentativa de entrar no bairro pela Rua da Bica Duarte Belo se apresentasse como um desafio gigantesco.

A primeira chamada de atenção vai para os turistas que aos grupos, aos pares ou sozinhos espreitam num misto de medo e curiosidade para aquela rua a pique, que estava a rebentar pelas costuras de tanta gente, sem entenderem bem o porquê de tal algazarra.

À entrada da rua, através de uma pequena nesga de espaço que sobrava entre uma banca improvisada que vendia cervejas em lata quase na esquina com o Calhariz e

a casa das máquinas do ascensor, que ocupa o centro da rua, um aglomerado de gente tentava furar em direcção ao bairro, enquanto, ao mesmo tempo, mas na direcção contrária, outra enxurrada de gente tentava passar pela mesma nesga de espaço. A Bica parecia não ter chão para tanta gente, a densidade era imensa mas, com algum esforço e paciência lá se conseguia vencer tal turbilhão e entrar, finalmente, por terrenos bicaenses.



Figura 3.3 - Rua da Bica Duarte Belo, Arraial dos Santos Populares, Junho de 2011²⁰.

Ao começar a descer a rua, uma banca colorida convidava os que por ali passavam a celebrar a noite de Santo António com samba e muita *caipirinha* para acompanhar as sardinhas ou as febras que se assavam logo ali ao lado. Um grupo de turistas parece ter aceiteado o desafio e esforçava-se por lutar contra o acidentado do piso e os encontrões.

Mais à frente, de um dos lados da rua, formava-se um “micro arraial” *Reggae* e assavam-se sardinhas ao som de Bob Marley, ao passo que, do outro lado da rua era a música electrónica que fazia a festa e, se a fome apertasse, havia comida bastante para todos porque por ali também se assavam sardinhas e grelhavam febras e hambúrgueres.

²⁰ Fotografia: Bruno Gomes

Rua abaixo, o cenário mantinha-se mais ou menos inalterado, os bares tinham as portas abertas, vendiam cerveja e tocavam cada um a sua música e a confusão de gente era muito semelhante.

De repente, saída da Travessa da Laranjeira numa enorme algazarra, uma banda de sopros composta por um trombone, três trompetes, dois saxofones e um bombo, irrompe pela Rua da Bica Duarte Belo ao som de *The Eye of the Tiger* e de muitos outros clássicos do cinema.

Para além desta explosão causada pela banda, nas travessas pouco se passava. Elas pareciam servir, em grande medida, apenas como canais que conduziam as pessoas para dentro da festa.

Havia música a sair de todo o lado, das bancas, dos bares e até de algumas casas particulares que tinham colocado estrategicamente as colunas de som nas janelas.

Os bares da Bica estavam todos de portas abertas e, se alguns optaram por se barricar no interior, colocando nas entradas dos estabelecimentos mesas que serviam de balcão onde se vendia cerveja, outros, apesar de estarem a funcionar numa forma mais ou menos normal, estavam praticamente vazios. As pessoas entravam para ir buscar uma bebida e voltavam a sair porque os Santos celebram-se na rua.

A acentuada inclinação da Rua da Bica Duarte Belo, a confusão de gente de um lado para o outro e a quantidade enorme de copos de plástico que forrava o pavimento fazia ansiar por algum espaço livre que só se conseguia na Calçada da Bica Pequena que é, simultaneamente, a parte mais íngreme e mais despida, da linha do elevador e que, por essa razão, era dos poucos lugares para fugir aos encontrões.

Depois do merecido descanso, no Largo de Santo Antoninho, o cenário não mudava muito. Ao chegar ao largo, numa roulotte instalada entre a esquina da Calçada da Bica Pequena e o Bar Bica, não havia mãos a medir para a cerveja que se vendia. A confusão era imensa e era impossível passar para a Rua dos Cordoeiros.

Havia gente por todo o lado mas, pelo menos aqui, a música era só uma e saía do palco montado no largo onde actuava um *one man show*. Em frente ao palco, numa pequena clareira, algumas pessoas dançavam ao som dos maiores êxitos da música pimba, enquanto os outros se amontoavam à sua volta.

Não sendo possível chegar à Rua dos Cordoeiros, a única saída possível era passar para o outro lado da linha do eléctrico, em direcção à calçada da Bica Grande. Ali, num recanto formado entre os prédios e as escadinhas que ligam o Largo de Santo Antoninho à Calçada da Bica Grande estava montada uma mega operação de venda de

sardinhas, frango assado, febras, pregos e até caldo verde regados a cerveja, vinho ou sangria. Qualquer recanto serve para vender comida ou bebida aos que escolheram a Bica para passar a noite de Santo António e são inúmeros os pequenos fogareiros montados à entrada das portas.

Na calçada da Bica Grande, o aglomerado de gente era o mesmo mas com a agravante daquela rua ser uma imensidão de degraus incertos e polidos. Ao meio um corrimão que, em qualquer outro dia pode ser de inegável utilidade para auxiliar quem sobe ou desce as imensas escadinhas, mas em dia de Santos, face às quantidades absurdas de gente, se transforma num verdadeiro obstáculo à circulação. Não existem bares na Calçada da Bica Grande mas as bancas montam-se à porta das casas. Há sardinhas a assar em pequenos fogareiros e, um pouco por toda a parte, improvisam-se frigoríficos em baldes, alguidares e caixotes cheios de gelo onde se deixam as cervejas a refrescar.

3.6. Uma panorâmica do bairro da Bica

O bairro da Bica, apesar de se situar no centro da cidade de Lisboa, de ser contemporâneo do Bairro Alto e de ser um dos bairros mais típicos, excepção feita ao elevador, é desprovido de pontos de interesse turístico. A ausência do factor atractividade fica bem patente nos modos como, de uma forma geral, os guias turísticos se referem a este pequeno bairro. A Bica dos guias é uma pequena parte do Bairro Alto e resume-se ao elevador e aos bares que existem na Rua da Bica Duarte Belo.

No que diz respeito às políticas de gestão urbana, a Bica, tal como os outros bairros que se situam no centro da cidade, é alvo das mesmas preocupações cénicas. Os planos promovem a protecção e valorização do traçado urbano e do património arquitectónico. Na recuperação dos edifícios, obrigam a que sejam mantidas as suas características originais o que, muitas vezes implica a eliminação de, entre outras coisas, antenas de televisão e aparelhos de ar condicionado das fachadas. Nota-se, portanto, uma clara aposta na construção de uma determinada imagem, um bairro, onde se valoriza o carácter histórico dos edifícios e onde se pretende eliminar da vista todos os elementos que remetam o visitante para o presente.

Ao nível das políticas do turismo, há a destacar que, apesar do que já foi dito sobre o bairro e da profunda transformação que está a sofrer, não merece sequer uma

referência no *Plano Estratégico para o Turismo em Lisboa* (Associação de Turismo de Lisboa 2010; Associação de Turismo de Lisboa 2011).

A Bica é um bairro de visibilidade social reduzida, onde uma topografia e urbanismo característicos, que o encravam entre dois montes, fazem dele uma espécie de ilha. Essa invisibilidade também se faz sentir nos guias e roteiros turísticos da cidade de Lisboa que, na maioria das vezes, não reconhecem a existência do bairro como ponto de interesse turístico, relegando-o para um plano de semi-invisibilidade, uma vez que o apresentam como parte integrante do seu bairro vizinho, o Bairro Alto e destacam como único elemento visitável o Ascensor da Bica.

No entanto, como se viu no terreno, a Bica tem vindo a passar por um profundo processo de transformação. A sua proximidade ao Bairro Alto e ao Cais do Sodré, a Bica está agora repleta de espaços de diversão nocturna. O surgimento destes novos lugares de sociabilidades veio alterar os usos sociais do espaço público. Se durante o dia a circulação do ascensor não deixa espaço a outras utilizações da rua, quando o ascensor para a rua é das pessoas. Ao cair da noite os bares abrem as suas portas, e consequentemente abrem também as portas do bairro àqueles que os visitam e que enchem as ruas até de madrugada.

Esta súbita visibilidade da Bica, mais concretamente da Rua da Bica Duarte Belo, para além tem também implicações internas ao bairro. Se nos anos 1990 era consensual que a espinha dorsal da Bica era a Calçada da Bica Grande (Cordeiro 1997), hoje, essa questão deverá ser ponderada com mais atenção. Apesar de as marchas continuarem a ser organizadas na Bica de Baixo (Calçada da Bica Grande), uma vez que são da responsabilidade do Marítimo Lisboa Clube, a verdade é que começa agora a crescer o protagonismo da Bica de Cima. Mesmo nos arraiais dos Santos Populares era na rua do elevador que se encontrava a maior concentração de pessoas e, para os que lá vão beber um copo, ir à Bica significa ir à Rua da Bica Duarte Belo. As velhas tascas e mercearias foram substituídas por bares e restaurantes que, a juntar à maior atracção turística do bairro, o elevador, começam a transformar o bairro da Bica em um lugar turístico. A Bica ganhou, subitamente, uma nova e muito intensa visibilidade.

Hoje, para além das pessoas do bairro nos seus percursos quotidianos e da já muito frequente presença de turistas que lá vão para ver e experimentar o elevador, imagem de marca do bairro, há uma nova vaga de visitantes que lá vão jantar ou tomar um copo e que ali ficam enchendo a rua de gente e de vida até de madrugada.

O bairro da Bica, apesar de se situar no centro da cidade de Lisboa, de ser contemporâneo do Bairro Alto e de ser um dos bairros mais típicos, excepção feita ao elevador, é desprovido de pontos de interesse turístico. A ausência do factor atractividade fica bem patente nos modos como, de uma forma geral, os guias turísticos se referem a este pequeno bairro. A Bica dos guias é uma pequena parte do Bairro Alto e resume-se ao elevador e aos bares que existem na Rua da Bica Duarte Belo.

CONCLUSÕES

O objectivo deste estudo não é tentar encontrar uma definição de bairro ou dos seus limites. Tentar definir o conceito de bairro é uma tarefa complexa, como, de resto, é possível perceber pelas tentativas de definição vindas das mais variadas áreas. Entre elas destaco a apresentada pelo urbanista Kevin Lynch em *A Imagem da Cidade* (1990)

Bairros: os bairros são regiões urbanas de tamanho médio ou grande, concebidos como tendo uma extensão bidimensional, regiões essas em que o observador penetra (para dentro de) mentalmente e que reconhece como tendo algo de comum e identificável. São sempre passíveis de identificação do lado interior e, também, do exterior, no caso de se poderem notar, com diferenças de indivíduo para indivíduo.” (Lynch 1990, 58)

Já na década de 1990, também a antropóloga Graça Cordeiro, quando tentava, em conjunto com os moradores da Bica, encontrar as fronteiras do bairro da Bica se deparou com dificuldades. Num contexto de dimensões tão reduzidas, como é o Bairro da Bica, não só não foi possível encontrar unanimidade no modo como os seus habitantes definiam os limites do seu bairro, como lhe davam conta da existência de várias “Bicas”: a Bica de baixo, a Bica de cima e a Bica do lado de lá do elevador (Cordeiro 1997).

Segundo Lynch, também “não é invulgar o tipo de bairro onde o centro é bastante forte, rodeado por uma mudança temática que gradualmente vai desaparecendo” (1990, 81). No mesmo sentido, também o João Ferrão, geógrafo, considera que o bairro não deve ser pensado em termos de fronteiras estáticas, mas antes em termos de gradações de pertença que no centro é mais forte e que, à medida que nos afastamos desse centro, se vai atenuando (2011)²¹.

A dificuldade em definir as fronteiras de um bairro advém em grande medida da inexistência de fronteiras institucionais. Os bairros não se constituem como unidades administrativas e não é raro encontrar um bairro que se estende por mais que uma freguesia ou freguesias que comportam dois ou mais bairros.

²¹ Comunicação apresentada na Mesa Redonda "O lugar do bairro" organizada pelo CEAAT da Universidade Autónoma de Lisboa com o apoio da Câmara Municipal de Lisboa | CIUL que decorreu no dia 19 Janeiro, às 14.00h, no Centro de Informação Urbana de Lisboa (Picoas Plaza) <http://www.universidade-autonoma.pt/Mesa-Redonda-O-lugar-do-bairro-p717.html>.

Poder-se-ia dizer que os bairros pertencem ao domínio exclusivo da tradição oral (Cordeiro 1997). No entanto, apesar da inexistência de fronteiras, eles acabam por ter uma existência política, já que é sobre eles, e não sobre as freguesias a que pertencem, que recaem os planos de reabilitação e requalificação urbana e as políticas de dinamização cultural e turística.

Não é, no entanto, da definição de bairro que se vai aqui tratar.

O que aqui se pretende é saber a que bairros cabe o lugar de representantes da cidade, ou seja, quais os bairros emblemáticos de Lisboa e o que os caracteriza, ou seja, que elementos os tornam emblemáticos para, de seguida, tentar perceber se e em que medida, as imagens construídas pelos discursos turísticos têm alguma influência nos processos de transformação urbana.

Para responder à questão de saber quais os bairros emblemáticos de Lisboa, a primeira hipótese a ser colocada foi a de que os lugares que teriam por tarefa representar a cidade seriam os bairros típicos ou populares o que implicava esclarecer que bairros cabem dentro desta categoria de “*Bairro Popular de Lisboa*”.

Em *Um Lugar na Cidade* (1997), Graça Cordeiro diz que:

Se se perguntar a qualquer lisboeta quais são os *Bairros Populares* de Lisboa, a resposta esclarecerá que são aqueles que vão nas *marchas populares*. *Santos Populares* e *Bairros Populares* confundem-se no imaginário e no ciclo anual de vida da capital; ambos marcam a identidade de Lisboa e esclarecem-se mutuamente na sua história e nos seus temas (Cordeiro 1997, 23).

A partir desta ideia de que os *Bairros Populares* de Lisboa, os bairros que marcam a identidade da cidade, são aqueles que participam nas marchas populares, decidiu-se inventariar os bairros que contaram com participações nas Marchas Populares de Lisboa, para, no universo dos bairros da cidade, conseguir identificar os tais bairros populares.

Para o efeito recorreu-se às listas de classificações finais das marchas populares, listas essas que foram fornecidas pela EGEAC mas que também se encontram disponíveis nas páginas electrónicas de diversos jornais nacionais. Apesar da primeira

edição das Marchas Populares datar de 1934, o período seleccionado foi o que vai de 1998 a 2011 uma vez que é esse o período de análise estabelecido para este trabalho.²²

No quadro abaixo, (*Figura 4.1*), em frente a cada bairro participante encontramos um número que corresponde ao lugar em que ficou classificado em cada ano. Em alguns casos o espaço destinado à classificação da marcha está marcado com a letra “d” o que significa a desclassificação dessa marcha. Os espaços vazios, marcados a cinzento para mais fácil visualização, indicam a não participação no concurso desse ano.

MARCHAS POPULARES - CLASSIFICAÇÕES 1998 - 2011

BAIRROS	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Ajuda	14	17	9	17	14	d	20	18	15	17	19			
Alcântara	18	15	d	10	10	9	11	4	3	5	6	5	5	13
Alfama	1	1	1	2	5	2	1	1	1	1	2	1	1	2
Alto Pina	16	9	4	11	4	17	15	3	11	11	16	9	15	1
Bairro Alto	16	15	14	18	18	13	7	13	13	10	8	6	4	7
Bairro Lopes						11	19	15	12	14				
Baixa												11	16	18
Beato						6	5	11	8	16	4	3	10	8
Bela Flor									12	14	17	13	12	17
Belém														16
Benfica	15	11	16	12	14	15	12	17	16	18	20		19	
Bica	4	12	7	3	3	1	2	8	9	7	13	4	3	6
Campo de Ourique	10	18	d	16	16	15	18							
Campolide	7	14	13	15	17	12	9	14	8	3	15	15		12
Carnide	6	8	10	14	6	18	10	10	10	13	7	9	13	11
Castelo	9	3	3	6	2	4	7	12	4	4	5	1	6	5
Graça	8	12	12	7	12	8	14	19	11	12	13	9	13	10
Lumiar						14	16	16	10	6	10	10	18	
Madragoa	3	7	6	9	10	4	4	6	2	9	3	2	8	3
Marvila	2	2	2	1	1	7	6	4	6	2	1	2	2	4
Mouraria	10	4	5	4	8	3	12	2	5	4	12	8	7	14
Olivais	5	9	8	5	9			6	9	10	18	7	14	15
Penha de França	10	6	10	12	13	d	17						17	16
S. Vicente	13	5	15	8	7	10	2	9	7	8	8	12	11	9
Sta. Engrácia										13	15	11	9	13

Figura 4.1 - Lista de Classificação das Marchas de Lisboa 1998-2011²³

A análise das tabelas de classificações das Marchas Populares no período 1998-2011, permite, antes de mais, circunscrever, dentro do universo dos bairros de Lisboa,

²² Em anexo (Anexo D) encontra-se o quadro completo com as classificações das Marchas populares desde a sua primeira edição, em 1934, até 2011.

²³ Fontes: EGEAC; Cordeiro, Graça. 1997. *Um Lugar na Cidade. Quotidiano, Memória e Representação no Bairro da Bica*. Lisboa: Dom Quixote, 386); (Agência Lusa 2006; IOL 2007; Agência Lusa 2008; Agência Lusa 2009; Agência Lusa 2010; CML 2011a; EGEAC 2011)

os 25 bairros que, por contarem com participações nas Marchas Populares, se podem considerar como *Bairros Populares* de Lisboa, são eles: Ajuda, Alcântara, Alfama, Alto do Pina, Bairro Alto, Bairro Lopes, Baixa, Beato, Bela Flor, Belém, Benfica, Bica, Campo de Ourique, Campolide, Carnide, Castelo, Graça, Lumiar, Madragoa, Marvila, Mouraria, Olivais, Penha de França, Santa Engrácia e São Vicente. No entanto, dentro deste grupo dos bairros populares, existe o que se pode considerar uma hierarquia.

Nos imaginários lisboetas, nem todos os bairros que participam nas marchas têm o privilégio de representar a sua cidade. Há bairros que, apesar da sua participação continuada nas marchas não são, ou são-no muito raramente, evocados quando o assunto em discussão gira em torno dos *Bairros Populares de Lisboa*. Olivais, Lumiar, Carnide, Benfica, Santa Engrácia, Alto do Pina, Penha de França, Bela Flor, são exemplos de lugares normalmente esquecidos quando se pensa nos bairros populares de Lisboa e, à excepção das Marchas Populares de Junho, têm muito pouca ou nenhuma visibilidade (Costa 1999). No pólo oposto encontramos bairros como o de Alfama, o Bairro Alto, a Bica, o Castelo, a Graça, a Madragoa ou a Mouraria que são os bairros que estão na linha da frente, são aqueles em que imediatamente se pensa quando se fala nos bairros populares de Lisboa.

Este quadro (*figura 4.1*) também permite perceber que existe uma grande irregularidade no que diz respeito aos bairros que participam nas marchas, situação que fica mais clara quando traduzida no gráfico abaixo (*figura 4.2*).

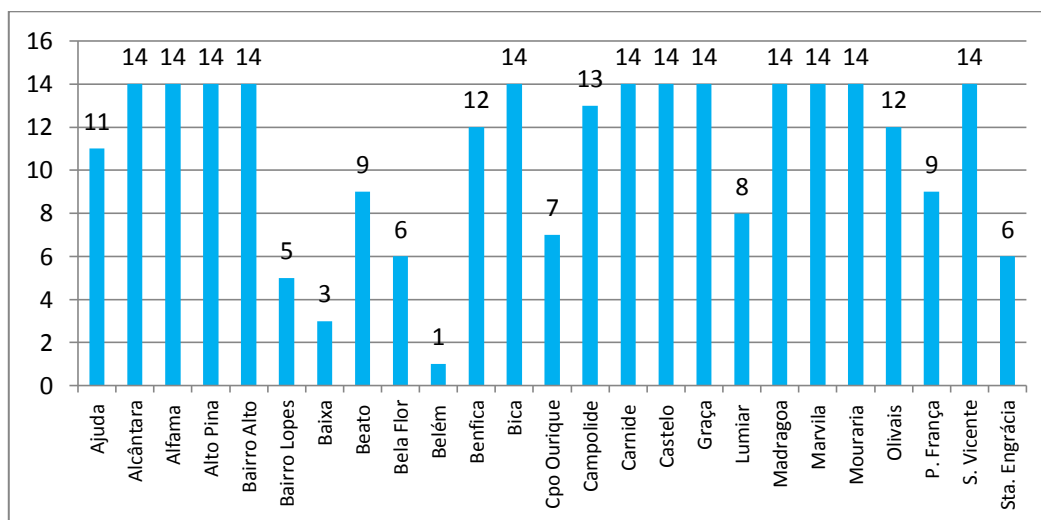


Figura 4.2 - Gráfico de participações nas Marchas Populares entre 1998 e 2011²⁴

²⁴ Fontes: (EGEAC, (Cordeiro 1997; Agência Lusa 2008; Agência Lusa 2009; Agência Lusa 2010; IOL 2007; Agência Lusa 2006; Agência Lusa 2008; Agência Lusa 2009).

Como é possível ver na *Figura 4.2*, no período entre 1998 e 2011, apenas 12, dos 25 bairros que contaram com participações, se apresentaram em todas as edições: Alcântara, Alfama, Alto do Pina, Bairro Alto, Bica, Carnide, Castelo, Graça, Madragoa, Marvila, Mouraria e São Vicente.

A análise destes dados (*figuras 4.1 e 4.2*) torna evidente que *bairro popular* não é necessariamente sinónimo de *bairro emblema*. A participação nas Marchas dos Santos Populares não é, por si só, um factor determinante para definir que bairros são chamados a representar a cidade.

A resposta à questão de saber quais são os bairros emblema de Lisboa encontra-se em três níveis diferentes: o dos imaginários populares lisboetas, o do discurso turístico e o das políticas de gestão urbana.

No que diz respeito aos imaginários lisboetas, o papel de representar a cidade de Lisboa cabe apenas a alguns bairros populares, aqueles que ficam no centro da cidade, os que, para além da sua participação nas marchas, estão presentes desde sempre na história e nas memórias da cidade. Aqueles lugares onde ainda se pode encontrar uma cultura popular bairrista, lugares ligados por redes de solidariedade e vizinhança, mas também lugares de degradação das casas, de pobreza, de marginalidade, do bairrista, do malandro, do fado e da figura incontornável do fadista que Ramalho Ortigão descreve como um homem que:

(...) não trabalha nem possui capitais que representem uma acumulação de trabalho anterior. Vive dos expedientes da exploração do seu próximo. Faz-se sustentar por uma mulher pública que ele espanca sistematicamente. Não tem domicílio certo. Habita sucessivamente na taberna, na batota, no chinquilha, no bordel ou na esquadra da polícia... é um anémico, um covarde e um estúpido. Tem tosse e tem febre; o seu peito é côncavo, os braços são frágeis, as pernas cambadas (...). A ferramenta do seu ofício consta de uma guitarra e de um *Santo Cristo*, que assim chamam tecnicamente à grande navalha de ponta e tríplice calço na mola (Brito 1999, 31).

O modo como os espaços são designados pode remeter “para referências sociais, culturais ou temporais, Por isso a análise da toponímia permite também analisar os usos sociais do espaço urbano” (Vidal 2008, 66) Alfama, Bairro Alto, Bica, Madragoa, Mouraria, são muito mais do que nomes que designam lugares, são nomes que

designam também sentimentos de pertença, bairrismos, modos de vida e tipos sociais a eles associados e neles reconhecidos (Cordeiro 2001; Cordeiro 2003b). Do lado dos imaginários, são esses os *bairros emblema* de Lisboa.

Quando se procura resposta no discurso turístico, nomeadamente aquele produzido por guias e roteiros turísticos, não encontramos bairros, mas super-bairros, super-lugares aos quais é atribuído o topónimo dos bairros mais visíveis. Depois, os critérios que definem a representatividade do bairro alteram-se. Para além da presença do bairro na história da cidade, factor fundamental, passa a ser tido em conta o factor atractividade, a visitabilidade do lugar (Costa 1999). Os discursos turísticos alicerçam-se sobretudo na história e nas vistas panorâmicas e pitorescas para construir uma imagem recheada de *tourist sights* (lugares de interesse turístico). É a existência dessas atracções que acaba por definir que bairros são emblemáticos da cidade.

Para os guias e roteiros turísticos, os bairros emblema são os dos labirintos de ruas estreitas e íngremes, da roupa a secar nas janelas, das sardinhas que se assam na rua. São aqueles que ao mesmo tempo que retratam os momentos mais importantes da história da cidade, permitem apreciar as vistas sobre si próprios, sobre a cidade e sobre o rio. Alfama, Baixa, Bairro Alto, Belém e Parque das Nações, são os lugares que melhor definem Lisboa e em torno dos quais gira todo o discurso turístico. Nos guias, eles tornam-se testemunhos vivos da história de Lisboa, onde se podem encontrar as marcas da sua identidade, o fado, as imagens pitorescas e os modos de vida tradicionais. Neste conjunto de bairros, o elemento dissonante parece ser o Parque das Nações cujas características contrastam com as dos outros lugares. No entanto, a inclusão do Parque das Nações no grupo dos bairros emblema explica-se pela importância que desempenhou na história recente da cidade. Do mesmo modo que Alfama é apresentada como símbolo das origens mouriscas de Lisboa e a Baixa ao terramoto, o Parque das Nações é apresentado como lugar que marca a abertura da cidade ao futuro.

Do ponto de vista das políticas de gestão urbana os bairros emblemáticos são os bairros históricos, aqueles que se situam no centro da cidade e sobre os quais incidem os planos de reabilitação e requalificação urbanas, as políticas culturais e do turismo.

As intervenções pautam-se quase sempre pela harmonização arquitectónica, demonstrando grandes preocupações cénicas. Numa espécie de obsessão higienista pretende-se eliminar da vista todos os sinais de modernidade. O mais pequeno indício de que o visitante está a viver o presente deve ser eliminado ou, quando muito, reduzido ao mínimo, sob pena de se quebrar a magia do lugar. Constroem-se assim lugares que só

parecem existir para serem vistos e não para serem vividos, lugares que, depois de construídos, empacotados e devidamente rotulados se constituam como “*tourist sights*”, imagens de cartaz capazes de atrair mais e mais gente à cidade.

Perguntava-se, no início desta dissertação se, a par com a Lisboa dos imaginários, também a Lisboa dos discursos turísticos era uma cidade de bairros. A resposta é um claro sim, Lisboa é Alfama, Bairro Alto, Baixa, Belém e Parque das Nações e, conhecer os bairros, é conhecer a cidade.

Os bairros desempenham um papel fundamental na construção da imagem da cidade. Nos guias e roteiros turísticos encontramos uma cidade que foi alvo de um processo de edição, construída, em grande medida, a partir dos seus bairros. Uma cidade feita de determinadas características e determinados elementos, como a história, o relevo, as vistas e as imagens pitorescas, que são exacerbados, elevados à categoria de “fundamentais para conhecer verdadeiramente a cidade” e, nesse sentido, como já foi dito anteriormente, os guias e roteiros turísticos acabam por construir uma cidade de papel que se sobrepõe à cidade do quotidiano (Vidal 2005). Esta sobreposição acontece, não apenas do ponto de vista daquele que a visita e que recorre aos guias turísticos para a “conhecer”, mas também do ponto de vista de quem a habita que, inevitavelmente, acaba por ser contagiado por essa imagem (Costa 1999).

Seja pelas suas origens históricas, pelas vistas panorâmicas e pitorescas que a topografia de Lisboa proporciona, pelo modo de organização da cidade ou por ser neles que nasceu a emblemática canção de Lisboa, o fado, a Lisboa dos guias turísticos é, definitivamente, uma Lisboa de bairros. Alfama, Bairro Alto, Baixa e Belém são os lugares que, porque possuem estas características, são considerados como imagens de cartaz da cidade, os seus bairros emblema. No entanto, apesar de nos guias encontramos uma cidade organizada por áreas que utilizam a designação popular de bairro, estas constituem-se, do ponto de vista da delimitação das suas fronteiras, como uma espécie de super-lugares que incluem sob um mesmo nome dois, três ou mais bairros. Os topónimos aparecem por isso desligados das unidades de pertença que designam, aparecem vazios do seu carácter de lugar de sociabilidades e, nesse sentido, tornam-se pontos de referência num mapa.

Com base num discurso de teor histórico-patrimonial os guias constroem a sua imagem dos bairros. Conseguem transformar um lugar de casas velhas e degradadas num velho bairro tradicional cheio de carisma. Um lugar onde a idade dos edifícios, as características dos traçados e algumas imagens quotidianas, cuidadosamente

seleccionadas, que apresentam como espelho dos modos de vida das pessoas, se tornam testemunhos da antiguidade do lugar, de um passado mais ou menos distante. Constroem uma imagem romântica do lugar, dando, dessa forma, a ideia de que, visitar os bairros, aqueles bairros, da cidade é como visitar a velha Lisboa e percorrê-los é quase como percorrer a história da cidade – Alfama mourisca, Bairro Alto quinhentista e boémio, Belém dos Descobrimentos e a Baixa pombalina.

Estas imagens da cidade e dos seus bairros construídas pelos discursos turísticos encontram eco naquelas construídas pelas políticas de gestão urbana.

As intervenções apostam na harmonização estética dos lugares e em operações de marketing que procuram maximizar o potencial turístico dos bairros, parecendo por vezes que há mais preocupação com quem lá vai do que com quem lá vive. Os bairros emblemáticos são os bairros históricos, aqueles que se situam no centro da cidade e sobre os quais incidem os planos de reabilitação e requalificação urbanas, as políticas culturais e do turismo.

Consciente da importância do turismo para o desenvolvimento da cidade, o município aposta forte na reabilitação e requalificação dos centros urbanos, áreas que têm maiores potencialidades turísticas. Pela regulamentação procura-se promover uma espécie de pastoral urbana, ou seja, uma imagem harmoniosa onde nada destoa, nada está fora do seu lugar.

Tanto no que diz respeito às imagens construídas pelos discursos turísticos, como naquelas construídas pelas políticas de gestão urbana, e tal como Sieber foi encontrar em Boston (Sieber 1993) ou Cooper em Toronto (Cooper 1993), assiste-se a uma transformação de significados e a uma valorização da paisagem, que neste caso é urbana. Através de um trabalho de produção de memória promove-se a “sacralização de idiosincrasias artificiais” (Delgado 2007, 67)²⁵.

Assim, podemos dizer que as imagens dos bairros construídas pelos discursos turísticos acabam por ter influência nos processos de transformação dos lugares porque se vêem espelhadas nas políticas de gestão urbana, instrumentos que fazem cidade. Nos discursos turísticos parece haver uma espécie de obsessão com o que é típico e autêntico. Por seu lado, os discursos políticos esforçam-se por traduzir no espaço esse carácter típico e autêntico através de regulamentos, planos e programas de reabilitação urbana.

²⁵ Tradução minha

No entanto, no que diz respeito ao caso específico da Bica, esta ligação só pode ser feita até certo ponto. Se por um lado as transformações ao nível da reabilitação dos edifícios vão de encontro às imagens construídas pelos guias, por outro lado, as transformações sociais, aquelas que, de uma forma mais marcante, contrastam com o passado recente do bairro, merecem outra explicação. Essa explicação é a sua proximidade ao Bairro Alto.

Pode-se dizer que, se até há pouco tempo, a topografia característica do bairro funcionou como uma barreira natural que o “protegia” do exterior, acabando por transformá-lo numa espécie de “ilha no centro da cidade” (Cordeiro 1997, 67), essa barreira foi definitivamente quebrada. O Bairro Alto parece ter atravessado o Largo do Calhariz e começado a descer em direcção ao Tejo pela única via de expansão possível, a Rua da Bica Duarte Belo. As velhas tascas e mercearias foram sendo sucessivamente substituídas por bares e restaurantes. Esta concentração de espaços de diversão nocturna veio alterar, não só o aspecto físico do lugar como também os modos como é vivido. A Bica ganhou, subitamente, uma nova e muito intensa visibilidade e hoje, para além das pessoas do bairro nos seus percursos quotidianos, da já muito frequente presença de turistas e daqueles que usam a Rua da Bica Duarte Belo, com ou sem ajuda do ascensor, como ligação entre o Calhariz e S. Paulo, há uma nova vaga de visitantes que lá vão jantar ou tomar um copo e que ali ficam enchendo a rua de gente e de vida até de madrugada.

No entanto, se por um lado, estes novos comércios ligados sobretudo à diversão nocturna contribuem muito significativamente para o aumento da visibilidade da Bica mas, por outro lado, podem também ajudar reforçar a ideia de continuidade entre o Bairro Alto e a Bica. A somar ao facto de a Bica ser um bairro de dimensões muito reduzidas, das semelhanças que existem ao nível do traçado dos dois bairros, e à proximidade territorial entre eles, separados apenas pelo Largo do Calhariz, surge agora esta nova ligação, a vida nocturna. A noite passa-se na rua, de bar em bar, à conversa e o facto de existirem bares dos dois lados do Calhariz faz com que as pessoas circulem constantemente entre os dois bairros eliminando a já muito ténue fronteira física e reforçando ainda mais a inclusão dos dois bairros sob uma mesma designação, Bairro Alto.

Ainda a propósito das imagens construídas pelos discursos turísticos e dos modos como elas influenciam a transformação dos lugares, não é possível deixar de referir as recentes participações da Baixa e de Belém no desfile das Marchas Populares.

A Baixa iniciou a sua participação em 2009 e Belém estreou-se no concurso em 2011 (ANEXO D). Vimos que existe uma grande instabilidade no que diz respeito aos bairros participantes no entanto, Baixa e Belém são duas das zonas mais visíveis da cidade, são bairros emblema de Lisboa o que levanta, desde logo, uma série de questões cujas respostas, apesar de não terem aqui lugar, não quero deixar de mencionar.

O concurso das Marchas dos Bairros Populares existe desde 1934 (Anexo D) e só nos últimos anos contou com a participação destas duas zonas, porquê? Que factores terão levado a esta súbita participação? Quem é que organiza as marchas destes lugares? E quem é que participa?

Falava-se aqui do processo de transformação de um bairro popular num lugar turístico, no entanto, no que diz respeito à Baixa e a Belém parece ter acontecido precisamente o inverso. Se os bairros populares são os que vão nas marchas populares os lugares turísticos, a Baixa em 2009 e Belém em 2011, transformaram-se em bairros populares por via da sua participação no concurso das marchas. Será então que o é o turismo que está a os *Bairros Populares* de Lisboa?

Se as práticas sociais produzem representações mas as representações também produzem práticas sociais podemos perguntar o que acontecerá ao Parque das Nações. Será que alguma vez veremos a Marcha do Parque das Nações a desfilar na Avenida da Liberdade?

FONTES:

Guias e Roteiros Turísticos de Lisboa:

- All World Guides. s.a. *Lisbon*. All World Guides. www.allworldguides.com.
- ANA, SA. 2006. *Your Guide, Lisboa*. Lisboa: ANA - Aeroportos de Portugal S.A.
- Buck, Paul. 2002. *Lisbon: A cultural and literary companion*. Cities of Imagination. Oxford: Signal Books.
- César, Margarida Silva. 1998. *The Best Guide: Lisboa*. Lisboa: J. Pedro Castanheira Publicações.
- Fodors. s.a. Lisbon Travel Guide. *Fodors - Lisbon Travel Guide*. <http://www.fodors.com/world/europe/portugal/lisbon/>.
- Folkard, Claire, Ferdie McDonald, Susie Boulton, and Sarah McAlister. 2008. *DK Eyewitness Travel Guide: Lisbon*. Eyewitness Travel. London: Dorling Kindersley.
- Fernandes, Mário, and Roger Warwick. s.a. Go Lisbon. <http://www.golisbon.com/>.
- Gallego, Merche. 2005. *Lisboa*. Ed. Raquel López Varela. Vive e Descobre. Rio de Mouro: Everest Editora.
- Guia da Cidade. s.a. Guia da cidade. *Guia da Cidade*. <http://www.guiadacidade.pt/pt/distrito-lisboa-11>.
- Hancock, Matthew. 2004. *Rough Guide Directions Lisbon*. Pap/Com. Rough Guides Ltd.
- Lisbon Guide. s.a. Lisbon Tourist Guide. *Lisbon Guide*. <http://www.lisbontouristguide.com/>.
- Louis, Regis St., Kerry Walker, Ket Armstrong, and Gregor Clark. 2005. PORTUGAL. In *Europe on a Shoestring: big trips on small budgets, 927–957*. Singapura: Lonely Planet.
- Schlecht, Neil. 2010. *Lisbon pocket guide*. Ed. Tony Halliday. 4th ed. Singapura: Berlitz Publications.
- Strawberry World. s.a. Lisboa: descobrir as áreas inexploradas da cidade. *Strawberry World - Lisbon*. <http://www.strawberryworld-lisbon.com/pt/descubra-lisboa/lisbon-discover-segways-gocars.html>.
- Trip Advisor. s.a. Lisboa. Trip Advisor. www.tripadvisor.es.
- Turismo de Portugal. s.a. Visit Lisboa. <http://www.visitlisboa.com/>.
- Vinon, Raphaëlle. 2001. *Lisboa, Guias-mapa*. Guias Mapa. Lisboa: Editorial Estampa.

Walker, Kerry. 2009. *Lisbon Encounter*. Encounter. China: Lonely Planet.

Walpaper Magazine. 2007. *Lisbon*. Walpaper City Guide. London: Phaidon Press Ltd.

Guias e Roteiros da Bica e zona envolvente:

Carvalho, Gabriela. *Roteiro Turístico do Bairro Alto / Bica*. Câmara Municipal de Lisboa.

Cordeiro, Graça, and Joaquim Garcia. 1993. *Lisboa, Freguesia de S. Paulo*. Guias Contexto. Lisboa: Contexto Editora.

Ferreira, Vítor Matias, and Maria Calado. 1992. *Lisboa: Freguesia de Santa Catarina*. Guias Contexto. Lisboa: Contexto Editora.

Miranda, António. 2003. *Historical Districts: Bica*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.

Imprensa:

Agência Lusa. 2006. *Alfama vence marchas de Santo António pelo terceiro ano consecutivo - Local - PUBLICO.PT*. June. http://www.publico.pt/Local/alfama-vence-marchas-de-santo-antonio-pelo-terceiro-ano-consecutivo_1260801.

———. 2008. *Marchas Populares: Marvila venceu edição deste ano - Local - PUBLICO.PT*. June. http://www.publico.pt/Local/marchas-populares-marvila-venceu-edicao-deste-ano_1332192.

———. 2009. “Alfama e Castelo conquistam o primeiro lugar nas Marchas Populares de Lisboa - Local - PUBLICO.PT”, June. http://www.publico.pt/Local/alfama-e-castelo-conquistam-o-primeiro-lugar-nas-marchas-populares-de-lisboa_1386426.

———. 2010. *Alfama vence Marchas Populares - Expresso.pt*. June. <http://aeiou.expresso.pt/alfama-vence-marchas-populares=f587948>.

IOL. 2007. *IOL Diário - Marchas populares: saiba quem ganhou*. June. http://diario.iol.pt/noticia.html?div_id=4071&id=820527.

Jornal i, and Agência Lusa. 2009. “Bairro da Bica em Lisboa nasceu com o terramoto de 22 de Julho de 1597.” *Jornal i online*, July 21.

<http://www.ionline.pt/conteudo/14280-bairro-da-bica-em-lisboa-nasceu-com-o-terramoto-22-julho-1597>.

Marreiros, António. 2007. Isto agora é que vai começar. *Time Out Lisboa*.
http://timeout.sapo.pt/printn.asp?id_news=3354.

———. 2008. “O que é que a Bica tem?” *Time Out Lisboa*, May 13.
http://timeout.sapo.pt/news.asp?id_news=1573.

Martins, Ana Garcia. 2007. “Bica: noites nos copos, tardes nas lojas.” *Time Out Lisboa*,
October 25. http://timeout.sapo.pt/news.asp?id_news=233.

Fontes Institucionais:

Associação de Turismo de Lisboa. 2010. ATL - Plano Estratégico 2011-2014.
http://www.visitlisboa.com/getdoc/2d96a472-47a7-408c-a606-977c0f7ab032/ATL-Plano_Estrategico-2011-2014.aspx.

———. 2011. TLx14 - Síntese Plano Estratégico para o Turismo de Lisboa. CML.
http://www.cm-lisboa.pt/archive/doc/TLx14_Portugues_vs_final_OK_22_12_10.pdf.

Carris. 2010. *Ascensor da Bica Comemora 118 anos*. June.
http://www.carris.pt/fotos/editor2/28junho_ascensor_da_bica_comemora_118_anos.pdf.

CML. 1994a. *PDM Lisboa. Diário da República n.º 226 - I Série - B*. Vol. Resolução do Conselho de Ministros 94/94.
<http://dre.pt/pdf1sdip/1994/09/226B00/59165980.pdf>.

———. 1994b. INVENTÁRIO MUNICIPAL DE PATRIMÓNIO - LISTA DOS IMÓVEIS E CONJUNTOS EDIFICADOS (ARTº 13º) PDM Anexo 1 -. CML.
<http://ulisses.cm-lisboa.pt/data/002/0020/anexo1.pdf>.

———. 1997. *Plano de Urbanização do Núcleo Histórico do Bairro Alto e Bica. Diário da República*. Vol. Declaração nº 263/97. October 14. <http://ulisses.cm-lisboa.pt/data/002/004/legisla/11.pdf>.

———. 2002. *Lisboa 2012, Uma Visão Estratégica*. CML. <http://ulisses.cm-lisboa.pt/data/002/009/index.php?ml=2&x=vis.xml>.

- . 2009a. Estratégias para a Cultura em Lisboa - Apresentação do Projecto. *Estratégias para a Cultura em Lisboa*. <http://cultura.cm-lisboa.pt/index.php?id=380>.
- . 2009b. Relatório do Estado do Ordenamento do Território (REOT). Sumário Executivo. CML. <http://ulisses.cm-lisboa.pt/data/002/004/pdf/pdm/revpdm2009doc2.pdf>.
- . 2009c. Carta Estratégica de Lisboa 2010/2024. Um compromisso para o futuro da cidade. CML. <http://cartaestrategica.cm-lisboa.pt/>.
- . 2010a. Plano Director Municipal de Lisboa. *PDML*. <http://pdm.cm-lisboa.pt/>.
- . 2010b. Plano de Pormenor de Reabilitação Urbana do Bairro Alto e Bica. CML. <http://ulisses.cm-lisboa.pt/data/002/004/pphistoria/ppbab/termos.pdf>.
- . 2011a. *Marchas Populares: Alto do Pina foi a grande vencedora*. <http://www.cm-lisboa.pt/?idc=88&idi=57605>.
- . 2011b. *REGULAMENTO REVISÃO PDM LISBOA*. March. http://pdm.cm-lisboa.pt/downloads/elementos_constituientes/01_regulamento/01_Regulamento_com_Anexos.pdf.
- Costa, Pedro, Miguel Magalhães, Tânia Teixeira, Giles Teixeira, and Bruno Vasconcelos. 2009. Estratégias para a Cultura em Lisboa. Câmara Municipal de Lisboa - Pelouro da Cultura, June. <http://cultura.cm-lisboa.pt/>.
- EGEAC. s.a. EGEAC - História. *EGEAC - Cultura em Lisboa*. <http://www.egeac.pt/history.php>.
- . s.a. EGEAC - Apresentação. *EGEAC - Cultura em Lisboa*. <http://www.egeac.pt/presentation.php?event=3#event-386>.
- . 2011. Tabela de Classificações das Marchas Populares 1990-2011.
- Ministério da Cultura. 2002. *Lista de Classificação de Imóveis*. February. <http://dre.pt/pdf1sdip/2002/02/042B00/13641399.pdf>.

Blogs:

- Curly Z. 2009. Parabéns a você.... Blog. *A Minha Bica, um olhar de quem aqui nasceu*. July 22. http://minha-bica.blogspot.com/2009_07_01_archive.html.

Filmografia:

Costa, Pedro. 1997. *Ossos*. Madragoa Filmes.

Firmino, Sílvia. 2005. *Gosto de Ti Como És*. Laranja Azul.

Tanner, Alain. 1984. *A Cidade Branca*. Atalanta Filmes.

Wenders, Wim. 1994. *The Lisbon Story*. Lions Gate.

BIBLIOGRAFIA:

- Agier, Michel. 2011. *Antropologia da Cidade, lugares, situações, movimentos*. Trans. Graça Cordeiro. Antropologia Hoje. São Paulo: Editora Terceiro Nome.
- Anderson, Benedict. 1991. *Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*. Verso.
- Augé, Marc. 1994. *Não-Lugares. Introdução a uma antropologia da sobremodernidade*. Lisboa: Bertrand.
- Baptista, Luís Vicente. 2003. Territórios, imagens e poderes. In *Etnografias Urbanas*, ed. Graça Cordeiro, Luís Vicente Baptista, and António Firmino da Costa, 35–42. Lisboa: Celta.
- Barreira, Irllys Alencar Firmo. 2005. “Os guias turísticos em Berlim.” *Tempo Social* v. 17 (n. 1): pp. 299–320.
- Barthes, Roland. 1981. *A Câmara Clara*. Lisboa: Edições 70.
- Botton, Alain de. 2003. *The Art of Travel*. Penguin Books Ltd.
- Branquinho Pequeno, António. 2009. “Imaginar Lisboa.” *Ângulo Recto* Vol I.
- Brito, Joaquim Pais de. 1999. O Fado: etnografia na cidade. In *Antropologia Urbana: Cultura e Sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Cazes, George. 1998. Le Renouveau du Tourisme Urbain. Problématiques de recherche. In *Le Tourisme et la Ville: Experiences Européennes.*, ed. Georges Cazes and Françoise Potier. L’Harmattan.
- Chaves, Miguel. 1999. *Casal Ventoso: da Gandaia ao Narcotráfico*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Cooper, Mathew. 1993. Access to the Waterfront: Transformation of Meaning on the Toronto Lakeshore. In *The Cultural Meaning of Urban Space*, ed. Robert Rotenberg and Gary McDonogh, 157-171. London: Bergin & Garvey.
- Cordeiro, Graça. 1997. *Um Lugar na Cidade: Quotidiano, Memória e Representação no Bairro da Bica*. Lisboa: Dom Quixote.
- . 2001. “Trabalho e Profissões no Imaginário de uma Cidade: Sobre os Tipos Populares de Lisboa.” *Etnográfica* Volume V (nº 1): 7–24.
- . 2003a. A antropologia urbana entre a tradição e a prática. In *Etnografias Urbanas*, ed. Graça Cordeiro, Luís Vicente Baptista, and António Firmino da Costa, 3–32. Lisboa: Celta.
- . 2003b. “Uma Certa Ideia de Cidade: Popular, Bairrista, Pitoresca.”

- . 2007. “Entre a rua e a paisagem. Reflexões em torno da urbanidade de Lisboa.” *Ler História* (nº 52): 57–72.
- Costa, António Firmino da. 1999. *Sociedade De Bairro. Dinâmicas Sociais da Identidade Cultural*. Oeiras: Celta.
- Delgado, Manuel. 2007. *La Ciudad Mentirosa: Fraude y Miseria del 'Modelo Barcelona?* Madrid: Catarata.
- Eames, E., and J. Goode. 1977. *Anthropology of the City: An Introduction to Urban Anthropology*. Prentice Hall.
- Eddy, Elizabeth. 1968. *Urban Anthropology: Research Perspectives And Strategies*. First Edition. Southern Anthropological Society, Athens.
- Edensor, Tim, and Uma Kothari. 2006. Colonialismo edulcorado: un centro temático de vacaciones en Isla Maurício. In *Arquitectura y Turismo, Percepción, Representación y Lugar*, ed. D. Medina Lasansky and Brian McLaren, 316. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SL.
- Fernandes, José Luís. 1997. *Actores e territórios psicotrópicos: etnografia das drogas numa periferia urbana*. <http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/18145>.
- Ferrão, João. 2011. Bairros, para que vos queremos? Comunicação presented at the O Lugar do Bairro, Lisboa. <http://www.universidade-autonoma.pt/Mesa-Redonda-O-lugar-do-bairro-p717.html>.
- Frúgoli Jr, Heitor. 2009. A Cidade no Diálogo entre Disciplinas. In *Plural de Cidade. Novos Léxicos Urbanos*, ed. Carlos Fortuna and Rogério Proença Leite, 53–67. Coimbra: Almedina.
- Gonçalves, Maria Estela. 2008. A Lisboa dos e nos Guias Turísticos: Lisboa a Compor-se ao Espelho. Mestrado, Lisboa: ISCTE.
- Hannerz, Ulf. 1983. *Exploring the City, Inquiries Toward an Urban Anthropology*. New York: Columbia University Press.
- Lynch, Kevin. 1990. *A Imagem da Cidade*. Trans. Maria Cristina Tavares Afonso. Arte & Comunicação 15. Lisboa: Edições 70.
- Medeiros, António. 2003a. *A Moda do Minho: um ensaio antropológico*. Lisboa: Edições Colibri.
- . 2003b. “Minho: Retrato Oitocentista de uma Paisagem de Eleição.” *Revista Lusitana (Nova Série)*.
- Park, Robert E., and Ernest W. Burgess. 1984. *The City: Suggestions for Investigation of Human Behavior in the Urban Environment*. University Of Chicago Press.

- Pinheiro, Magda. 1990. “Crescimento e Modernização das Cidades no Portugal Oitocentista.” *Ler História* (nº 20): pp 79–108.
- Pujadas, Joan J. 2008. A Rua como Espaço Público de Sociabilidade: Um Olhar Comparativo. In *A Rua - Espaço, Tempo, Sociabilidade*, pp. 143–154. Horizonte Universitário. Lisboa: Livros Horizonte.
- Pujadas, Joan J., and Graça Cordeiro. 1990. *Sociabilidad y asocianismo en un barrio de Lisboa: a vida social fragmentaria vs construccion de una identidad de barrio*. Granada.
- Pujadas, Joan J., and Antónia Pedroso Lima. 1990. *Estratégias de reprodução familiar en un barrio de Lisboa*. Granada.
- Sieber, Tim. 1993. Public Access on the Urban Waterfront: A Question of Vision. In *The Cultural Meaning of Urban Space*, 173-193. Contemporary Urban Studies. London: Bergin & Garvey.
- . 1997. Urban Tourism in Revitalizing Downtowns. In *Tourism and Culture, an applied prespective*, ed. Erve Chambers. New York: State University of New York.
- . 2008. Ruas da Cidade e Sociabilidade Pública: Um Olhar a Partir de Lisboa. In *A Rua - Espaço, Tempo, Sociabilidade*, pp. 47–64. Horizonte Universitário. Lisboa: Livros Horizonte.
- Silva, Cristina Santos. 2001. *Famílias de Alfama - Dinâmicas e Solidariedades Familiares num Bairro Histórico de Lisboa*. Estudos e Investigações 20. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Sontag, Susan. 2008. *On Photography*. Modern Classics. London: Penguin Books Ltd.
- Urry, John. 2002. *The Tourist Gaze*. 2nd ed. London: SAGE.
- Vidal, Frederic. 2005. “A Hipotese da Cidade Imóvel. Itinerários Urbanos numa perspectiva comparada.” *Ler História* (Nº 48): 109–123.
- . 2007. “Ruas e Sítios na Lisboa Oitocentista. Usos e Classificações em quatro Roteiros da Cidade.” *Ler História* (Nº 52): 9–21.
- . 2008. A Rua como Lugar de Referência. Identificando Domicílios em Lisboa no Séc. XIX. In *A Rua - Espaço, Tempo, Sociabilidade*, 65-78. Lisboa: Livros Horizonte.
- Williams, Raymond. 1988. *Key Words, a vocabulary of culture and society*. London: Fontana Press.

ANEXO A

DK	Lonely Planet - Europe	Paul Buck - Lisbon	Lonely Planet - Lisbon encounters
How to use this guide	Portugal	PART ONE: ARRIVALS	The Author
INTRODUCING LISBON	History	Introduction	This is Lisbon
Four great days in Lisbon Putting Lisbon on the map The history of Lisbon	People and Culture Arts Sport	A brief history of Lisbon Rio Tejo	Highlights Lisbon Diary Itineraries
Lisbon through the year	Environment	PART TWO - THE CENTER	Neighbourhoods
LISBON AREA BY AREA	Transport Lisbon	Baixa	Bairro Alto, Chiado and around Baixa and Rossio
Baixa and Avenida Bairro Alto and Estrela Belém	Sights and Activities	Mercado da Ribeira Elevadors	Alfama, Castelo and Graça Belém
Further Afield Two guided Walks The Lisbon coast	Orientation Alfama Belém Saldanha	Chiado & Bairro Alto Fado & Food Tram 28	Parque das Nações Marquês de Pombal
TRAVELLERS' NEEDS	Outskirts of Town Parque das Nações Alcântara	Castelo de São Jorge Alfama	Estrela, Lapa & Doca de Alcântara
Where to stay Restaurants, Cafes and Bars Shopping in Lisbon Entertainment in Lisbon	Festivals and Events Around Lisbon	PART THREE - THE EAST Azulejos Expo 98	Day trips Snapshots Background Directory Index
SURVIVAL GUIDE	Sintra Cascais Setubal	PARTH FOUR - THE NORTH Rossio Sintra	
Practical information Getting to Lisbon Getting around Lisbon Lisbon street Finder General Index Acknowledgments Phrase book	The Algarve Central Portugal Northern Portugal Portugal Directory	Avenida da Liberdade Jardim Botânico Gulbenkian PART FIVE - THE WEST Janelas Verdes Belém	

ANEXO A (CONTINUAÇÃO)

Estampa - guias-mapa	Everest - Vive e Descubre	Best Guide	Your Guide - ANA, SA
<p>Bem-vindo a Lisboa!</p> <p>Mapa geral da cidade</p> <p>Descobrir Lisboa por intermédio dos seus seis grande bairros</p> <p>A: Belém</p> <p>B: Alcântara/Lapa/Estrela/Rato</p> <p>C: São Sebastião/Saldanha/Monsanto</p> <p>D: Restauradores/Bairro Alto/Chiado</p> <p>E: Baixa/Alfama/Castelo</p> <p>F: Graça/São Vicente de Fora/Parque das Nações</p> <p>Transportes e hotéis de Lisboa</p> <p>Índice Temático</p>	<p>Assim é Lisboa</p> <p>Como Chegar e Movimentar-se</p> <p>Onde alojar-se</p> <p>Itinerários pela cidade</p> <p>Alfama-Castelo-Graça</p> <p>Baixa-Chiado-Bairro Alto-Estrela</p> <p>Restauradores-Parque Eduardo VII-Campo Pequeno-Campo Grande</p> <p>Cais do Sodré-Alcântara-Belém-Ajuda</p> <p>Outros Lugares de Lisboa</p> <p>Benfica e Arredores</p> <p>Museus</p> <p>Espectáculo e Desportos</p> <p>Onde Comer</p> <p>Às compras em Lisboa</p> <p>À noite em Lisboa</p> <p>Lisboa para crianças</p> <p>Passeios pelos arredores</p> <p>Lisboa num fim-de-semana</p> <p>Lisboa numa semana</p> <p>Festas e eventos</p> <p>Índice Toponímico</p>	<p>Informações úteis</p> <p>Localização geográfica e Bairros Típicos de Lisboa</p> <p>A História de Lisboa</p> <p>Costumes e Tradições</p> <p>Hotéis, Golfe, Desporto e Lazer</p> <p>Restaurantes, Docas de Santos e Vida Nocturna</p> <p>Compras</p> <p>Serviços</p>	<p>aeroporto</p> <p>olhar Lisboa</p> <p>bairros de Lisboa</p> <p>Reordando Rafael Bordalo Pinheiro</p> <p>PERCURSOS</p> <p>Dois dias em Lisboa</p> <p>SUGESTÕES</p> <p>Monumentos</p> <p>Museus</p> <p>miradouros</p> <p>parque das nações</p> <p>casas de fado</p> <p>etc</p> <p>golfe</p> <p>marinas</p> <p>praias</p> <p>telefones úteis</p> <p>embaixadas</p> <p>transportes públicos</p>

ANEXO A (CONTINUAÇÃO)

Berlitz - pocket guide	Rough Guide - Lisbon	WALLPAPER
Introduction	Introduction	Introduction
A brief History	Ideas	Essential Info
Where to go Alfama Baixa (lower city) Bairro Alto (upper city)	The big six sights Viewpoints Historical Lisbon Views to feast on	Neighbourhoods
Lapa Belém North Lisbon Parque das Nações Across the Tagus Excursions from Lisbon	Places	Landmarks Hotels
What to Do Shopping Entertainment Sports Children's activities	Day-trips The Baixa Rossio and around The Sé and around The Alfama and the riverfront Castelo, Mouraria and Graça Eastern Lisbon Cais do Sodré and Chiado Bairro Alto	24 Hours Urban Life Architecture
Eating Out Handy Travel Tips Hotels and Restaurants Index	Praça do Príncipe Real and around São Bento, Estrela and Lapa Alcântara and the riverfront Avenida da Liberdade and around Parque Eduardo VII and the Gulbenkian Northern Lisbon Parque das Nações Sintra The Sintra Coast, Queluz and around Cascais and Estoril South of the Tejo	Shopping Sports and SPAS Escapes Notes Resources Map
	Accommodation Essentials Language Index	

ANEXO B_LISBOA POR ÁREAS - Quadro das áreas referidas nos índices dos guias papel

TBG98	Alfama	Castelo	Bairro Alto	Mouraria	Madragoa	Graça	Baixa					
LGM01	Baixa	Alfama	Castelo	Restauradores	Bairro Alto	Chiado	Belém	Graça	S. Vicente	Parque das Nações		
BUC02	Alfama	Chiado	Bairro Alto	Baixa	Belém	Expo98						
RGL04	Alfama	Bairro Alto	Baixa	Belém	Parque das Nações							
LP05	Baixa	Alfama	Castelo	Bairro Alto	Belém	Lisbon & Around (Expo98)						
V&D05	Alfama,	Castelo	Graça	Baixa	Chiado	Bairro Alto	Estrela	C. Sodré	Alcântara	Belém	Ajuda	Outros Lugares de Lisboa (Expo 98)
ANA06	Mouraria	Alfama	Bairro Alto	Baixa Pombalina	Belém	Restelo	Zona Oriental (Expo 98)					
DK08	Alfama	Bairro Alto	Estrela	Baixa	Avenida	Belém	Further Afield (Expo 98)					
LP09	Alfama,	Castelo	Graça	Bairro Alto	Chiado	Baixa	Rossio	Belém	Parque das Nações			
LPG10	Alfama	Bairro Alto	Baixa	Belém	Parque das Nações							

ANEXO C_MAPA DE VISITAS

MAPA VISITAS

#	Data	Dia da Semana	Hora Chegada	Hora Saída
1	15-05-2010	Sábado	10:30	13:00
2	21-05-2010	sexta-feira	23:00	2:30
3	12-06-2010	Sábado	22:00	2:00
4	23-01-2011	Domingo	15:00	17:30
5	02-02-2011	quarta-feira	22:00	0:30
6	06-02-2011	Domingo	10:00	11:30
7	12-02-2011	Sábado	23:00	2:30
8	16-02-2011	quarta-feira	18:00	19:30
9	27-02-2011	Domingo	9:00	11:30
10	28-02-2011	Segunda-feira	9:00	11:30
11	02-03-2011	quarta-feira	20:30	0:00
12	04-03-2011	sexta-feira	19:00	22:00
13	05-03-2011	Sábado	21:30	0:00
14	06-03-2011	Domingo	15:00	17:30
15	07-03-2011	Segunda-feira	17:30	19:00
16	13-03-2011	Domingo	11:00	12:30
17	18-03-2011	sexta-feira	23:00	2:30
18	24-03-2011	quinta-feira	20:00	23:30
19	29-03-2011	Terça-feira	17:30	20:00
20	09-04-2011	Sábado	23:00	2:00
21	15-04-2011	sexta-feira	13:00	15:00
22	16-04-2011	Sábado	10:00	12:00
23	20-04-2011	quarta-feira	13:30	14:30
24	29-04-2011	sexta-feira	20:30	1:00
25	12-06-2011	Domingo	20:00	4:00

ANEXO D - QUADRO DE CLASSIFICAÇÃO DAS MARCHAS POPULARES DE LISBOA 1934-2011

Classificação

BAIROS	1934	1935	1940	1947	1950	1952	1955	1958	1963	1964	1965	1966	1967	1968	1969	1970	1981	1982	1983	1988	1989	1990	1991	1992
Ajuda	3	2									6	6	6	3	3	5	3	12	7	5	17	15	15	17
Alcântara	3	2	3		4	6	2	6	4	7	2	7	7	7	7	7	5	8	2	5	15	16	16	9
Alfama	1	1	1	2	3	2	3	3	2	9	5	7	4	6		2			3	5	7	1	2	2
Almadã				5																				
Alto Pina	3			5		4	6	6	7	3	9	7	7	7	7	7	5	14	13	5	10	7	14	12
Bairro Alto	3		2	4	4		6	4		10		7	7	7	7	7	5	10	10	5	5	13	7	7
Bairro Lopes																							19	
Baixa																								
Beato																								
Bela Flor																								
Belém																								
Benfica	3	1	1	4	2	5	4			6	8	7	7	7	5	7	5	5	8		1	12	17	13
Bica						1	1	1	1	4		3				1					9	4	7	1
Campo de Ourique	3		3	5	4	6	6	6	5	2	10	7	7	7	7	7	5	4	12	5	13	17	18	16
Campolide	1				3	4	5	2	2		3	5	7	7	6					5	8	6	9	14
Carnide												7	7	1	2	7	2	11		5	16	8	3	11
Castelo	1	2	1	1	4			6	6		13	7	7		7	7	2	1	1	1	3	2		
Chelas		2																						
Graça	1	2	2	5	3	5	6	6	9		4	7	5	7	7	7		6	6	5	14	14	11	15
Lapa			3																					
Lumiar																								
Madragoa	2	1	1	4	1	4	6	6	3	1	1	1	2	2	4	6		9	4	2	4	9	1	3
Marvila						6	6	2	1	5	12	7	1	4	7	6	4	3	9	3	2	3	6	5
Mouraria	3	2	2	2	2	3	6	3		8	11	2	3	6	1	3	1	2	5	5	6	5	5	4
Olivais												4	7	7	7	4		13	13	5	18	18	12	8
Penha de França											7	7									11	10	4	6
S. Bento			3																					
S. Miguel																								
S. Vicente	3	2	1	4	3	5	6	6		11	14	7	7					7	11	4	12	11	10	10
S. Domingos de Benfica																							13	
Sete Rios	3																							
Sto. Amaro	3																							
Sta. Catarina							6	5			6	7	7	5	7									
Sta. Clara		2																						
Sta. Engrácia																								

Legenda: d - desclassificado

1934 - 1994 Fonte: *Um Lugar na Cidade (Cordeiro 1997: 386)*

1990 - 2011 Fonte: EGEC; Público.pt; Expresso.pt; IOL.pt

ANEXO D - QUADRO DE CLASSIFICAÇÃO DAS MARCHAS POPULARES DE LISBOA 1934-2011 (Continuação)

Classificação		1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	
BAIROS																					
Ajuda		13	12	14	17	12	14	17	9	17	14	d	20	18	15	17	19				
Alcântara		17	2	5	9	11	18	15	d	10	10	9	11	4	3	5	6	5	5	13	
Alfama		1	3	4	1	1	1	1	1	2	5	2	1	1	1	1	2	1	1	2	
Almada																					
Alto Pina		10	7	13	6	16	16	9	4	11	4	17	15	3	11	11	16	9	15	1	
Bairro Alto		9	10	3	10	17	16	15	14	18	18	13	7	13	13	10	8	6	4	7	
Bairro Lopes												11	19	15	12	14					
Baixa																		11	16	18	
Beato												6	5	11	8	16	4	3	10	8	
Bela Flor															12	14	17	13	12	17	
Belém																					16
Benfica		15	8	15	14	9	15	11	16	12	14	15	12	17	16	18	20		19		
Bica		5	4	7	7	4	4	12	7	3	3	1	2	8	9	7	13	4	3	6	
Campo de Ourique		16	14	16	16	14	10	18	d	16	16	15	18								
Campolide		2	5	6	12	14	7	14	13	15	17	12	9	14	8	3	15	15		12	
Carnide		4	16	7	8	12	6	8	10	14	6	18	10	10	10	13	7	9	13	11	
Castelo			13	17	15	2	9	3	3	6	2	4	7	12	4	4	5	1	6	5	
Chelas																					
Graça		14	18	11	17	10	8	12	12	7	12	8	14	19	11	12	13	9	13	10	
Lapa																					
Lumiar												14	16	16	10	6	10	10	18		
Madragoa		?	1	2	13	8	3	7	6	9	10	4	4	6	2	9	3	2	8	3	
Marvila		3	11	1	3	6	2	2	2	1	1	7	6	4	6	2	1	2	2	4	
Mouraria		12	9	18	5	5	10	4	5	4	8	3	12	2	5	4	12	8	7	14	
Olivais		8	6	10	11	d	5	9	8	5	9	d		6	9	10	18	7	14	15	
Penha de França		?	17	12	3	7	10	6	10	12	13	d	17						17	16	
S. Bento																					
S. Miguel																					
S. Vicente		11	15	7	2	2	13	5	15	8	7	10	2	9	7	8	8	12	11	9	
S. Domingos de Benfica																					
Sete Rios																					
Sto. Amaro																					
Sto. Catarina																					
Sto. Clara																					
Sto. Engrácia															13	15	11	9	9	13	

Legenda: d - desclassificado

1934 - 1994 Fonte: *Um Lugar na Cidade (Cordeiro 1997: 386)*

1990 - 2011 Fonte: EGECAC; Público.pt; Expresso.pt; IOL.pt